ANNO XXVII — N.º 39
Rio, 30 de Setembro de 1933
— PREÇO: 1$000 —

O CONTO BRASILEIRO

Quando morre o amor...

(A Bastos Portella)

E aquelle grande amôr por Jorge parece que desappareceu num dia, insensivelmente, com aquelle pouco caso com que se perde uma flôr na rua...

As mulheres, muitas vezes, são tão voluveis no amôr, como ajuizam dos homens, e, assim, Jorge, que levantára para a sua meiga Lucia um altar, em que julgava ser o unico devoto, viu, com o correr do tempo, que fôra esquecido...

Os annos foram pasando, e as duas lindas creanças que faziam o encanto daquelle lar cresciam, ignorando o tragico romance de seus paes, cujo desquite fôra já levado a effeito, com mágoa da familia de Jorge e com verdadeiro odio da de Lucia...

Todos os dias, porém, Jorge, que afinal era um sentimental como nós, escrevia a Lucia, linda carta, muito sincera, amorosa e humilde, onde lhe contava, ainda e sempre, o recato daquelle amôr ora perdido, cartas essas que iam cahindo no fundo da gaveta de sua secretaria, e que apenas serviam para consolo da sua alma compungida por essa enorme saudade de tudo que já não volta...

Quantas noites, abatido pelo drama de sua vida, abria a gaveta, tirava do seu bojo as cartas deliciosas que ella soubéra escrever noutras éras, quando parecia que ainda o amava, e confrontava-as com a ultima que recebêra de Lucia, carta fria, glacial, de mulher que nunca amára...

Desenrolava as fitas que prendiam aquellas missivas amorosas, confissões antigas de um affecto que talvez nunca existisse.

Alli estava tambem a sua photographia, aquelles mesmos olhos tristes, claros, doces, mentirosos, promettendo mil amabilidades, mil caricias, tudo quanto sabe prometter uns lindos olhos de mulher.

E tudo isso tinha acabado...

* * *

Entre dentes, Jorge murmurava: "Mentirosa!" E repetia, com a volupia de ouvir o éco de sua propria vóz: "Mentirosa!"...

A vida parecia-lhe impossivel... Não tivéra coragem de separar os filhos do affecto materno, e deixára os unicos élos que ainda o prendiam á vida com aquella mulher, para viver só, irremediavelmente, só, no vazio da sua linda mas sombria "garçonnière" de homem quasi solteiro...

Que adeantava o optimo ordenado que recebia, as considerações constantes de seu chefe, a inveja de seus collegas, o elogio de seus amigos, os olhares das moças que trabalhavam com elle na mesma casa, si, lá longe, ficaram as duas lindas creancinhas, sangue de seu sangue, carne de sua carne, separadas do seu carinho, do seu amôr sempre constante, da sua saudade que não podia morrer?

E a vida de Jorge era um eterno martyrio, uma provação que não merecia, porque era bom, porque sabia que não fôra máu esposo nem máu pae. Quantas noites, no seu triste quarto, fumando o seu cachimbo, deitado em sua "chaise-longue", emquanto a fumaça traçava arabescos no ar, elle admittia até a hypothese de uma reconciliação com Lucia, da volta dos seus amados filhinhos, que eram a razão de ser da sua vida! E lógo, pela sua mente, passava aquella cavalgada dos dias bons, dos dias felizes, dos domingos cheios de sól, dos passeios de automovel, das duas garotas a rirem com aquelle riso innocente das creanças.

Mas os arabescos ficavam apenas no ar, desappareciam, e vinham-lhe á memoria aquelles versos que lêra não sabia onde:

As nossas illusões são semelhantes
na duração, aos glóbolos de es-
[puma:
Formam-se, e após breves instantes
Vêmol-as desfazer... uma por uma...

* * *

Pobre Jorge, e pobre Lucia! Cantaros exiguos de amôr, liberdades repletas de escravidões, abundancias cheais de necessidades, labios séccos, labios sedentes de amôr e carinho.

Separados. Elle porque amou, ella porque não o soube comprehender. Desequilibrios humanos que levam tudo de roldão, a innocencia de duas lindas creanças, que de nada sabem, que nada podem prever.

— Onde está o papae? — pergunta ás vezes a mais velha.

— Viajando — responde, friamente, a mãe.

— Quando volta?

— Um dia...

E a mãe desconversa, e a pequena continúa a brincar com o seu ursinho, aquelle brinquedo que o papae lhe déra quando fez 5 annos...

* * *

Esse "um dia" se eterniza, como a todos aquelles que vêm deante de si a negra, tétrica, discutida palavra, que hoje é tão facilmente discutida, mesmo nos lares onde ha felicidade: "Divorcio..."

E ha quem o defenda pelos jornaes! Ha quem ajude a fórmar a liga pró-divorcio.

* * *

A vida de Lucia.

A vida de Jorge.

E o futuro dessas duas creanças? Só ha uma resposta, tétrica, mas verdadeira: *Quem sabe!*

* * *

Isto que aqui vae, meus amigos, não é um conto, uma historia, uma pagina de prosa, uma tentativa literaria. E' apenas a historia real, que arranquei do livro *A Vida*, desses dois entes que eu reputo desgraçados, dessas adoraveis creancinhas que tudo ignoram...

A vida? Ella é muitas vezes amarga. Felizes os que nunca soffreram como Jorge e como Lucia!

Plinio Mendes

NOS PÓRTOS DO

(Inédito para FON-FON)

APESAR do que se diz em contrario, não é exclusividade dos maritimos ter uma noiva em cada porto. Qualquer joven de bôa presença e caracter atrevido póde ter todas as que quizer. Pedro era um desses jovens quando contava vinte e cinco annos e fazia parte da officilladade dos Hussares de Sua Majestade, época em que se casavam nelle a figura flexivel e elegancia de official de cavallaria e o espirito audaz, tradicional naquelle corpo.

Estava de viagem para juntar-se ao seu regimento no Oriente e chegára á cidade de Argel, seguindo o conselho de um amigo que lhe informára tomasse ali um dos vapores da linha P. E. O., em logar de fazer em Marselha.

No momento em que começa a narração, elle se encontrava assentado numa das mesas do café da Estrella, á rua d'Isle, amaldiçoando o amigo, porque acabava de saber que o vapor vinha atrazado e só chegaria dois dias depois. Não sabia o que fazer para passar o tempo até lá.

Do logar em que se encontrava assentado, podia observar os que passavam. Um grupo de argelianos, composto de uma mistura de judeus, arabes e europeus de raça latina, impressionou-o desfavoravelmente; suas feições eram menos varonis que as dos habitantes do Extremo Oriente do Mediterraneo, e faltava-lhes vitalidade. Preferia os arabes de puro sangue, de que vira passarem alguns, com o seu habitual ar majestoso e os seus turbantes brancos. Um joven arabe magnifico estava, precisamente, parado perto delle... Tratava-se, sem duvida alguma, de um homem de fortuna, pois as suas vestes eram das mais ricas e elegantes que vira em toda sua vida.

Esse espectaculo fêl-o olvidar por momentos, o aborrecimento, emquanto a sua apparencia de inglez fez com que se encontrasse logo rodeado de uma multidão de vendedoras e de mendigos, como é de praxe nos portos do Mediterrano.

Depois de desfazer-se, como poude, dos importunos, e quando já começava a familiarizar-se com o logar, viu um grupo, no centro do qual se achava uma joven, que attrahiu immediatamente a sua attenção.

Essa rapariga — como Pedro disse a si mesmo — era alguma coisa fóra do commum. Ha muito tempo já não via uma moça tão bonita. Ella, por sua vez, não ignorava que era bella, pois tinha esse ar de importancia proprio das mulheres seguras de seus attractivos. A joven notou que Pedro a olhara, e este poude precaver-se, em razão do rapido olhar que a moça lhe dirigiu e pela maneira ostentosa por que se poz a conversar com aquelles que a acompanhavam, como a mostrar ter elle despertado muito pouco interesse nella. Não podia assegurar qual a sua nacionalidade. Parecia ingleza, mas, pelo modo de vestir e pela vivacidade dos gestos, quando falava, poderia ser tomada por franceza. Seus companheiros tambem o intrigavam. O homem era de baixa estatura, grosso de corpo e entrado em annos; parecia argeliano, pela côr escura. Dava-se o mesmo em relação á mulher, igualmente baixa e gorda.

Que terá essa moça, branca e esbelta, com tal gente? Não podia ser parente de nenhum dos dois. Quem quer que fosse, agradava-lhe. Conhecia, não obstante, o sufficiente sobre paizes estranhos para saber que, provavelmente, teria de conformar-se em admiral-a á distancia si por acaso a visse de novo. No estrangeiro as jovens bem educadas não prestam attenção alguma ás relações que se possam entabolar nos cafés.

Elle, porém, nada perdia em admiral-a. Não se dava por achado. Todas as vezes que Pedro olhava em sua direcção, encontrava-a semphe com a vista em alguma outra parte, ou conversando animadamente com seus companheiros. Parecia tão alheia á sua presença, que até duvidou tivesse notado encontrar-se elle ainda ali assentado a uma das mesinhas.

MEDITERRANEO

Por DE MORAES

Depois de tres tentativas, sem nenhum exito, para trocar um olhar com ella, decidiu-se a abandonar o café e chamou o caixeiro. Emquanto este contava o troco, olhou-a de novo e viu que um negociante hespanhol de tecidos, que se aproximára tambem delle no começo, lhe mostrava agora mantilhas de séda. Seus dois companheiros conversavam entre si. Parecia interessada nas mantilhas, e, emquanto as examinava com as mãos, falava ao mercador. Afinal, decidiu-se a não comprar nenhuma e despediu o individuo, que se dirigiu para onde o moço se achava. Pedro fez-lhe signal que se afastasse, mas o mercador não se deu por entendido e mostrou-lhe uma das mantilhas mais convidativas.

— Leva-as daqui; não quero comprar nada — disse-lhe Pedro.

Como resposta, o homem approximou-se mais ainda e collocou-lhe a mantilha sobre o braço.

— Digo-lhe que tire sua mercadoria, — insistiu Pedro, chamando o caixeiro para fazer sahir o importuno vendedor.

Mas, antes que chegasse o caixeiro, o homem conseguiu dizer a Pedro:

— Na mesquita de Omar, ás tres da tarde.

— Que diz você? interrogou Pedro.

Mas o homem desappareceu immediatamente.

Pedro ficou pensativo. Que quereria dizer esse sujeito ao falar-lhe: *Na mesquita de Omar, ás tres da tarde?*

Tratava-se, por acaso, de uma mensagem da joven? Mas, si ella tinha interesse em falar-lhe, porque nem siquer o olhára? Pedro observou que o vendedor de fazendas estava parado na rua, conversando com um joven arabe bem vestido. Estava a ponto de levantar-se para dirigir-se ao homem, quando notou que o gordo argelino pagava a sua conta.

Viu que o grupo ia abandonar immediatamente o café e que os seus componentes passariam a seu lado ao retirar-se. Conservou-se, pois, em seu lugar, esperando que assim o fizessem.

Passaram, com effeito. Em primeiro logar o argelino; depois a joven, e, por ultimo, a mulher.

Pareceu a Pedro que os dois vigiavam a moça, mas esta parecia não dar por tal, caminhando com a maior naturalidade e olhando para os lados, como si estivesse entre pessôas de confiança.

Quando se aproximaram de sua mesa, Pedro fez todo o possivel para chamar attenção, porque, si ella o olhasse, poderia acreditar vir della a mensagem, e, no caso contrario tratar-se-ia de algum ardil para fazê-lo visitar a mesquita e dar a gorgeta correspondente.

Quando ella deslisou a seu lado, o coração palpitou-lhe com violencia; a moça, porém, não deu mostras de querer fazer-se comprehendida.

Pedro teve a opportunidade de admirar-lhe a formosura mais de perto, ficando-lhe na mente, bem gravada, a graciosa silhueta. Notou que o olhar da argelina estava fixo sobre elle com uma franca expressão de hostilidade como si lhe quizesse mostrar todo o aborrecimento pelas tentativas feitas para attrahir a attenção da moça.

Suas feições denotavam um caracter desagradavel sob todos os pontos de vista. Abandonou a idéa de seguil-os e permaneceu no café para o "lunch" e para a leitura dos jornaes inglezes, o que o trouxe distrahido até ás duas e meia da tarde, occasião em que chamou o caixeiro e perguntou onde ficava a mesquita de Omar.

O caixeiro deu-lhe a explicação necessaria, accrescentando que era a melhor mesquita de Argel, e que nenhum viajante deixava de vital-a.

Como não tinha nada que fazer até a hora do jantar, Pedro achou melhor ir vêr a mesquita.

Ainda que o procurasse occultar a si mesmo, o certo é que a imagem da joven permanecia gravada em seu pensamento.

Não acreditava no amôr á primeira vista, mas tambem não podia negar a impressão que lhe produzira a desconhecida desde o primeiro momento. Não ousava suppôr vel-a de novo, desde que todas as suas manobras para en-

(Continúa na pag. seguinte)

trar em relação com ella tinham fracassado pela manhã.

Mas, apesar de todas as apparencias lhe serem favoraveis, não podia supprimir de todo a idéa de que a moça notára, na realidade, sua presença no café e até alimentava a illusão de que ella desejava falar-lhe.

Afastando-se da rua d'Isle, Pedro caminhou pela costa.

Não havia muitas embarcações no porto: alguns navios carvoeiros e de carga, assim como o pequeno vapor que faz a carreira entre Argel e Marselha; e, acolá, na bahia, divisava-se um bóte a motor que a atravessava numa velocidade de sessenta kilometros á hora. Pensou no prazer que encontraria viajando num desses bótes.

Depois de caminhar um pedaço, deu com a rua principal da cidade, onde lhe haviam dito ficar a mesquita de Omar. Um arabe aproximou-se logo e saudou-o respeitosamente:

— Quer Abdullah, como guia, senhor?

Estava bem vestido e possuia uma certa distincção de maneiras que impressionou favoravelmente Pedro.

Acreditou têl-o visto antes e, com effeito, descobriu ser o mesmo arabe a quem o vendedor de fazendas falára ao sahir do café, pela manhã.

— Desejaria visitar a mesquita de Omar, — disse Pedro.

— A mesquita está fechada para os visitantes, esta tarde, — respondeu Abdullah —. Ha outros pontos da parte antiga da cidade que merecem ser conhecidos.

Pedro não acreditava que a mesquita estivesse fechada, já que lhe haviam dito poder visitál-a. Por isso, contestou:

— Procurarei entrar na mesquita, porque talvez não tenha opportunidade de vêl-a uma outra vez.

Continuou pois o seu caminho, acompanhado de Abdullah.

Assim que chegou em frente da mesquita, viu entrarem e sahirem outros turistas, como elle, o que confirmava a sua crença de que a mesquita estava aberta e que o arabe lhe havia mentido.

Entraram.

Pedro encontrou-se numa camara escura, cujo pavimento se encontrava coberto com magnificos tapetes do Oriente. Com o pretexto de dar um giro de inspecção, começou a visitar cuidadosamente todo o edificio.

Já o havia percorrido em quasi toda a extensão, quando se encontrou, de chofre, com um grupo de pessôas trajadas á européa, que olhavam os vitraes do templo.

Havia dois homens e duas mu-

Nos Pórtos do Mediterraneo

(Continuação)

lheres, uma das quaes reconheceu de prompto. Era a joven do café. A outra mulher era a argelina acompanhada do marido.

O quarto individuo trazia um uniforme. Pelo numero de seus galões, Pedro deduziu que se tratava d algum funccionario de importancia.

Era alto, bochechas salientes e apparencia vulgar.

Pedro sentiu-se chocado ao vez que o mesmo se encontrava em muito bôas relações com a joven, a quem dava o braço. Recordando os olhares cheios de odio que lhe tinha dirigido a argelina, no café, Pedro se propoz tomar todas as precauções necessarias para evitar qualquer nova suspeita.

Collocou-se ao lado da joven como um turista qualquer e poz-se a olhar os vitraes como si nunca houvesse visto maravilha maior. De repente, sentiu que alguem lhe tocava na mão e collocando-lhe um papel entre os dedos. Pedro não perdeu com isso a presença de espirito.

Nem siquer se voltou para ver si era a joven quem lhe havia entregue o papel. Pouco depois, Abdullah tocou-lhe no hombro, dizendo-lhe que deviam visitar a

tumba de um sacerdote mussulmano, alli mesmo.

Olhando para a esquerda, Pedro viu que o grupo tinha desapparecido. Depois de visitar o tumulo do sacerdote, Pedro agradeceu a Abdullah os seus serviços, dizendo-lhe já ter visto bastante e que se ia retirar. O arabe fez com que Pedro chamasse um "taxi", dando ordem para que o conduzissem ao hotel.

Ao partir, Abdullah lhe disse:

— Irei vêl-o esta noite, no hotel.

— Maldito arabe! — pensou Pedro, sentindo haver dado o nome do hotel ao conductor.

Uma vez no "taxi", abriu nervosamente o papel e leu: *Café da Estrella, ás 11 horas em ponto.*

— Alem de tudo, póde acontecer que o vapor da linha P. E. O. venha atrazado, — pensou Pedro.

A's onze menos um quarto, dirigiu-se ao café da Estrella e installou-se na mesma mesa que occupára pela manhã. Sentia que os factos se desenrolariam agora com rapidez. Pelo menos saberia si se tratava ou não de alguma burla ou de algum ardil. Joven e cheio de optimismo, inclinava-se a crêr que tudo correria bem, mas ao mesmo tempo recordou-se de que a joven nem ao menos o olhára durante o dia.

Como se atreveria então a sahir sózinha ás 11 horas da noite para ir ao seu encontro?

Olhou em torno. O café estava cheio de gente. Uma joven de aspecto attrahente chamaria de certo a attenção.

Mas, afinal de contas, fôra ella propria quem indicára esse logar e deveria saber o que fazia.

Pensando em todas essas coisas, descobriu, numa mesa proxima, o gordo argelino e o individuo de uniforme que vira na mesquita.

A presença de ambos não augurava nada de bom.

Estava seguro de que a joven não desejava encontrar-se com semelhantes pessôas.

Alarmado por ella, Pedro imaginou que, si ella viesse sózinha pela rua, elle deveria ir ao seu encontro, para avisal-a do que se passava.

Muito a contra gosto, e com grande aborrecimento, foi que viu chegar Abdullah, vestido com a elegancia de sempre.

Abdullah passou em frente á mesa de Pedro e cumprimentou-o com a sua cortezia habitual.

Pedro respondeu á saudação num movimento rapido de cabeça.

— Quer ver a dança da vibora, esta noite? E' muito interessante.

— Não; prefiro ir dormir.

E depois, para ver-se livre do individuo, accrescentou:

— Venha aqui mesmo amanhã

ás dez horas para mostrar-me outras curiosidades.

Semelhantes palavras pareceram satisfazer a Abdullah, que se afastou.

Pedro olhou o relogio e viu que eram onze em ponto. O argelino e o importante funccionario encontravam-se ainda na mesa.

Só Deus sabia o que aconteceria si a moça viesse e os encontrasse alli. Não a via, porém, em parte alguma.

Um cinematographo proximo trazia no momento grande concorrencia á rua, concorrencia essa composta de individuos de todas as nacionalidades: francezes, italianos, arabes, e que passavam ao seu lado vestidos de maneiras diversas. Os vendedores ambulantes ainda pullulavam pela rua numa hora tão avançada da noite. Pedro conseguia desfazer-se de alguns delles, quando uma mulher arabe inteiramente vellada, veiu offerecer-lhe um collar de contas de ambar. Como o vendedor de fazendas, collocou-lhe o collar sobre o braço.

— Siga-me, mas não me dirija palavra.

Estas palavras, ditas com cautela, foram pronunciadas no mais puro inglez. Depois a joven se afastou.

Deixando o café, Pedro seguiu a mulher, misturando-se com a multidão que se movia na rua. Podia distinguir a dama vellada a uns vinte passos de distancia. Ia sem meias, como as mulheres pobres do lugar, mas sua figura nada perdêra da elegancia. Percorreu toda a rua d'Isle e em seguida entrou numa viella. Pedro seguiu-a. A viella tornava-se cada vez mais estreita e mais escura. Sem que désse por tal, a joven desappareceu das suas vistas. Acreditou que tivesse cahido numa emboscada. Proseguiu em seu caminho, não obstante, e, ao passar por uma porta, uma mão agarrou-o por um braço e fêl-o entrar á força para um saguão. Esteve parado durante um momento na mais completa escuridão. Abriu-se depois uma porta, que dava entrada para um pequeno aposento bem illuminado.

— Entre! — ouviu dizer.

Ella, a joven do café, estava parada no meio do aposento, já sem o véo e o adorno da cabeça.

— Sinto tél-o incommodado de tal modo — disse, em perfeito inglez. Esperava ter occasião de falar-lhe na mesquita, mas elles ali estavam. E' horrivel! Não me deixam sózinha um unico momento, e, o que é peor, ainda, elle tambem se encontrava presente.

— E, quem são elles? E quem é elle?...

Nos Pórtos do Mediterraneo

(Continuação)

Pedro falava lentamente, quasi em tom jovial.

Era evidente que a moça se achava muito nervosa e elle desejava acalmál-a.

— Esse desagradavel casal argelino com quem estou morando. Vi-os no café está manhã. Receei lançar um olhar para o seu lado, porque ali se encontravam; vigiam-me constantemente.

— E quem é elle?

— Meu noivo.

— Seu noivo?!

Pedro sentiu que o mundo desapparecia sob seus pés.

Assim ella estava compromettida em casamento e o noivo achava-se na cidade!

Não era de admirar, então, que tivesse tido tanto cuidado no café e não o olhasse na mesquita.

— Devo casar-me no sabbado proximo.

Pedro guardou silencio. Não o deixava satisfeito a nova; mas, nada encontrava para dizer:

— Não quero casar-me com esse homem; prefiro lançar-me ao mar!

— Oh! nesse caso...

— Oh senhor não comprehende — interrompeu ella. Em França, existe o casamento de conveniencia, e as jovens, muitas vezes, não são consultadas a respeito. Papae, que era inglez, morreu. Mamãe arranjou tudo isto; meu noivo é o chefe de policia de Argel e tem uma posição elevada. Minha mãe conheceu-o em Paris, e ali combinaram. Mandou-me para cá passar uma temporada com uns amigos que eu nunca vira. Não me deixam livre um só momento. Quando cheguei, disseram-me que ia casar-me com o chefe de policia. Por mais que relutasse, que chorasse, não pude commovêl-os. Nada consegui. Como sabe, estas coisas aqui são resolvidas quasi que summaria e arbitrariamente. Sendo chefe de policia, lhe é muito facil encontrar quem se preste a testemunhar um acto desses... Que poderia eu fazer? — continuou ella, depois de alguns segundos. — Aqui não é Paris, nem siquer a França. Em Paris uma moça a quem se quer casar contra a vontade póde sempre refugiar-se em casa de alguma amiga. Mas, numa colonia como esta, tão distante, não ha quem possa prestar-me auxilio. Tanto o consul como o governador são amigos do chefe de policia, e nunca acceitariam as minhas allegações, como base para um rompimento, acreditando sómente naquillo que elle diz. Não tenho dinheiro algum, nem onde conseguil-o, de modo que estou completamente em seu poder. Lvar-me-ão sabbado á igreja; si porventura eu lá não fôr, o juiz virá casar-nos em casa. Aqui todos estão sempre promptos a ajudar o chefe de policia. Quando, hoje pela manhã, entrei no café da Estrella, reparando no senhor, vi logo que era inglez e que como tal estaria sempre prompto a ajudar uma moça. Consegui arranjar esta roupa e fugir até aqui. Ajudar-me-á o senhor?

— Sem duvida, — respondeu Pedro, ainda que não soubesse como ser util em tal emergencia.

No sabbado, chegaria o navio. Si tivesse de ir para a França em vez de Bombay, ser-lhe-ia relativamente facil escondêl-a num dos pequenos vapores que fazem a viagem para Marselha.

— Como poderei vêl-a outra vez? — perguntou elle.

— Vestir-me-ei como agora e estarei com o senhor por minutos, amanhã á noite, á mesma hora em frente ao café.

— Muito bem. Está dito. Emquanto isso, procurarei descobrir o que poderei fazer pela senhorita.

Ella ia retirar-se, quando Pedro a deteve.

— Permitte-me dizer-lhe uma coisa?

(Conclúe na pag. 11)

A TORMENTA

TAM! TAM!

— Quem bate?

— Abri, pelo amor de Deus!

Era uma voz de mulher, e a bôa Maria, tranquillizada, puxou a tranca da porta, que se abriu de par em par ao furioso empurrão do vento.

No humbral appareceu uma mulher com as vestes gottejantes e os aneis de negro cabellos escorrendo agua.

— Entre, póde entrar... Mas, que lhe succede?... Sente-se mal? Espere...

E a bôa senhora tomou a desconhecida pelo braço, acompanhou-a até uma pequena cadeira, onde ella cahiu exhausta, e correu, em seguida, ao fogão e reavivou o fogo deitando-lhe gravetos seccos, que arderam, enchendo de luz a cozinha. Fóra, o vento diminuia, a chuva se tornava mais fina e o trovão retumbava surdamente ao longe, pelos flancos abruptos da montanha.

Maria, mulher de sessenta e cinco annos, ainda esbelta e agil como uma joven, olhava de soslaio a recem-chegada, que occultava o rosto com as mãos, como si quizesse defendel-o da claridade do fogo. Olhava-a e não perdia de vista seu netinho, que corria pela cozinha batendo palmas.

— Fica quieto, pequeno, si não vou te dar ao homem que pega meninos... Dá-me essa chicara!... Depressa, menino. Com quem estou falando?...

O menino negava-se a obedecer. Maria teve que ir buscar a taça de leite, e a serviu amavelmente á joven, que continuava sentada na cadeira, sem trocar de posição.

— Vamos! Beba isto! Está quente, e lhe fará bem...

Em seguida, voltando-se para o netinho, emquanto a mulher bebia:

— Espera ahi que Cencio já chega... e então terás o merecido castigo, desobediente!

A taça tremeu de tal modo nas mãos da desconhecida, que pouco faltou para que o leite cahisse ao solo. Volveu os seus grandes e profundos olhos para Maria, a quem perguntou, com voz ansiosa, espantada:

— Como disse a senhora? Quem é Cencio?

— E' meu genro. O pae deste diabinho. Sahiu hontem com o carro e já devia estar de volta... Mas, com esse aguaceiro... Com certeza se abrigou no rancho de algum camponez... E' viuvo, sabe? Oh! si não fosse eu, esta creaturinha não teria quem se interessasse por ella, quem cuidasse della... Minha pobre filha morreu muito joven, desse mal que não perdôa... um mal implacavel!... Tinha casado por amor... Nós, graças a Deus, tinhamos alguma coisa de nosso... O rapaz era trabalhador... Desejava pôr uma carvoaria. Possuiamos algum dinheiro, a moça estava cegamente apaixonada por elle e elle por ella. Mas, havia uma difficuldade... Oh! Tome, beba!... Sim, havia uma difficuldade, pois na sua terra, porque elle não era destas plagas, dizem que teve relações... Coisa sem importancia... não sei bem... Falavam que vivêra muito tempo com uma rapariga... Elle não sabia o que fazer para deixal-a... não sabia... Por outro lado, não sentia a menor inclinação por ella... Bem! O facto é que, afinal, se decidiu. Todas as coisas se fizeram aqui. Elle não quiz voltar a pôr os pés em sua terra. Eu nunca estive lá, mas deve ser gente muito ruim, aquella, porque, para atemorizar um homem da sua tempera, é preciso, é preciso... Emfim, nunca se atreveu a voltar á sua terra, como si não fôra dono de sua vontade, como si não pudesse casar com aquella que melhor lhe parecesse... Depois de casado, disseram-lhe que o haviam mettido em causa, veiu aqui um typo mysterioso trazendo duas cartas... Eu não entendia nada... Como nunca sahi daqui... Não sei porque, mas Cencio, que teve de ir á cidade duas vezes, soffreu tanto naquella época, que se abatia a olhos vistos. Ia-se extinguindo dia a dia, como numa cadeia. E depois não creia a gente em certas cousas. Ah!, minha filha! As maldições da outra trouxeram-lhe desgraça! E por isso lhe morreu a mulher, minha filha, comprehende?, lhe morreu a mulher, que era formosa e bôa como um anjo. Mas, si ha um Deus, eu lhe peço todos os dias, com toda minha alma, que castigue a quem assim nos arruinou!

E a velhinha com um gesto quasi juvenil, levantou uma braçada de lenha secca e a atirou ao fogo, reavivando-o, emquanto proseguia:

— E você minha filha, de onde vem?

Um homem

Mas como a resposta demorasse muito, a velha deixou o fogo e se approximou da desconhecida. Agora a distinguia claramente, mercê do tremulo reflexo das chammas, e sua voz faltou como por encanto deante da dolorosa expressão daquelle rosto.

A desconhecida era uma mulher ainda joven, mas as profundas olheiras que cercavam os pobres olhos, desmesuradamente grandes, não deixavam duvida das muitas lagrimas que haviam derramado. Seus cabellos, muito negros, estavam semeados de abundantes fios de prata. Aquilino era seu nariz, exangue sua bocca, tremulas e delgadas suas mãos. O que, porém, mais chamava a attenção de Maria, enchendo-lhe a alma de suspeitas e de ansiosa curiosidade

De Fernando Paoleri

era, aquella extrema e rara pallidez de anemica.

— Mas, você está bem doente! Virgem Santa! E aqui estamos sós. Não ha medico nem botica... Mas, aonde se dirige? Para onde vae? De onde vem caminhando?...

— Deixe-me sahir... Preciso ir-me...

— Sahir? Com este tempo?... Sahir nesse estado? Quer se suicidar?

— Não, não... Deixe-me ir... Deixe-me ir, por caridade... Não está mais chovendo...

E levantou-se, para novamente cahir na cadeira, com a cabeça, que ficava entre as mãos.

— Mas, como quer ir, si não póde se manter em pé?... Aonde

distrahido...

quer ir? Diga me: é você daqui de perto?

— Não, nem siquer conheço ninguem aqui... Mas, deve morar perto uma tia minha... Procuro sua casa... Puzeram me no caminho... Ensinaram-me direito... Mas, tenho andado tanto...

— Como se chama e quem é sua tia?

Chamam-na "A Santinha"...

— Misericórdia! A curandeira?

— Sim, sim, é ella... A senhora a conhece?

— Mas, você deve sabêl-o... Si morreu ha cinco annos! Como é, então, que não o sabe?

A velha não obteve resposta. Por um momento, um profundo silencio envolveu a habitação, silencio interrompido, apenas, pelos debeis gemidos do vento, que morria. Cessára de chover. Do fogão, já sem lume, escapava uma ou outra faisca, que se ia perder na sombra. E, de repente em meio daquelle silencio, ouviu-se, fóra, acompanhada de barulho de passos no chão, molhado, uma voz, que gritava:

— Maria! Traze a chave do estabulo! Estou ensopado até os ossos!

Maria correu a abrir e a ajudar Cencio a metter o burro no estabulo. E, emquanto tirava os arreios do animal, dizia, com aquella sua facilidade de falar:

— Sabes, Cencio? Ha novidade... Meu Deus, como estás molhado! Guarda o burro... Ha gente em casa... Uma mulher mysteriosa, que não sabemos de onde vem, nem para onde vae... Diz e se contradiz... Que mysterio será este?... Agora é que me lembro: e si é uma cigana? E eu que deixei o nenem com ella!

E sahiu correndo, esquecendo-se de pôr o cabresto no burro, e sem notar a subita mudança de Cencio, que vacillou e teve que se apoiar na parede para não cahir. Quando se sentiu um pouco reanimado, com um grande esforço de vontade, sahiu do estabulo murmurando: "Quero convencer-me!"

Mas, encontrou na porta Maria, procurando deter a desconhecida, que se debatia debilmente para que a deixassem sahir. A' vista, porém, de Cencio, a joven já não resistiu: como si seus torturados nervos houvessem recobrado, subitamente, todo o vigor perdido, seus olhos lançaram faiscas e suas mãos se ergueram em um gesto que era um mixto de ameaça e de supplica.

— Olha-me! Olha-me!... Sou eu, eu!

E, em seguida, entrando, vacillante, na cozinha, se deixou cahir numa cadeira com a cabeça entre as mãos, soluçando amargamente, emquanto o menino, assustado, a chamava timidamente, puxando na fralda de sua saia.

— Mas quem é essa mulher, Cencio?

— Ah!... Talvez!... E tem a coragem de pisar em nossa casa? Ella, a causadora de todos os nossos males, a feiticeira que, com suas pragas, matou minha pobre filha, tem a coragem, e a audacia, e o desaforo de apresentar-se aqui?! Vamos, recolha suas coisas e parta já, ouve?

Cencio, de pé, com os braços cruzados, a cabeça inclinada, olhava em torno de si, com os olhos sombrios, murmurando, entre dentes, como si sonhasse:

— Ernesta?... Ernesta?...

Mas a joven, ao ouvir aquellas atrozes invectivas, se revoltou. Levantou-se, com os olhos inundados de lagrimas, que brilhavam como as de uma allucinada, e disse, surdamente, com calma:

— Aonde quer a senhora que eu vá? A' minha terra, expôr a minha propria vergonha? A' minha terra, onde já não conto com ninguem? Tem medo, porventura, que eu obrigue a senhora a dar de comer a meu filho?... Elle — e apontava Cencio — elle sabe onde está meu filho?... Dorme... sob a herva do cemiterio! E' alli que está o pobrezinho! Sim, que eu o matei!

"Sim, e é inutil que a senhora procure se desvencilhar de mim com semelhante nojo, porque eu confessei e purguei horrivelmente o meu delicto!... Elle, não! A senhora sabe bem o que significa perder toda esperança, ver desapparecer, de repente, tudo o que nos rodeia? E por que? Hoje, nos querem, amanhã, não... E a mãe?... E o menino?... Eu me prostrei, como deante de um santo, deante de seu genro, a quem queria mais do que a mim propria... Por elle eu teria trabalhado dia e noite, e teria feito toda sorte sacrificios. Mas, elle, da noite para o dia, pelo vil interesse, me voltou as costas esqueceu suas promessas,

(Continúa na pag. seguinte)

esqueceu tudo o que se passára entre nós, renegou seu sangue, enxovalhou a minha reputação... Quando soube que havia fugido... — sim fugido para estas montanhas — quando vi que não me restavam mais esperanças, que já não havia remedio, enlouqueci. E uma noite muito longa estive olhando, como agora olho a senhora, meu filho, que dormia... E seus cabellos eram os delle, delle eram seus labios, o nariz, a fronte, tudo... E, quando, de manhã, cedinho abriu os olhos e olhou-me... vi que tambem os olhos eram os olhos do pae! E, então, como si, em vez do menino, fosse elle que estivesse deante de meus olhos, apertei, apertei... apertei... Não sei o que foi aquillo... não sei... O que é facto é que matei a creança... Dez annos de carcere foi o meu castigo... Dez annos de vestido de prisioneira, de trabalho monótono, de silencio, de loucura, com uma hora de ar por dia, e a

— Não vaes dizer que a culpa foi minha, pois sou chauffeur ha oito annos.

— E eu sou pedestre ha quarenta e cinco, seu idiota!

A TORMENTA

(Conclusão)

carcereira por traz... No emtanto, elle, o maior criminoso, não foi condemnado! E agora, senhora, deixe-me ir... Deixe-me morrer, deixe que eu em perca de uma vez, de uma vez..."

— Não, não se vá... Fique, pelo amor de Deus! — supplicava a velha, abrançando-se áquella desgraçada, impedindo-a de apanhar o seu pacote e detendo-a com todas as forças. — Fique! Não faça loucuras...

O menino chorava desconsoladamente. Cencio collocou-se, resolutamente, deante da porta, para impedir-lhe a sahida. A joven, exhausta, esgottada pela breve luta, com as mãos sobre o peito, parára junto á janella, de onde se viam grupos de nuvens dispersas, emigrando...

— Oh! Como pudeste permanecer tanto tempo calado? — censurou Maria a seu genro. — Como pudeste comer, dormir e trabalhar? Como pudeste viver ao lado de tua mulher e beijar teu filhinho? Queres dizer-me? Vamos!...

Cencio atravessou a cozinha com a cabeça inclinada, e, ao chegar á porta, voltou-se, e murmurou:

— Mas... ella... ella o sabia...

— Ella? Quem? A pobre Julia?...

— Sim!...

E, com os punhos cerrados, mordendo os labios, sahiu e se dirigiu ao estabulo.

Maria voltou-se para a infeliz, aproximou-se lentamente della, segurou-a pela mão e, mandando-a docemente sentar-se de novo, sussurrou-lhe ao ouvido:

— E pensar... que eu lhe desejei tanto mal!

Então, a dôr tanto tempo contida no peito da joven transbordou de repente. Ella rompeu em gemidos e soluços, refugiou-se no peito da anciã e suffocou seu pranto convulso. O menino, não ouvindo mais as vozes excitadas de antes, sahira do recanto onde estava e, timidamente, se approximára da avó e da desconhecida, que abraçadas, choravam juntas, e ficou a contemplal-as. Maria chamou-o, pôl-o deante de Ernesta e, affectuosamente, lhe disse:

— Chama-a mamãe, meu filho... mamãe...

E, através as lagrimas que lhe empanavam os olhos, as duas mulheres viram, como uma maravilha, um sol esplendoroso que, afugentando a derradeira das dispersas nuvemzinhas, resuscitava a campina, mais alegre e florida depois da tormenta...

O director de uma orchestra symphonica dá uma surra em seu filho...

NOS PÓRTOS DO MEDITERRANEO

(Conclusão)

A moça esperou com a mão prompta para collocar o véo.

— E' que, apesar do véo, creio que a senhorita é a moça mais bonita que conheço. Deixar-me-á osculár-lhe as mãos?

Permittiu, devolvendo o beijo recebido com um olhar de agradecimento.

— Estou, na verdade — pensou Pedro, mais tarde, no seu quarto de hotel — quasi decidido a levar essa moça para Bombay. Creio que não haverá nisso qualquer inconveniente.

Quando, no dia seguinte, ás dez horas, Abdullah se apresenta, é para convidar Pedro a vêr a parte nova da cidade. Accedendo, Pedro foi levado para o bairro judeu, onde entrou em uma synagoga que, segundo Abdullah, era a mais famosa. Mal entrára, Pedro sentiu-se agarrado e um sacco, cahindo sobre sua cabeça, impediu-o de vêr qualquer coisa.

Sentiu que o transportavam em carro, e depois de haver recebido uma pancada na cabeça desmaiou.

Quando voltou a si, achava-se fechado em um carcere. Com a fleugma de inglez que era, deliberou esperar.

Não tardou que apparecesse Abdullah. Pedro, sem mais delongas, perguntou-lhe quanto havia recebido para fazer aquelle serviço. Abdullah declarou que nada, pois era quasi um escravo do chefe da policia, e obedecia a suas ordens.

Pedro disse-lhe, então, que daria 5.000 francos pela sua liberdade e 5.000 pela da moça. Ouvindo fallar em tal quantia, Abdullah accedeu em ajudál-o, contanto que Pedro tambem o levasse, pois bem sabia que, caso permanecesse em Argel seria impiedosamente castigado, talvez com a propria morte.

Dando fuga a Pedro, foi, com este procurar a linda francezinha e juntos, tomaram um dos vapores inglezes que iam para Bombay.

Assim que o navio largou, Pedro poz o commandante ao correr dos factos e perguntou si seria possivel a qualquer embarcação de Argel alcançar o navio. Ouvindo uma negativa, ficou mais tranquillo e foi para o camarote fazer a *toilette*. Eis sinão quando vem Abdullah esbaforido, avisar-lhe que um barco automovel se approximava velozmente do navio.

Ao chegar ao convez, foi surprehendido com a noticia de que o commandante o aguardava em seu camarote. Furioso, espumando de raiva, dirigiu-se ao camarote onde entrando como uma bala, encontrou o commandante com a mão no hombro da francezinha, dizendo prender a mesma uma vez que ainda estava em aguas de Argel.

Pedro, então, com bastante calma, disse-lhe que muito sentia não poder concordar com elle pois que, tendo naquelle mesmo instante casado com senhorita franceza, a mesma passára a ser ingleza e, portanto, não acreditava que elle quizesse ver-se envolvido em questões com o embaixador inglez, por haver preso sem culpa formada a esposa de um official inglez, e convidando-o a tomar champagne...

— Tenha cuidado com esse quadro, pois é de Leonardo de Vinci.
— Comprehendo, minha senhora; toda vez que elle aqui vier, não o deixarei passar por esta sala.

POEMAS EM PROSA

POETA! Deixa que te accusam. A infamia, a ignominia, o opprobio jámais poderão alterar a tua serenidade e a belleza dos teus poemas harmoniosos.

Levanta os olhos para o céo. Aquella estrella nunca foi admirada!

Jamais um applauso recebeu.

Nem por isso perdeu uma particula do seu brilho eterno e glorioso.

Deixa que te acusem. Nem por isso os teus canticos hão de perder o brilho que desce das espheras constelladas, num suave milagre do divino paizagista.

Nem por isso deixarás de cantar illuminado pela intelligencia infinta, illumnado pela luz que jorra perpetuamente dos espaços para scintillar no cérebro dos genios.

* * *

Os meus poemas de maior belleza são aquelles que não escrevi. São aquelles que estão perdidos na distancia.

Para elles, estendo as mãos. Elles são como as estrellas eternas que estão no céo bailando.

Em ansias, estendo as mãos para as estrellas.

Não as posso alcançar.

Os meus versos mais lindos são as lagrimas que ainda não chorei. São as lagrimas guardadas no meu intimo.

São os gritos que ficaram abafados estoicamente na minha garganta. Os meus versos mais perfeitos são aquelles que vão ficar em silencio.

São aquelles que vão ficar no grande, infinito, mysterioso e eterno silencio da minha morte.

* * *

Canto do cysne...

A Morte trouxe nas suas mãos de esphynge um punhado de estrellas.

Bailado das estrellas.

Ultimo poema.

E o poeta dormiu serenamente, sorrindo como uma creança, nos braços longos da Morte.

Dentro dos olhos do poeta, as sombras estão bailando. Bailado das sombras. Algumas são alegres. Outras são tristes. Ellas vão passando. Vão bailando.

Primeira sombra — Janeiro. Mez da esperança. Cada anno que vem sempre é melhor. A gente pensa... Esperança. E os dias vão passando.

Segunda sombra — Fevereiro. Março — Terceira sombra.

Abril. O céo é azul. As estrellas estão sorrindo no infinito.

Maio. Mez das flôres. As boccas se unem num beijo... E vem depois o mez de Junho com as suas fogueiras e os seus balões. Junho, eu te amo com as tuas noites claras e frias.

Julho...

Agosto — mez da saudade. Olhando para dentro de mim mesmo, vejo uma paizagem sombria... Agosto — mez da saudade — Mez das lagrimas.

E o tempo vae passando. Setembro. Outubro... Tudo passa. Uma sombra. Outra sombra.

Novembro. Sobre um tumulo branco e frio, alguem se ajoelha. Aqui na terra, tudo morre. As estrellas, porem, continuam bailando no espaço infinito. Vida. Morte. Dezembro — ultima sombra. Mez em que Jesus sorri. Mez do Natal.

E a arvore do Natal estende os braços derramando suavidade e amôr sobre as cabeças daquelles que a mão do Tempo aureolou de cabellos brancos.

* * *

Jardim do Silencio. Por toda parte, ha perfumes de flôres. Eu adoro o meu jardim com a sua alaméda toda sombria.

Elle foi feito para a delicia dos meus olhos de poeta.

Com um grande medo de fazer barulho, as folhas das arvores vão cahindo, delicadas e leves. Folhas feitas de sêda.

Quando tudo me cansa, eu vou repousar meu corpo dolorido naquelle banco que fica debaixo daquella arvore. Arvore cheia de sombra, eu te amo!

No meu jardim, esqueço o bulicio do mundo e vivo unicamente para o meu grande sonho de artista.

Vida interior...

* * *

Silencio, eu te amo porque é sob tua sombra que se praticam as grandes acções. Eu te amo e me prostro durante todos os dias e todas as noites deante da tua imagem linda, cheia de amor, de serenidade e de perdão.

Sob o teu manto protector, medito na vida dos grandes philosophos antigos que passaram por este mundo espalhando as suas doutrinas, na ansia sublime de perfeição. Em retiro espiritual, medito na vida daquelles que, pelo estudo assiduo, se elevaram acima do nivel intellectual commum.

Deante do teu altar, de alma em extase, envolto em ondulações silenciosas, abandono as preoccupações mesquinhas e egoistas, esquecendo-me das afflicções deste planeta cheio de tumultos. No socego e no recolhimento, contemplo o bailado das estrellas no azul escuro do céo.

Silencio, tu és semente luminosa trabalhando heroicamente nas profundezas da terra; semente que amanhã será arvore carregada de fructos e flôres.

Silencio, tu és o mestre que ensina a ser calmo, justo e estoico!

De alma ajoelhada, agradeço ao Supremo Creador as horas silenciosas que me tem bondosamente concedido, illuminando-me assim com a luz gloriosa e divina.

Sustine et abstine. Imitando os philosophos estoicos desprezo, de boa vontade, todos os prazeres ephemeros e materiaes, somente para te adorar — ó Silencio! — e soffrer calado a minha dôr.

No socego e no recolhimento das noites estrelladas, quando toda a natureza se envolve em ondulações silenciosas, é que melhor se escuta a voz de Deus.

Silencio, tu és lagrima sobre o tumulo.

Silencio, tu és semente nas profundezas da terra e tu és idéa no cerebro dos poetas — semente que será flôr e idéa que se metamorphoseará em prece.

Silencio eu te amo e me ajoelho deante do teu altar! Em ondulações silenciosas, a minha prece humilde se perde lá longe onde as estrellas bailam e onde tudo é espiritual, eterno, harmonioso e sem fim...

PAULO FREITAS

saibam todos...

AMY (?) — Oh, d. Amy! V. ex. errou a porta. Creio que, como literata, v. ex. é uma excellente doceira, isto é, uma excellente fabricante de caramelos e "beijos"... de assucar...

E a prova é este trecho da sua fantasia literaria, a que deu o bello titulo de *Beijos como os teus...*

Lá vae:

Beijos como os teus beijos... Caramelos de mel para o meu paladar, lindos bonbons cheirosos para a minha delicia... Encantado nectar que sorvo, insatisfeita, e que me vae penetrando, mansamente, como um veneno lento...

Reaffirmo que v. ex. errou a porta... V. ex. deveria procurar uma "bonboniere", uma confeitaria, ou qualqure outro estabelecimento especialista nesse genero de guloseimas... e beijos assucarados... No "Saibam todos..." o mais que encontrará é "pimenta e sal", "amarguras" da... cesta, o "acido corrosivo" de uma piada, ou o "fel"... de uma desillusão literaria...

MARIZA (S. Paulo) — Não, d. Mariza, a sua carta e a sua literatura não me causam pezar. Causam alegria, apenas...

Antes de tudo, porém, vejamos a sua missiva:

"Yves. Escrevo-lhe, tendo deante dos olhos o ceu acinzentado e como se fosse um grande salão, aonde nuvens pesadas dançam em honra de sua Magestade que não deve tardar: — A tempestade.

Yves, entretanto o dia está se irmanando com o meu estado d'alma, só em pensar em sua problematica resposta d'esta cartinha.

Yves, não quero que você franza a testa ao lêr o meu simples conto, pois ficaria triste se fosse a causa de sua velhice precoce, fazendo nascer-lhe impertinentes rugas.

Espero que o grande poeta do "Suave Enlevo", seja indulgente para com esta mediocre consulente.

Até breve, sou grata *Mariza*."

Desfaço o engano em que está, affirmando que a sua carta só me causou prazer. Pois não é verdade? Li a sua fantasia, ou antes, o seu apologo, onde um homem conversa com a Felicidade, com F maiusculo. E achei uma graça infinita na sua liteartura...

E' assim que v. ex. começa:

Desde pequenino, quando sacudia sua ingenuidade em seus cachinhos loiros, lhe diziam sêr a Felicidade uma Deusa de belos olhos verdes e cabelos doirados, habitante do Paiz das chiméras localizado na Montanha dos Desejos.

Ahi está. A sua collaboração póde causar-me rugas de riso: Não de aborrecimento... Pois si v. ex. me diverte...

Póde continuar, madame. Não faça cerimonia... Para rir dos outros, estou prompto. Para chorar.. depende do defunto...

Gostou?

FERNANDA (Amazonas) — Antes de tudo — um muito obrigado pela sua linda photographia. Pela sua e pela de sua amiga, que tambem é encantadora.

A sua missiva me fez perceber que o seu objectivo principal era publicar os seus versos.

Seja feita pois a sua vontade. O seu soneto —*Duas lagrimas* é bem passavel.

Creio que attendi perfeitamente aos seus interesses e nada mais deseja desta secção.

MINA (S. Paulo) — Upa! Aqui está uma cartinha graciosa, embora escripta em legitimo papel de 1.200 a caixa. O papel não tem importancia. Pode ser de má qualidade, admitto; o texto, porém, poderá revelar uma pessôa de intelligencia superior...

Leiamol-a:

"Amigo Yves... és muito ironico, e orgulhoso... porém não deixas de sêr "bomzinho".

Por isso venho perguntar-te, se com tantas amiguinhas que tens, existe ainda no teu "coraçãozinho" já tão apertado... um logarzinho para mim!

Terás em mim, uma amiga sincera... uma amiga do peito, mas é bom que saibas que não sou uma menina moderna.

Serve?

Se servir, responde para a tua mais pequenina e humilde amiga... mas nada de ironias... sim? Um abraço — *Mina*"..

Ora, acontece que, refeito do susto, ou antes, do desmaio que tive posso agora raciocinar com mais calma...

1.º — Em meu coração ha sempre logar para muita gente. Aqui, nelle, cabe o rico e o pobre, o branco e o preto, o intelligente e o curto de idéas. Meu coração é uma especie de trem de suburbio. E como neste ha nelle 1ª e 2ª classe.

Na 1ª, estão as pessôas de minha grande amizade, os amigos que não são ursos: aquelles que não me intrigam, nem escrevem cartas anonymas contra mim. Estão as pessôas intelligentes, os homens e as mulheres de mentalidade, de caracter, dignos e sinceros. Na 2.ª classe estão apenas os "bemaventurados pobres de espirito..." Quem são esses? Os poetastros infelizes, que escrevem versos de pés quebrados, mas que são submissos, humildes, e que não podendo alçar-se com as asas das aguias, voam com as das moscas ou as das baratas. Nessa classe, ainda estão as melindrosas de idéas escassas e de cerebros obtusos. Coitados! Amo-os, quero-lhes bem, abrigo-os no meu coração porque ellas são são inoffensivas e me divertem com a sua intelligencia pelo... avêsso... Embalo-as no meu peito, quando, por exemplo, ellas, dignas de lastima, proferem heresias, no terreno literario, como dizer que José de Alencar era um grande poeta e Gonçalves Dias um notavel jurisconsulto. Nessa occasião todo eu me commovo. Quero-lhes um infinito bem e sobre ellas derramo o meu perdão, pedindo a Deus que tenha dellas piedade, supplicando como o Rabbi, no Calvario: "Perdoae-lhes, Pae, porque ellas não sabem o que dizem!" De modo que o meu coração está sempre com as suas duas classes — a 1ª e 2ª — inteiramente abarrotadas...

2.º — Justamente agora é que v. ex. me vem pedir um logarzinho no meu coração... Que pena! Só

ha um logarzinho aqui na 2ª classe, entre "as pobres de espirito"... E eu não lhe vou fazer a injustiça de pôl-a na 2ª classe... Isso não! Para v. ex. ir dependurada no estribo seria um absurdo e uma desattenção... De modo que o melhor é v. ex. esperar outro trem, ou antes, outro coração... Si isso lhe não convem, o mais pratico é esperar que se dê uma vaga na 1ª classe de meu coração... Serve?

3.º — V. ex. diz que sou "bomzinho"... Ora, "bomzinho" é um individuo de quem não se pode dizer, ao certo, si é intelligente, ou si possue outra qualquer qualidade de espirito. Quando, por exemplo, uma joven não é bonita, nem se lhe podem attribuir certos predicados intellectuaes, é commum a gente exclamar: "Coitada! Ella é assim, mas é tão bôazinha"...

Como não tenho a honra de conhecel-a de perto, não sei si é moça nem bonita, intelligente ou não, é claro que eu é que devo dizer: "V. ex. é muito bôazinha..."

NEREIDA (Espirito Santo) — Lá vem literatura... Attenção, caras leitoras, collegas (?) da senhorita *Nereida*... Lá vem intelligencia... Dois pontos:

"Yves. Estou com tanta vontade de conversar que não achando com quem resolvi escrever-lhe: quero que não se zangue com a minha franqueza. Chove tanto que chego a pensar que o céo chora a perda de alguma coisa: está tudo cinzento de um cinzento que.......

.. ..

Será indiscreção perguntar qual o motivo de nos fazer tantos elogios? Cuidado. Dizem que somos tão perigosas e mysteriosas como a nossa bahia presepe.

Por favor não pense que vou lhe pedir que publique algum artigo meu. Não. Graças, ainda não fui atacada desse mal tão perigoso. Espero que não descreva o meu perfil, porque poderia se enganar, e não ficaria bem para você. Talvez e pareça pouco delicada, e talvez quem pense assim não tenha razão.

Yves, já passou a vontade de conversar, e por isto vou parar de escrever. Até logo, ou até domingo quando for ler no Fon-Fon o seu gracioso amontoado de ironias. Não julgues que faço questão de resposta, no entanto se responder muito lhe agradeço. — *Nereida*."

Muito bem!

Eu penso que um homem que ainda cita phrases latinas devia ser fuzilado — para não contaminar os escriptores novos. Entretanto, v. ex. me obriga a commetter esse crime. Lá vae: — *Ex digito gigans*... Quer dizer, — "pelo dedo se conhece o gigante"...

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Em outras palavras — pela sua literatura, fiquei conhecendo o seu bello espirito...

V. ex. escreve na sua missiva commercial: "Chove tanto que chego a pensar que o céo chora a perda de alguma coisa: está tudo cinzento, de um cinzento que..." Bonito! Que maravilha! Que portento de imaginação! Que brilho epistolar! "Está tudo cinzento" é uma phrase lapidar! V. ex. deve ser literata. (Não m'o negue, faça favor!) De sorte, que, depois de ler a sua missiva, cérro os olhos — numa especie de *rêverie* — e fico numa doce melancolia, a lamentar que o destino não me tenha dado a ventura de conhecel-a, pessoalmente, para conversar com v. ex., num salão de arte e bom gosto, e ouvil-a dizer coisas maravilhosas, com uma covinha no rosto e um geitinho de franzir o labio, de lado, com um supremo desdem pela humandade! Como seria delicioso ao fumegar de um chá dourado, e entre rosas brancas, beber-lhe as palavras bonitas, no estylo daquelle "chove que parece que o céo perdeu alguma coisa cinzenta!" Que encanto, meu Deus! Por esse motivo, eu, como o firmamento, chóro esta tarde, a felicidade de poder conversar com v. ex., — não por carta — mas, num doce *tête-a-tête*...

Em todo caso, vou mandar encadernar a sua cartinha, em couro da Russia com *tranches dorées* etc. etc...

ALVARES DE ABREU (S. Paulo) — O sr. é um bello poeta. E' alegre. E' engraçado. De modo que eu o aproveito para esta secção, que, quasi sempre, nada tem que faça rir.

Assim, a sua presença no *Saibam todos*... não representa uma diminuição para o sr. E', antes, uma homenagem ás nossas formosas leitoras. Quanto a mim, eu lhe agradeço as palavras amaveis que me concede.

Eis o seu poema humoristico:

BALÃO FURADO...

A proposito dum conto, recentemente, insérto no "Fon-Fon", de Bastos Portela.

Ah, quem me déra,
para este pêndulo do peito,
aquela sorte do "Balão Furado" — Balão
pimpão,
soltado, em cérta noite de São [João!

Cáe, cáe, não cáe!
Pois ele foi cair,
tranquilamente, ás mãos dum ga- [roto qualquer,
que, nunca, nunca, imaginou pe- [ga-lo;

Ah, garôto feliz!
Foi por um triz
que você o apanhou
e não apanhou...

Mas, francamente,
o balão não foi trouxa, como os [outros,
fazendo-se apanhar daquele modo.
Rasgavam-no, ao contrário...

Imagem duma vida!

Nós, homens não passamos duns [balões,
todos, pimpões
nosso prá-lá, prá-cá das nossas [ilusões.

No fim,
é ali!
prézas nas mãos, nas garras das [mulheres...

No minimo,
nas garras ou nas mãos
duma mulher!
E' sempre a mesma história, aque- [la história antiga...

E' a vida!

S. Paulo.

M. Alvares de Abreu

MITZI (?) — O chefe das officinas me veiu pedir materia para o *Saibam todos*... Materia, em linguagem de jornal, quer dizer — tudo aquillo que se escreveu e é destinado á publicação.

Portanto, quando o nosso chefe typographico exige materia para esta pagina, eu já sei que tenho que escrever muito. Sim, porque, nesse typo miudo, a secção engole materia como um garganta.

Ora, escrever para o *Saibam todos*... não é facil. E' preciso ser chronista e ter graça. Não sou engraçado nem sei escrever chronicas. O nosso publico já está habituado com isso: — quer chronica e chronica engraçada...

Mas, como já disse, a graça, aqui, só existe quando ha poetas maus que a fornecem. Poetas, *bas*

(Continúa na pag. seguinte)

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 6[illegible]
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136
FON-FON — 30-9-933

Data da consulta ....
Nome do consulente ....
....

Meus ou senhoritas que só são senhoritas e nada mais.

Acontece que os poetas de agua doce, destes ultimos tempos, só nos enviam versos de "pés quebrados"..., sem graça. As bas bicus só nos remettem coisas funebres. Restam as senhoritas, que só são senhoritas, ou missivista, isto é, moças que só escrevem cartas — mas, sem graça, sem fundo, sem idéas, sem miôlo, sem espinha dorsal, sem alma, sem nada! Cartas que são uma especie de esqueletos...

De modo que sou forçado a escrever, a encher tiras de papel — sabe Deus com que esforço mental.

Quando apparece uma epistola, como a de v. ex., — a qua' tom o valor da extensão, — é um doce allivio para mim. Por que, embora não digam coisa com coiso, ellas servem para encher espaço e fazer o leitor dar o cavaco, com esta phrase intrigada: "Mas, que tenho eu com isso?..."

Sim. O leitor lê, torna a ler, relê ainda — e acaba ficando na mesma: "Sim, senhor! Que quer ella dizer com essa literatura epistelar!"

E emquanto isso, eu vou tratando de passar adeante, a espremer os verses maus de a'gum poetastro infeliz, na esperança de que saiam delles alguma coisa chistosa, alguma coisa que faça rir, — espirito..., ou *gaz hilariante*...

Mas, ia esquecendo a carta que v. ex. me escreveu, e que é a mensagem de uma senhorita que só é uma notavel senhorita de 15 annos...

Lá vae ella:

"Intiligente Yves. Como V. ficará surprendido de ter em mãos missiva d'uma menina que nunca viu nem em sonhos. D'aqui pareceme vel-o com as sombrancelhas contraidas, o semblante carrancudo a murmurar entre dentes: "Isto irritou-me" e záz no certo; eu prevejo o triste epilogo deste papel.

Para não deixal-o curioso vou dizer quem sou. Tenho a hônra de apresentar-me. Mitzi: s| c. Tenho 15 ans. inc. 1m58 de alt. 60 c. de cintura. Tenho os cabelos loiros encaracolados, olhos negros grandes, boca microscopica dentes perfeitos e alvos. Como eu sempre fui "levada" mamãe internou-me desde idade 7 ans. diz que p'ra criar juizo; tenho a impressão de estar n'um carcere, (nunca V. caia na asneira de ficar interno) quantas vezes em lindas noites, enluaradas, eu deixo tombar o livro que sustenho entre as mãos para embalar-me entre sonhos roseos; parece-me transpor estas grossas muralhas e ir para o mundo que me chama; quando a sineta chama-me a realidade, verto lagrimas, choro, porque creio ser impossivel realizar-se meus sonhos. Hontem mamãe veio visitar-me, prometeu-me levar-me nas ferias, e apresentar-m a sociedade, oh! Yves se V. soubesse como eu estou contente, n'aquele instante pulei no colo de mamãe e dei-lhe mil beijos.

Ainda não acabei. V. deve estar impaciente. Escute. Sabe como fui conhecel-o?

Uma colega emprestou-me um livro de Contabilidade encapado com uma das folhas do *Fon-Fon*, onde tinha o "Saibam todos", como não pude lel-o imidiatamente, escondi-o e a noite na capela emquanto as meninas oravam eu o coloquei dentro do livro de orações.

Me deu vontade doida de escrever qualquer coisa a V. Agora emquanto a irmã está fazendo explicação sobre os cogumelos (H. Natural) eu aproveito que ela é miope e lhe escrevo estas asneiras. Estou a fazel-o perder 5m., está na hora de eu dar lição, a irman chamou-me com licença.

Mitzi" "Desculpe não passar a limpo."

Garanto como ha de haver leitor que tenha achado graça em tudo isso...

Antes assim.

Yves

A CONFISSÃO

O auto vinha do boulevard Haussmann, em direcção do Trocadéro, e rodava através de Paris nocturno.

Santiago Daubry olhava com o rabo dos olhos para sua mulher, sentada a seu lado, immovel, mettida em um casaco de pelles, do qual emergia sua linda cabeça loura, de cabellos curtos. O rosto fino delicadamente rosado, tinha uma expressão que, infelizmente, era bastante conhecida.

— "Então Henriqueta, gostaste? — perguntou elle, affectando um tom alegre. — São encantadoras essas reuniões.

Não obteve resposta logo...

— Ella foi tua amante?... Não é verdade?... — interrogou bruscamente.

— Ella?! Que queres dizer?

— Bem o sabes: *ella*... Solange Mérau foi tua amante, dize...

— Começas?!...

Aquillo, com effeito, começava ou antes continuava. Tres annos antes, casára-se com a creatura seductora que tinha a seu lado, e quasi ao mesmo tempo começára a conhecer as incontidas fontes de violencia e ciumes que havia nella. Amava-o apaixonadamente, como tambem o fazia soffrer loucamente. As scenas nas quaes Solange Mérau era a principal protogonista occupavam parte importante de sua vida conjugal.

— Foi tua amante? — insistiu Henriqueta, com voz breve.

— Não!... E's tenaz... Pela centesima vez te juro que não...

Sentia-se contrariado. Já eram tres horas da madrugada. Ao sair da festa, sonhára um regresso sorridente e um descanso cheio de ternura. Previa com terror o que seria o final de tudo aquillo.

Henriqueta permanecêra silenciosa até chegar em casa, no apartamento encantador e confortavel, no qual Santiago pensou ser tão feliz com ella. Ao penetrar em casa, foi direito á saleta, aonde elle a seguiu. Accendeu todas as lampadas, tirou seu casaco e virou-se para o marido.

— Santiago, confessa a verdade... Solange foi tua amante. Amaste-a... Ella foi o grande amôr de tua vida, antes do nosso casamento.

— Não!... Mil vezes não... Já t'o disse. . Ella o interrompeu:

— Escuta... Não sou tão ridicula para ter ciumes das aventuras passageiras de tua vida de solteiro, porém isto é outra coisa. Quero saber... Tenho o direito de saber... Antes de nos casarmos, sabia que tiveras um caso com uma senhora de sociedade. Agora comprehendo que essa pessôa era Solange Mérau.

— Tudo isso já m'o disseste mais de cem vezes e outras tantas te disse não ser verdade.

— Torno a dizer mais uma vez, já que não fizeste caso do meu pedido. E accrescento: si até esta noite tinha alguma duvida, agora estou convencida...

— Convencida?... Como?... Asseguro-te que apenas conheço a sra. Mérau...

— E' o que sempre respondes. Porém, foi a primeira vez, depois do nosso casamento, que a encontramos em sociedade e esta noite, pela primeira vez, os vi frente a frente...

— Então?... Apenas lhe dirigia a palavra...

— Justamente... Observei-os; a attitude forçada, o cuidado que punham em se evitar, tudo isso era mais significativo do que si a tivesses perseguido com tua assiduidade. Vi claramente que era a mulher, cujo amôr occupou em tua vida um logar tão importante...

— E' uma idéa fixa!...

— Não mintas!... Digo-te que sei... Comprehendes?... Esta noite, vocês se evitaram todo tempo. Porém, em certo momento, ao passar perto della, te inclinaste e lhe disseste alguma coisa em voz baixa...

Elle não fizéra semelhante coisa e protestou:

— Estás louca!...

— Então? Estás bem certo de que apenas... a conheces?...

— Claro!

— Ah! ah! E, pouco antes do nosso casamento, não passaste com ella uma temporada na praia? Estás surprehendido?... Tudo se sabe... Foi a sra. Heurtier que m'o disse... Perguntei-lhe sobre a sra. Mérau, como si não a conhecesse, e ella me respondeu: "E' Solange Mérau, viuva de um engenheiro. Seu marido a conhecia bem, pois estiveram juntos ha quatro annos em Vanoille, onde tambem eu estava"!...

A EXPEDIÇÃO

As zonas polares continuam a constituir objecto da attenção dos exploradores impenitentes, que não se julgarão satisfeitos emquanto não se tiverem estudado em seus minimos detalhes em todos os sentidos.

A aviação é agora o meio de transporte de que se servem para as suas explorações audaciosas pelas regiões dos gelos eternos, como fez ultimamente Byrd e como fará em dezembro do corrente anno Lincoln Ellsworth, o abastado cidadão norte-americano que em 1926 atravessou a região arctica na expedição Amundsen-Ellsorth-Nobile.

Farão parte dessa expedição o famoso aviador Bernt Belchen e o explorador Hubert Wilkins. O navio "Wyatt-Earp", que servirá de base para a expedição, estacionará na Bahia das Baleias, no mar de Ross.

O avião partirá desse ponto para percorrer a região antarctica até o mar de Woddell, em vôo continuo e voltar á base depois de vencer 2.900 milhas.

Pilotando o apparelho, Ellsworth tirará protographias da região e Balchen manterá a communicação

De Frederic Boutet

— O facto de um encontro em uma praia ao mesmo tempo não quer dizer que tenha tido relações com ella, nem que a conheça muito...

— Bem sei! Sempre encontrarás respostas engenhosas. E' odioso mentir desta maneira! Juraste-me que nunca amaste outra mulher... E eu te acreditei...

— Mas, minha querida!

— Não, não creio!... Já que mentes por essa mulher, mentes tambem dizendo que me amas... Confessa que ella foi tua amante. E' covarde negar um amôr, assim como o que tiveste por ella. Fazes-me soffrer. Torturas-me; Confessa... Quero que me digas a verdade.

Continuava sua cantilena, subindo de tom. Estava parada deante do marido, esbelta, fragil, graciosa, furibunda, envolta em seu vestido de "voile", mostrando seus braços finos e espaduas delicadas. Seus lindos olhos fulguravam.

Santiago, mais alto, dentro de sua casaca correctamente cortada, olhava-a piedosamente, impaciente, inquieto e admirado. Sentia desejos de tomál-a em seus braços e beijál-a... Mas não se atrevia... A scena era igual, em intensidade e teimosia, ás outras tantas...

Já eram cinco horas... Henriqueta, mais calma, iria dormir, e, por alguns dias, tornar-se-ia a agradavel companheira que era fóra de seus momentos criticos...

Essa esperança não se realizou. Henriqueta prolongou a scena além do costume. Teve uma crise nervosa. Soffria immensamente. Santiago, assustado, teve que reconhecer que o encontro com Solange, na funesta festa, sobre-excitára os ciumes de sua esposa.

Elle temia pela razão de sua mulher, pois todas as suas faculdades estavam concentradas com obstinação malsã nesta idéa fixa: saber...

— Foi tua amante — repetia ella.

E a estas constantes perguntas acabára por não responder; ficava louco.

Talvez fosse melhor confessar. Talvez ella se acalmasse um pouco.

Ao cabo de tres mezes, as coisas se aggravaram. Uma noite, depois de um dia terrivel, Henriqueta, ao sair de uma de suas crises nervosas, pareceu repentinamente mais calma.

— Santiago, vem para perto de mim...

Elle se aproximou, emocionado de a vêr doente. Muito docemente, ella tomou-lhe as mãos.

— Pelo amôr de Deus, peço-te, dize-me a verdade! Foi tua amante, não é verdade?

— Já te disse que não...

— Peço-te, confessa a verdade! Não vês como estou tranquilla? Perdôa-me minhas violencias; estive tão doente, porém, amo-te tanto! Tem piedade de mim! Não mintas mais! Para que negar o que é?... Sei tudo... Não é o facto que me tortura; é a tua falta de confiança em mim; tua mentira insultuosa é que me põe louca e me faz duvidar de todos os juramentos de amôr que me fizeste... Essa mulher foi tua amante... E' verdade que sou um pouco ciumenta. Que queres?... E' mais forte... Já tomei a resolução... Não pódes recusar-me a verdade... E' o que me irrita... Confessa. Pódes, com uma só palavra, dar-me a calma e a confiança. Confessa... Ficarei tão feliz!... Foi tua amante, não foi?...

Elle inclinava-se sobre ella, sondando, com o olhar, seus lindos olhos, que imploravam ao mesmo tempo que sua voz... Não vacillou mais... A confissão, que tantas vezes negára, se impunha agora, pacificadora.

— Tem razão — pensou — Já o sabe. Por que não lhe dizer a verdade?... Insulto-a com essa mentira que a exaspera...

E, em voz alta:

— Sim, minha querida... E' verdade...

"Tu verás," dissera Henriqueta...

Elle viu, apenas terminou de falar, os olhos faiscarem, as mãos se soltarem e o rosto, tão dôce dez minutos antes, tornar-se convulso.

— Miserável! — gritou Henriqueta. — Miseravel... Era verdade?... E eu que duvidára, quasi que te acreditava e ter-te-ia acreditado definitivamente, si m'o negasses esta ultima vez! Ah!... nunca t'o perdoarei!...

E retorcia-se nos espasmos de uma crise que ultrapassára a todas as anteriores.

ÀO POLO SUL

radio-telegraphica com o navio base, de onde Sir Hubert irradiará pelo mundo as noticias sobre a expedição.

O avião que servirá para a expedição é da marca Northrop-Delta com motores Wasp. E' um monoplano metallico, de azas baixas, igual ao "Texaco-Sky-Chief", empregado pelo commandante Frank Hawks, perito em aviação da Texas Company e que recentemente estabeleceu um novo *record* de velocidade através dos Estados Unidos. Experimentando o apparelho antes de embarcar para as regiões antarcticas, o commandante Hawks e o aviador Belchen fizeram varios vôos de observação. A The Texas Company está collocando supprimentos de oleo e combustivel em varios pontos da escala do navio "Wyatt Earp", que leva gazolina e lubrificantes para o avião.

Fazem-se votos para o êxito dessa expedição, esperando-se que seus estudos contribuam para esclarecer si a região a ser percorrida é um continente coberto de gelo, ou um archipelago, ou ainda um grande oceano congelado.

O CAVALLEIRO DO ALÉM...

(OU A LENDA DA MORTE)

ENTRE negras e pesadas nuvens alcandoradas num céo tenebrosamente tempestuoso, cavalga, como uma ave sinistra, em infrene corrida, o genio da destruição, o Cavalleiro do Além, a Morte...

Em cada ziguezaguear de uma faisca, nota-se-lhe, no semblante descorado, lampejos de uma raiva, de um odio, difficilmente contidos. Vara o espaço com a rapidez de um bolido desgarrado, menosprezando a tempestade que, nessa hora, attingia o auge de seu horror. Os ribombos dos trovões, possantes, abalam os espaços como a desejar obstar a passagem á carreira louca do Cavalleiro do Além. O vento sibila medonhamente, augurando infortunios, augurando desgraças, fazendo redemoinhar a massa informe da atmosphera.

Resfolêga, penosamente, o seu animal, dilatando as narinas na ansia indescriptivel de captar o ar que lhe faltava. Suffoca-o a carreira desenfreada. Elle, porém, o Cavalleiro do Além, indifferente aos horrores que o cercam, continúa a fustigar impiedosamente o animal, temerario, avançando, avançando sempre, absorto em profundas cogitações. Era preciso. Tinha que cumprir a sua missão. Ia ceifar mais uma vida...

Por um estranho contraste, quando a furia chaótica dos elementos se casava com o furor intimo que essa triste missão fizéra nascer, sua imaginação, fecunda, torna tempos atraz, a um ambiente plácido, calmo. Deante della, deslisa, como uma bôa imagem, o longo estendal das reminiscencias que o ligavam ao passado tão distante. Sua imaginação voltou ao Eden da Biblia, áquelle concerto, mixto de concordia, amôr e paz. Aquelles dôces momentos de enlevo em que, nos côros seraphicos, psalmodiava as glorias de Deus.

E' que elle amára, então...

Lembrava-se de seu amôr pela Vida. Bella em sua expressão e bella por sua propria essencia, affeiçoára-se-lhe, desde logo. Recordava-se dos momentos mysticos por que passára, quando, em arroubos extasicos, contemplava a sua amada.

Porém, todo amôr tem o seu caso. Egoista, não quiz consentir que outros o desfrutassem tambem. Foi quando a voz de Deus se fez sentir duramente. Inexoravel em sua justiça divina, infligira-lhe a péna a que seu desejo de posse exclusiva fizéra jús. Separou-o da Vida, desmembrando-a, multiplicando-a, espalhando-a por todo o cosmos de então. E mister se tornára que, para rehavêl-a, reunisse todos esses pequenos pedaços, todas essas migalhas para, com ellas, formar, esculpir o todo que viria a constituir a Vida, tal qual elle a amára.

Em cada ser humano passou elle a divisar a imagem da Vida, imagem que era necessario destruir: creou-se, então, para a Humanidade, a Morte...

Convicto de seu destino e da sua funcção hedionda, passou a cumpril-os, religiosamente, sem desanimo. Ceifára já muitas vidas, mas ainda era preciso ceifar mais para conseguir a posse da Vida. Sua missão fúnebre caminhava a passos gigantescos.

Sempre com o coração presago, receiava perder as migalhas de vida que se desprendiam. Emprestava-se forças que não possuia. O amôr latente, ha tempos que a imaginação humana não comporta, incentivava-o para mais aquella lugubre con-

O garoto (vendo o cãozinho). — Papá!

De Raul de Pinho

uista, que a sua obsessão não permittia perder.

Um trovejar mais forte arranca-o, subitamente, dessas tristes meditações. Divisa, com olhar de lynce, a meta, que não se faria tardar. Um sorriso de escarneo rasga-lhe as feições que a sua missão, destruidora e refractaria ao bem, embrutecêra. Chegára, afinal, ao termino da lobrega viagem.

Adeja suavemente, traiçoeiramente, sobre o lar onde deve lançar o germen da morte.

Num pobre catre, num commodo que pouco ou nada faltava para assemelhar-se a um ergastulo, jazia um corpo exangue, um corpo que agonizava, lentamente, e no qual já se distinguia o pallor presagiador da morte imminente. Os ultimos liames que, fracamente, o prendiam á vida, se dilaceravam, se esgarçavam, incapazes de qualquer reacção. Creança ainda, todo o seu semblante resumbrava uma candura, uma innocencia, uma expressão tal de dôr, que seriam capazes, para amollecer, de destruir o coração mais empedernido. Dôres lancinantes prostravam aquelle corpinho que prestes estava a render a derradeira homenagem á natureza.

E, a um canto, scena não menos dolorosa se desenrolava. Uma mulher, cujas cãs já se faziam annunciar precocemente, enterrava-se em soluços agonicos, de desespero.

Insensivel a taes scenas e, mesmo, familiarizado com ellas, o Cavalleiro do Além só vê o seu objectivo, a sua finalidade. Os fados haviam-lhe traçado e determinado o caminho a seguir. Teria, pois, que arrebatar mais aquella parcella, que constituiria a essencia de sua existencia.

E approxima-se, monstruosamente feliz, para dar cumprimento á sua horrenda missão.

Como a presentir o repugnante contacto, o corpo reage, já nos primeiros extertores, e soluça, mansamente, num esgar:

— Mamãe! ...

— Meu filho! ... — responde, pressurosa, dando ás suas palavras todo o esforço de que ainda era capaz.

Recúa a Morte, hesitante, quando ia estender seus braços para o gesto fatal: o amôr daquella mãe fôra muito grande, maior a sua dôr, e estancára, neutralizára, momentaneamente, a sua acção nefasta.

Curta, no emtanto, foi a hesitação. Num gesto, em que se manifestava toda a sua insania de bruto, arrebata as ultimas forças que ainda sustinham a migalha de vida daquelle corpo que, após gelido, recebe sobre si o corpo, tambem, gelido, daquella martyr que fôra sua mãe.

Cumprira-se o seu desejo. Arrebatára dessa vez, contra a sua espectativa porém, não uma vida, mas duas vidas. Medonho e diabolico gargalhar de escarmento resôa tetricamente pelas cercanias vizinhas, que lhe fazem éco.

Apertando, convulso e avaro, aquellas duas porções que serviriam para formar o objecto de seu amôr, o louco abandona aquelle lar, onde lançára a solidão tumular.

E continúa seu caminho. Váe em busca de outras pequenas vidas incautas. Váe em busca, na sua demencia morbida, das infindaveis migalhas da sua Vida. Assim, elle, o Cavalleiro do Além, a Morte, continuará sua missão de destruição, nefanda, avassaladora. E, emquanto houver um ser humano, nelle existirá uma pállida imagem, um pállido reflexo da migalha de Vida que o Cavalleiro do Além procura e que, mais tarde ou mais cêdo, elle virá buscar como um tributo que se lhe devesse.

— Que idéa foi essa, Samuel, de te phantasiares de Napoleão?
— NÃO vês que estou defendendo a minha carteira?

O CRIME DE UM SUICIDA

DESAPARTANDO-ME da multidão que se agitava fremente na rua Direita, num sabbado todo delirante de luz, ia entrar no Bar Viaducto, quando alguem me tocou no hombro. Voltando-me, se me deparou um typo esguio, com a barba por fazer ha muito tempo e mettido numa roupa tão suja, que o acompanhava, zumbindo, um enxame de moscas. Pela profundez do seu olhar pude perceber que um grande soffrimento andava a lhe orlar a vida; e, cuidando que elle fosse um desses infelizes párias que o destino sóe açoitar com a sua inexorabilidade para as grandes miserias da vida, metti a mão no bolso para saccar uma moéda e com ella alliviar uma parcella da sua desdita; porém, o meu gesto foi estancado pelo andrajoso, que, entreabrindo seus resequidos labios, disse:

— Como mudam os tempos, Lauro! Hontem iamos ao apperitivo juntos e juntos andavamos á procura de sensações nóvas de que então se via necessitada a nossa mocidade. Não havia uma nova conquista, ou minha ou tua, que não tivesse o nosso reciproco commentario. Segredos e resentimentos não havia entre nós. Um dia aos meus olhos se deparou a figurinha entontecedora de Isabel... Depois, o amor, e, em seguida, uma grande paixão — o casamento e, emfim, a minha grande tragedia...

E os seus labios cerraram-se novamente. E vi, então, dos seus tumidos olhos, correrem dois fios de lagrimas, derramando-se sobre sua face.

Extactico a principio e, recobrando, aos poucos, a naturalidade, pude reconhecer detraz daquella mascara tristonha a figura cavalheiresca que caracterizava Carlos de Alencar em outros tempos.

— Mas, Carlos, que diabo!... — disse eu, com espanto.

E, sem mais delongas, o comprimi com um abraço profundo.

— Por onde tens andado, Carlos? — continuei. — Que é feito de Isabel? Vem, vamos tomar alguma coisa, vamos remmemorar um pouco os tempos passados.

Entrámos no bar e sentámo-nos. Sorvendo com avidez o alcool, Carlos, como quem deseja diminuir o peso de uma mágoa, desabafando a outrem a causa della, foi dizendo:

— Como sabes, casei-me com Isabel a despeito da decisiva objecção levantada por meus paes. Casei-me com a mulher que amava, porém, a palavra de meu pae foi inflexivel. Certa vez, quando tentava convencêl-o que commettia uma injustiça, julgando Isabel não merecedora do meu affecto, elle declarou-me peremptoriamente que, si eu me casasse com ella, me desherdaria e nunca mais desejaria ver-me. Casámo-nos em casa de um parente meu. Presentes á cerimonia estavam quasi todos os meus parentes e amigos, porém os meus paes mantiveram o seu intento e ficaram em casa sem siquer me felicitarem. Installámo-nos numa casa muito modesta no Ypiranga, onde, a principio, reinava uma felicidade completa, embora estivesse eu aggravado com certas difficuldades de ordem material. Um dia, porém, surgiu em meu caminho a primeira desillusão. Lembro-me bem: vinha do serviço antegozando as delicias do lar. Era principio de Primavera. A tarde estava linda, e o sol, deitando-se no horizonte, diffundia ainda sobre a terra uma poeira de ouro. E eu mirava tudo com satisfação total. Chegando em casa, beijei minha mulher soffregamente e, sem dizer palavra, olhava-a com os olhos marejados de lagrimas. Logo após, porém, tudo estava mudado. Num instante senti-me o mais infeliz dos homens.

E Carlos, tirando do bolso um lenço muito sujo, enxugou os olhos e continuou:

— E' que, rebuscando, na gaveta de um movel, no quarto, uns papeis que lá eu havia guardado, topei um enveloppe, dentro do qual se achava um bilhete, que dizia o seguinte:

"O dinheiro que vae junto a este
"é para comprares um presente.
"Si precisares de alguma coisa
"não tenhas receio de me dizer.
"Muito cuidado com o Carlos: elle
"é excessivamente irascivel".

"Aquelle bilhete escripto á machina, sem assignatura, foi como um tufão desencadeado sobre o meu cerebro. Nada disse e nem interroguei Isabel a respeito do mesmo. Sahi de casa. Já era noite. Lá em cima o céo fulgurante de estrellas. Andei a noite toda procurando com a imaginação descobrir o miseravel autor da minha desgraça. Quem seria? Pensei até em ti, caro Lauro! Quando voltei para casa, já havia, lá no horizonte, pequenos raios de sol que vinham annunciando o dia. Deitei-me e dormi pesadamente. Quando accôrdei, vi Isabel, sentada na cama, a chorar. Olhei-a com asco e, silencioso, sahi novamente. O sol já pendia para o poente. Passaram-se os dias e, á medida que o tempo avançava, mais se me avolumava a idéa de desfazer a macula que tão brutalmente veiu estygmatizar a minha vida."

E, cansado, sorvendo de uma vez todo o alcool do copo, Carlos finalizou, a murmurar quasi:

— Hoje não posso mais, Lauro! Amanhã a estas mesmas horas saberás do epilogo da historia que

— Minha sogra chega amanhã a esta casa. Aqui tens a lista dos pratos de que ella gosta. A primeira vez que um delles me apparecer na mesa, estarás despedida.

Conto de Clement Pasteur

tem martyrizado a minha existencia. Esperar-te-ei aqui. Não faltes. Até amanhã!

Estendeu-me sua mão e desappareceu, em seguida, por entre a multidão alegre que gastava horas de vagares a flanar, indifferente á miseria daquelle que nella se immiscuia.

Naquella tarde, não pude jantar. O aspecto tristonho de Carlos, a sua historia negra, a sua promessa, tudo me impressionou torturantemente. Deitei-me cêdo, mas não consegui dormir um minuto siquer. Madrugada ainda, levantei-me e sahi. A rua ainda estava deserta. Um moleque, apenas, vinha annunciando jornaes. Comprei-lhe um qualquer. Nas occorrencias policiaes do matutino li a seguinte noticia:

"Hontem, pouco depois das 19 horas, atirou-se do Viaducto do Chá um individuo, que, na queda, teve morte instantanea. Pelos papeis encontrados em poder do mesmo, a autoridade verificou tratar-se de Carlos de Alencar, cujo corpo foi removido para o morgue do Araçá".

Corri ao necroterio mencionado. Lá estava o corpo do desditoso Carlos, inerte, desfigurado, com os labios a esboçar um sorriso.

Até a hora do enterramento fiquei no necroterio a vêr si descobria, ou por outra, si ouvia, daquelles labios lividos, o epilogo da historia, promettido poucas horas antes e que era, sem duvida, a razão do suicidio.

Pouco antes de ser levado o corpo á sepultura chegaram varios parentes e amigos do infeliz Carlos. O velho Alencar pae de Carlos, que tambem lá estava, chegou-se a mim e, sem dizer palavra, abraçou-me commovido.

Terminada a cerimonia funebre, voltei para casa. O Estacio, empregado do elevador, entregou-me uma carta que havia chegado naquella manhã. Uma calligraphia incomprehensivel quasi, dizia o seguinte:

"Amigo Lauro:

"Cumprindo a minha promessa de ha pouco, venho trazer-te ao conhecimento do epilogo da minha dolorosa tragedia, mesmo porque não desejo levar para o além, sem uma confissão ao menos, a causa da minha desdita.

"Não podendo mais viver com Isabel, engendrei e puz em pratica um plano criminoso. Criminoso e covarde. Minha mulher se achava em estado interessante e, neste estado, todo o cuidado com a sua saúde seria pouco. Sob o pretexto de sua constante fraqueza, arranjei com um amigo uma poção venenosa, que, de mistura com um fortificante, lhe ministrava aos poucos. Alguns dias depois, Isabel foi definhando até quedar-se, impotente, de cama. Chamei, então, um medico. Examinando-a, o profissional constatou certas irregularidades internas, originadas pela gestão, que, dizia, estava sendo feita com certa difficuldade. Aproveitando do diagnostico falho do facultativo, não tive piedade: continuei com o meu objectivo criminoso, dando doses mais fórtes de veneno, diariamente, a minha mulher. Não demorou muito tempo e, a infeliz succumbiu. No dia mesmo do seu passamento, estiveram a ver a minha victima os meus paes, que do desenlace foram scientificados por um meu amigo. A' presença delles esqueci os resentimentos passados e abracei-os affectuosamente. Commentando, então, as virtudes da minha mulher, meu pae disse-me que, arrependido de ter-se opposto á realização do meu casamento, procurava minha mulher, nas horas em que eu me achava ausente de casa, para offerecer-lhe ajudas. Disse-me que Isabel havia mesmo conquistado a sua sympathia.

"— A's vezes, accentuava — não podendo vir até aqui, mandava-lhe dinheiro, e, quando assim procedia, para não provocar o teu melindre, Carlos, mandava meu empregado escrever-lhe um bilhete que eu não assignava.

"Quando o meu velho pae me confessou que tinha se affeiçoado a Isabel e a sua correspondencia com ella, lembrei-me do bilhete que me levou ao crime e fui procural-o onde pela primeira vez o encontrei. Lá estava elle dentro do mesmo enveloppe. Mostrei-o ao velho, que, lendo-o, me disse ter sido aquelle o primeiro bilhete que havia mandado escrever a Isabel. Aqui não pude mais me conter e desatei-me a chorar como uma criança. Quando me levaram de casa, eu estava de cama delirando em febre.

"Depois, fugi do convivio de todos, e esta miseria, e este fim...".

— A quem pertence esse rio, amigo?

— E' publico, senhor.

— Então, não será crime, si eu pescar alguma coisa aqui?

— Crime, não; mas, será um milagre...

CONSELHOS PRATICOS

Modo de esfriar o conteúdo de uma garrafa: — Quando não se dispõe de gelo ou de agua fria, póde se pôr em pratica o seguinte: envolve-se a garrafa em um pano molhado e expõe-se a uma corrente de ar. Na falta desta corrente de ar, se suspenderá numa corda a garrafa, envolta no panno molhado, e se fará oscillar como um pendulo. Assim se activará a evaporação da humidade do panno e o consequente esfriamento do liquido contido na mesma garrafa.

PAISAGEM NORDESTINA

Ao brilhante espirito de Elcias Lopes

O Norte do Brasil, com a sua natureza inteiramente differente da do Sul, é um dos scenarios mais caracteristicos de luz, de cor e de originalidade.

A natureza do Sul, deslumbrante no colorido, é mais ornamentada, e, não ha siquer um ponto observado onde se não deparem elevações de todas as alturas e formas, que se erguem imponentes. São montanhas e picos de pedras, agrupados em admiravel perfeição esthetica, como o Pão de Assucar, a Urca, Dois Irmãos, Gavea e serras como as de Theresopolis e Nictheroy que fogem azues para o infinito...

Já a natureza nordestina, a cearense, por exemplo, desprotegida destes ornatos monumentaes, é uma planicie grandiosa, descampada que tem como enfeite o coqueiro de palmas verdes e grandes que, de quando em quando, com a sua copa elegante corta a monotonia das linhas horizontaes; são aspectos ineditos, vibrantes de luz e cor, interessantissimos no contraste chocante, da areia alva, do céo azul, e da vegetação verdissima que se arrasta pelo areial onde o mar impetuoso bate e rebate incessantemente, reproduzindo e reflectindo na superficie humida, descobreta pela onda que recua, o céo crú de cor, com os seus menores detalhes.

A praia, que segue formando uma linha sinuosa, cerca todo o littoral formando em Fortaleza, duas reentrancias pittorescas cheias de coqueiraes em grupos e choupanas coloridas: São a chamada Volta da Jurema, e Mucuripe — ponta de areia que se entromette pelo mar adentro semelhante a uma peninsula de pequenissimas proporções, na qual se acha o mais importante pharol das costas nordestinas. Ha uma belleza indescriptivel na cor verdadeira phantasia previlegiada da natureza que, apesar de completamente aspera, é o encanto ardente de resistencia e de força de vontade que caracteriza o povo admiravel e a terra.

As montanhas das praias nordestinas, são ephemeras, são brancas, ligeiramente amarelladas, e não têem grande altura — são as dunas que surgem do dia para a noite; fofas, brilham e faiscam quando o sol causticante domina e está no seu esplendor. Todos estes quadros excessivamente illuminados seriam pobres e cançativos si nas praias, não estivessem as jangadas de velas enormes soltas ao vento; e, as casas, beirando a agua, de paredes de barro pintadas quasi sempre de vermelho e azul dão graça, belleza e mais colorido ás praias.

Em cada um destes recantos habitados, estão os jangadeiros, homens fortissimos, destemidos e arrojados, de cor bronzeada, castigados pelo sol; vivem só da pesca, de peitos descobertos á espera do amanhecer para lançarem-se aos mares, naquellas frageis embarcações, desafiando a inquietação das ondas gigantes e do oceano profundo.

E o littoral deserto destes barcos atrevidos, deixa-nos o olhar preso no immenso tapete de agua verde onde as jangadas deslizam veloses e vaporosas a caminho da distancia delirante.

Distante da terra e perto do horizonte vêem-se velinhas brancas que somem... se somem...

E' um quadro empolgante de coragem humana.

E' o flagrante mais lindo e atrevido das praias cearenses!

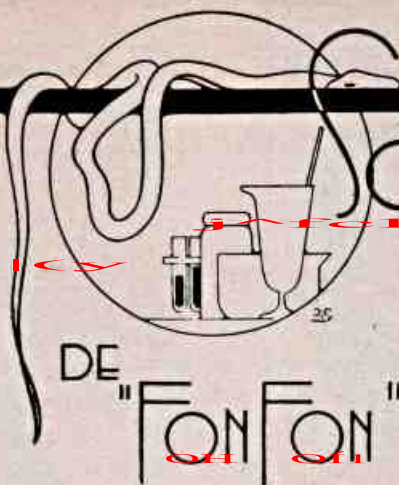
OTHNER SIMÕES

O TÁRTARO DOS DENTES E O SEU EXTERMINIO PELO LEITE DE MAGNESIA

Todo mundo conhece, pelo nome de pedras dos dentes, o que os technicos chamam tártaro, nome que vem da idade media, dado por Basilio Valentim, famoso e illustre alchimista.

O tártaro, segundo a theoria mais acceita, origina-se da precipitação dos saes terrosos da saliva sob a influencia dos fermentos microbianos que pullulam em todas as bôccas. Geralmente elle se deposita sobre a face buccal dos molares e sobre a face lingual dos incisivos, não sómente enfeiando os dentes, mas constituindo-se em factor de destruição.

Sua formação é proporcional á quantidade de saes terrosos da saliva que depende da maior ou menor assimilação de phosphatos e carbonos pelo individuo. As creanças, que não praticam devidamente a hygiene buccal não o apresentam. Adultos, rigorosos nessa hygiene, muitas vezes possuem-no em abundancia.

Como eliminal-o? Depois de constituido, o tártaro só póde ser removido mecanicamente pelo dentista. Removido, porém, não cessa a sua producção, como é facil vêr, e dahi o inicio paulatino de novos e terriveis depositos pedregosos. Mas, si não é possivel removêl-o depois de formado, é facil e garantido evitar-lhe as novas formações, principalmente com o Leite de Magnesia, anti-acido poderoso, que neutraliza a fermentação salivar e impede, portanto, que as pedras se depositem. O uso de um creme dental que contenha leite de magnesia — e ha um producto nacional de primeira ordem que o apresenta, o Gessy, — é uma garantia excepcional contra o tártaro.

Guia Scientifico de "Fon Fon"

Dr. PEDRO DA CUNHA — Clinica geral. Rosario, 129 - 3.º Diariamente, depois de 4 horas.

Dr. CARVALHO CARDOSO — Molestias internas, Tuberculose. Praça Floriano, 55. Tel. 2 - 8305. Residencia: Soares Cabral, 38. Tel. 5 - 0032.

Dr. JOAQUIM DE BRITO — Docente Livre de Clinica Cirurgica da Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Cirurgião da Ass. Publica. Rua Chile, 13 - 1.º, diariamente, ás 3 horas. Tel. 2 - 5757.

Dr. WALDEMIRO PIRES — Da Academia Nacional de Medicina. Rua 7 de Setembro, 135 - 3.º Tel. 2 - 0598. Resid.: Rua Visconde de Castro, 71. Tel. 7 - 1285.

Dr. P. PERNAMBUCO FILHO — Docente e Ass. da Fac. de Medicina. Direct. Sanatorio Botafogo. Doenças nervosas e mentaes. Edificio Odeon, sala 515. Telephone 2 - 1183.

Dr. MARIO C. D'ALMEIDA FILHO — Da Faculdade de Medicina (Serviço do Prof. Brandão Filho). Cirurgia Geral. Vias Urinarias. Anestisias pelo Protoxido de Azoto. Tratamento das nevralgias (facial, sciatica, etc.). Rua Rodrigo Silva, 30 - 4.º Tel. 2 - 8198.

Dr. MARIO KROEFF — Livre docente de Clinica Cirurgica da Faculdade. Pratica nos Hospitaes da Europa. Operações em geral. Vias Urinarias. R. Uruguayana, 104. De 3 ás 7, diariamente. Tel. 3 - 4316.

Dr. ALBERTO COUTINHO — Livre Docente de Clinica Cirurgica. Assist. do prof. Brandão Filho e da F. de Medicina. Cirurgia Geral. R. Rodrigo Silva, 30 - 4.º Das 3 ás 7. Tel. 2 - 8198.

Dr. OSCAR CLARK — Exames medicos completos, exames periodicos de saúde, diagnosticos e tratamento. Rua Republica do Perú, 36. Das 9 ás 12 e das 16 em deante.

Dr. MARIO PONTES DE MIRANDA — Ex-interno do Serviço de DOENÇAS DA NUTRIÇÃO do Hospital Mont-Sinai de New York. Trat. moderno da Asma, Diabete, Obesidade, Enxaquecas, Eczemas, Correcção Dietetica das doenças do Estomago, Figado e Intestinos. Rua do Passeio, 70.

Dr. SALVIO MENDONÇA — Esp. nos Hosp. de Berlim e Vienna (serviço dos profs. R. Ehrmann, H. Elsner, Max Rosenberg e Zweig). App. digestivo e Nutrição, Diabete, Gotta, Obesidade e magreza. Travessa do Ouvidor, 36 - 1.º Tel. 3 - 4310 das 3 ás 6 horas.

Dr. R. DUQUE ESTRADA — director do serviço de Raios X da Faculd. de Medicina e Santa Casa.

Dr. ARNALDO CAMPELLO — chefe do serviço de radiologia do Hosp. S. Franc. de Assis. RADIOLOGIA MEDICA
Diagnostico 2-3486) Rua da
Tratamento 2-3735) Quitanda, 17-1.º

Dr. OCT. RODRIGUES LIMA — Docente da Universidade. Partos-Gynecologia. Cons. diarias, 4 ás 6. Rua da Assembléa, 73 - 2.º Tel. 2 - 3733. Res.: 6 - 2737.

Prof. CASTRO ARAUJO — CIRURGIA GERAL. Rosario, 129 - 3.º Diariamente, depois das 5 hs.

Dr. CONDEIXA FILHO — Ex-assistente do Prof. Papin (Paris). Trata pelos methodos mais modernos as affecções dos Rins, Bexiga, Prostata, Testiculos e Urethra. Diathermia - Ozonotherapia - Fulguração. Av. Rio Branco, 183. Tel. 2 - 2474. Diariamente, das 2 ás 6 hs.

Dr. ADAUTO BOTELHO — Doenças nervosas e mentaes. Electrotherapia e electro-diagnostico. Edificio Odeon 5.º andar, sala 513 / 514. Praça Floriano, ás 3 horas.

Drs. SAMUEL PRADO e SAUL CARNEIRO — Pratica nos hospitaes de Paris e Berlim. Doenças da nutrição, obesidade, diabete, gotta e apparelho digestivo. Largo da Carioca, 15 - 1.º Diariamente, de 2 ás 5 horas.

Dr. JULIO C. FERREIRA — Dentista pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rua da Quitanda, 3 - 2.º andar. Telephone 2 - 8163.

Dr. COSTA PEREIRA — Ouvidos, nariz e garganta. Rua da Assembléa, 73 - 4.º Diariamente, ás 4 e meia. Tel. 2 - 6313.

Dr. A. MARTORELLI — Cirurgião Dentista da Associação dos Empregados no Commercio. São José, 106 - 3.º Tel. 2 - 7070. Consultas Diarias.

Dr. NEVES MANTA — Doenças Nervosas e Mentaes. Rodrigo Silva, 30 - 1.º andar.

Dr. GARCIA JUNIOR — Clinica geral. R. Ramalho Ortigão, 38-3.º 3as., 5as. e sabbados, depois das 15 horas.

Dr. R. PITANGA SANTOS — Doenças ano-rectaes. Rua do Passeio, 70 - 2.º Diariamente, das 4 ás 7 horas.

Dr. MIGUEL PAROLO — Molestias do apparelho genito-urinario. Rua da Quitanda, 17 - 5.º Diariamente, das 3 ás 6. Tel. 2-0966.

Dr. HERMINIO CONDE — Doenças e Operações dos Olhos. Das 14 ás 16 horas diariamente. Rua da Carioca, 6 - 5.º andar. Telephone: 2 - 3478.

Drs. M. C. DE GÓES MONTEIRO e RENATO DE SALLES PUPO — Com pratica nos hospitaes Valle-Grace, Cochin e Saint Joseph, de Paris. Vias urinarias - molestias venereas - Doenças das senhoras - operações - electro-coagulação das hemorrhoidas. Av. Rio Branco, 183-5.º and.

Dr. EURICO SAMPAIO — Clinica medica e molestias mentaes. Rua 7 de Setembro, 141 - 2.º 2as., 4as. e 6as., ás 2 horas. Tel. 2 - 4312.

Dr. RAUL PACHECO — Parteiro e gynecologista — Operações e tratamento dos tumores do ventre e seios, hernias, appendicite. Tratamento das disfuncções sexuaes da mulher; plastica dos seios e orgãos genitaes. 55, praça Floriano. Tel. 2 - 8305.

Dr. RAPHAEL PARDELLAS — Serviço de Cardiologia, doenças pulmonares e pneumotorax. De 14 horas em deante. Rua Republica do Perú, 74. Tel. 2 - 0446.

Dr. ALVARO MOUTINHO — Doenças dos rins, bexiga, prostata, etc. Cura rapida sem dôr da Gonorrhéa aguda ou chronica e suas complicações no homem e na mulher, prostatites, cistites, orchites, inflammações do utero, ovarios, etc. Tratamento pela electricidade. Diathermia. D'Arsonvalização. Ozonotherapia. Estreitamento da Urethra. Impotencia. Rua Buenos Aires, 77 - 1.º 10 ás 18 horas.

Dr. JACINTHO CAMPOS — Raios X. Physiotherapia. Rua 7 de Setembro, 135 - 3.º Tel. 2 - 0598.

Dr. ABREU FIALHO FILHO — Livre docente da Faculdade de Medicina. Doenças e operações dos olhos. Ourives, 7 - 3.º Clinica particular para internação de operados, á rua das Laranjeiras, 72.

Dr. RODOLPHO JOSETTI — Ex-Assistente dos Hospitaes de Berlim e Rio de Janeiro. Cirurgia abdominal e thoraxica. Vias biliares e urinarias. Appendicites — hernias, tumores, etc. Rua 13 de Maio, 44, diariamente, das 16 ás 19, excepto aos sabbados. Tel. 2 - 1000.

Dr. PLINIO SENNA — Exames bucco-dentario para complemento do diagnostico medico. Raios X, infra-vermelho, azues, ultra-violeta, diathermia. R. Ouvidor, 162 - 2.º Tel. 2 -1659.

Dr. A. CALMON D'OLIVEIRA — Hemorroidas, varizes, ulceras varicosas, vias urinarias. Av. Rio Branco, 177 - 1.º Diariamente, ás 4 horas.

Dr. WALDEMAR SAMPAIO — Cirurgia e clinica odontologicas. Alcindo Guanabara, 15 - 7.º, das 9 ás 5 e meia, diariamente. Tel. 2 - 4308.

Dr. JORGE FRANCO — Cura radicalmente a blenorrhagia no homem e na mulher, aguda ou chronica, em 10 injecções hypodermicas, indolores e sem reacção de especie alguma. Tratamento radical da prostatite, orchite, impotencia em moço, ovarite, metrite, esterilidade, etc. Consultas gratis. Assembléa, 67, das 2 ás 4. hs. Tels. 2 - 3112 e 5 - 3984.

Dr. C. XAVIER LOPES — Cirurgia. Rodrigo Silva, 30 - 4.º Diariamente, de 4 ás 6. Tel. 2 - 8198.

Dr. LORENA MARTINS — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 143 - 5.º Diariamente.

Dr. RENATO DE SOUZA LOPES — Da Faculdade de Medicina. Doenças do apparelho digestivo e nervosas. Raios X. Rua São José, 39. De 3 ás 6.

Dr. MILTON DE CARVALHO — Ouvidos, Nariz e Garganta. São José, 84 - 4.º andar.

Caçada

Os écos da ultima palavra, em materia *de contos do vigario*, chegam-nos de Paris, de onde partem sempre tantas e tão varias noticias sensacionaes a maravilhar as populações do mundo inteiro. Este caso, tambem, é digno de figurar entre as collecções mais requintadas da credulidade humana, embora mal se comprehenda que se houvesse desenrolado no anno da graça de 1933 n'um centro intellectual e civil de tão grande envergadura, onde os illetrados são tão raros, como raro seria colher côcos em coqueiros á beira do rio Sena. A invenção era grosseira, mas a moldura foi tão bem doirada pelo talentoso senhor "Lizolou", inveterado gatuno e literato, que homens de valor se honraram de lhe prestar um auxilio tão valioso quanto inconsciente.

O escriptorio do *engódo* lá estava em funcção, num dos edificios do Boulevard, rebrilhando de moveis ricos do mais apurado estylo moderno. Tapetes, lustres e quadros suggestivos ornavam o ambiente, onde se podiam contemplar, pintados a oleo, tropeis de rhinocerontes, manadas de bufalos, bandos de aves tropicaes ao lado flechas envenenadas das defesas de elephantes que enfeitavam as paredes. A todos era promettida, com garantia de grandes quilates, a posse daquelles thesouros, vivos ou mortos, que se reverteriam depois em montes de bilhetes de banco ou em moedas de ouro sonante.

"*Missão de grandes caçadas da Africa Occidental*".

Os demais annuncios eram redigidos em phrases muito persuasivas.

"*Precisamos de socios severamente seleccionados com garantias de depositos interessantes, dando-se em troca vantagens para os mais variados officios, largamente recompensados.*"

Os caçadores affluiam em grande numero, e formou-se uma importantissima companhia. Quem désse, por exemplo, 35 mil francos de capital poderia contar com um lucro *certo* de 80 mil francos! Todo e qual-

aos tolos

quer sócia deveria preencher uma funcção previamente definida com beneficios realizaveis em relação á importancia do cargo. Os radios-telegraphistas, que se suppõe menos endinheirados do que o burguez, dariam apenas 15 mil francos de deposito, na certeza absoluta de poder apurar o dobro; e do mesmo modo o cabelleireiro seria acceito mediante aquella diminuta contribuição, a testemunhar da magnanimidade dos dirigentes da excelsa congregação. Para completar a caravana, appellaram para representantes de todas as classes sociaes. Conductores de caminhões, mecanicos, cozinheiros, criadas de quarto, dentistas e pedicuras deviam concorrer largamente para assegurar, entre o mais luxuoso *conforto* moderno, o exito da magnifica expedição em busca do *Eldorado Africano*.

Mestre Lizalou tinha um compadre tão habil quanto elle, na arte de enganar o proximo. O papel deste ultimo consistia, tão somente, em receber e examinar os malfadados que almejavam partilhar da soberba caçada de féras... As investigações, porém, procediam debaixo de maior severidade!

O abono só era entregue aos candidatos depois destes ultimos serem pesados, medidos e... apalpados! Estatura e dimensões, emfim, decidiam da especialidade de cada um.

— Este é bom para o leão.

— Aquelle serve para hyppopotamos e jacarés.

— Fulana, só poderá haver-se com gazellas.

A sentença era irrevogavel! Mas eis que, um dia, certo cunhado de um inspector de policia, descontente com a decisão que o destinava a perseguir monos de galho em galho, se queixou ao parente policial que farejou algo de suspeito, mas... chegou tarde. Já os notaveis conquistadores da fama africana e da crendice humana se haviam sumido, largando moveis, balança, e bitolas alugadas, emquanto os logrados *bramiam* (é o caso) contra uma burla collectiva que os lesava em mais de dois milhões de francos!

Si non è vero... è bene trovato...

ITAVAZ

COLOMBO ESCOLHEU A SANTA MARIA E CONQUISTOU A GLORIA COM O DESCOBRIMENTO DA AMERICA
ESCOLHA UM BILHETE DA
LOTERIA FEDERAL DO BRASIL
E CONQUISTE A SUA INDEPENDENCIA
COM O PRÊMIO DE
1.000 CONTOS
DA EXTRAÇÃO DE
14 DE OUTUBRO
LOTERIA
1.000
CONTOS
14 de OUTUBRO
FEDERAL DO BRASIL

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 39

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1933

Director: SERGIO SILVA

PRIMAVERA

PRIMAVERA... Vida... Plenitude de vida... Festa de flôres...

Distendo os olhos para o caminho longinquo que palmilhei, cheio de illusão e de fé, ha vinte annos atraz.

Minha alma de moço vibrava, palpitava sob o rythmo forte da illusão e do sonho.

Floriam rosaes olentes nos jardins do meu coração. E a vida, como era bôa e como era linda a vida!

Todo meu ser era um rythmo de exaltação e de alegria dentro da festa da vida.

Depois... Depois vieram vindo os annos e, com elles, as decepções, as desillusões, o desencantamento.

E, em marcha forçada para o outomno, quando me procurei a mim proprio, quando busquei de novo encontrar a alma que eu deixára deslumbrada e estonteada lá, bem longe, onde os rosaes floriam, senti que nunca mais, nunca mais a encontraria.

As folhas amarellecidas do outomno começaram a dançar dentro de mim o bailado triste do desencantamento. A nostalgia das immensas florações espontaneas e fortes que faziam o esplendor e o deslumbramento da vida que era, em mim, harmonia e canção de primavera, extravasou no meu ser a afflicção e a tortura das melancolias que se não definem.

Ansiedade... Inquietude... Dôr...

E, pela estrada longa da vida, vim sorvendo o calix da minha amargura interior.

Primavera!

Ella ahi está, a primavera, a florir a natureza, como faz todos os annos.

E a florir tambem as almas e os corações. Porque, vivificante e generosa, a bôa fada que prodigaliza ao homem o milagre annual da natureza em flôr, prodigaliza-lhe, tambem, o milagre de illudir-se a si proprio, mesmo quando o outomno já o alcançou, mesmo quando o frio do inverno já lhe faz tremerem as mãos...

Primavera!

Meu amôr, ella ahi está, a Primavera. Vem. Vem para a festa floral do meu coração cheio de ti, cheio da tua saudade.

Que importa que ella — a Primavera — só nos dê a mim e a ti sua floração de saudade?

Saudade... Recordação...

Viver, pelo sonho, tudo que passou...

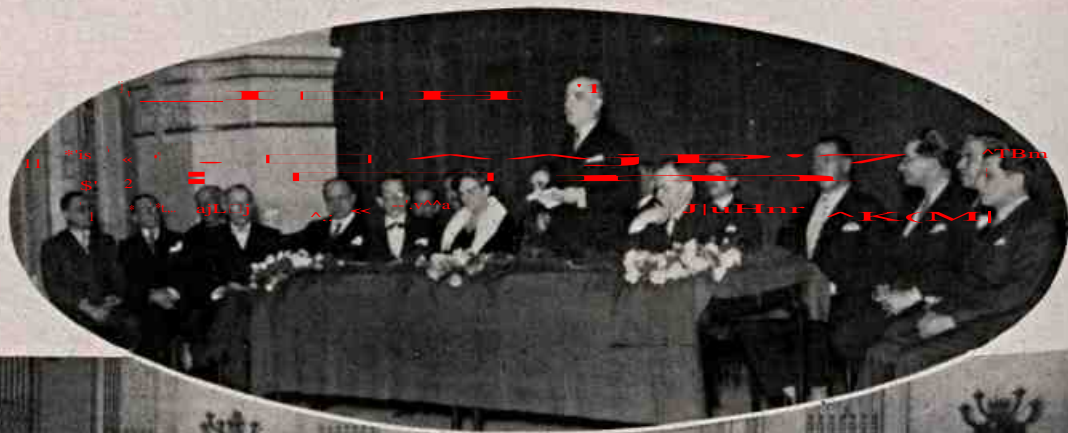
Reviver, pela saudade, a saudade mesma de tudo que ansiámos e nunca realizámos!...

Primavera... Meu amôr, ella ahi está, a Primavera, cheia de alegria e de festa.

E tudo que ella me trouxe, tudo, deponho a teus pés, oh! minha suave Saudade feita mulher!

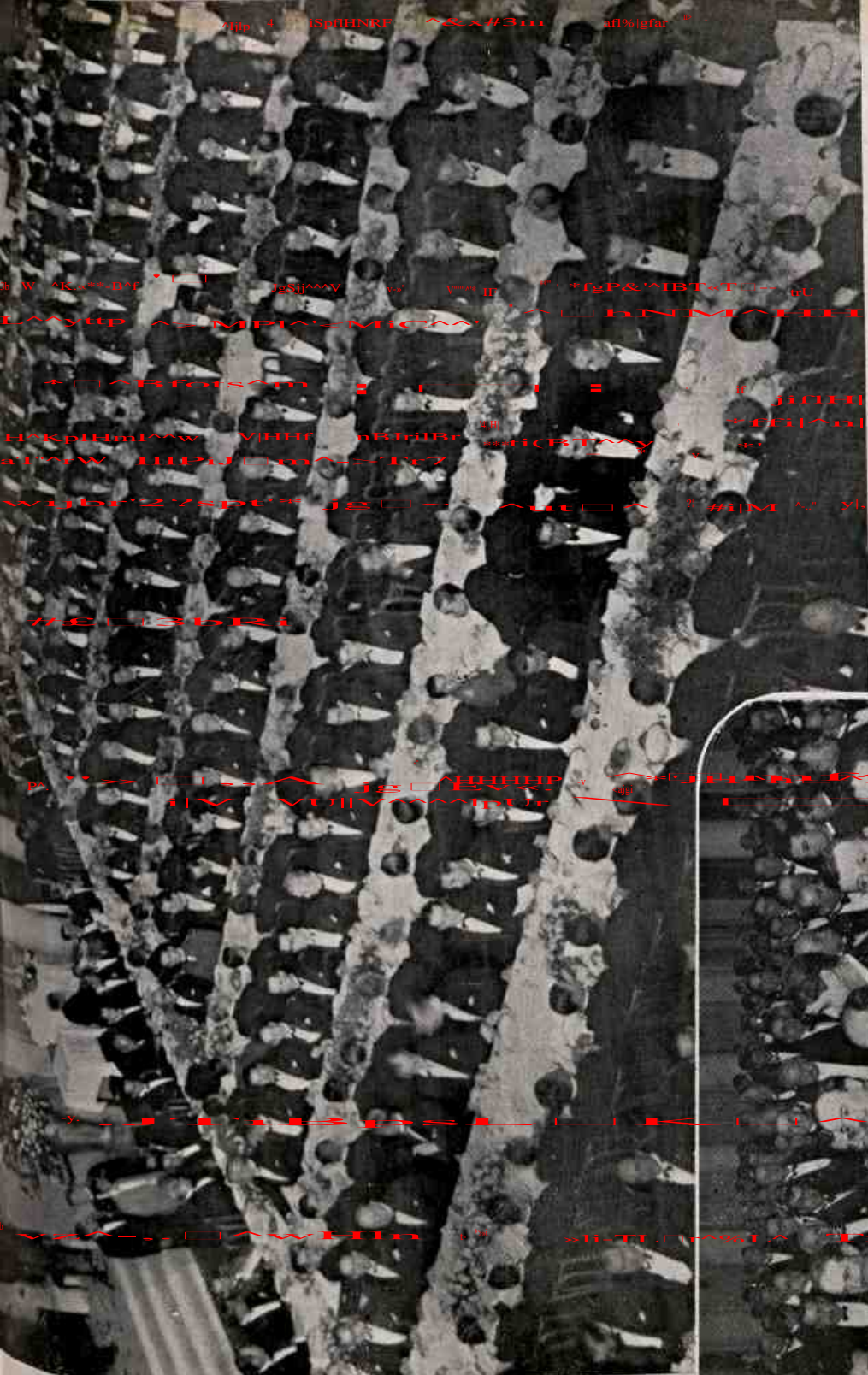
Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches,
Et puis voici mon cœur qui ne bat que pour vous.
Ne le déchirez pas avec vos deux mains blanches
Et qu'à vos yeux si beaux l'humble présent soit doux.

ELCIAS LOPES

Foi uma reunião brilhantissima e de grande esplendor mundano a recepção que o sr. embaixador do Japão e a sra. Hayashi offereceram no palacio da embaixada nipponica, em homenagem aos athletas japonezes, que se encontram presentemente entre nós. A nossa gravura dá bem uma idéa do que foi essa festa de elegancia e cordialidade.

Em solennidade que se realizou domingo passado, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, foi inaugurada a Conferencia para a Uniformização da Campanha contra a Lepra, promovida pela Federação das Sociedades de Assistencia aos Lazaros e Defesa contra a Lepra. Estão aqui dois flagrantes dessa cerimonia, que se realizou sob a presidencia do director geral da Saúde Publica, dr. Raul de Almeida Magalhães.

Nos salões do Automovel Club realizaram-se duas lindas festas promovidas pelos universitarios: a tradicional «Festa do Thermometro» e o esplendente «Reveillon da Primavera», organizado pela Casa do Estudante.

O funccionalismo municipal do Districto Federal, num gesto da mais espontanea e significativa sympathia, commemorando a passagem da data natalicia do dr. Pedro Ernesto, illustre interventor da cidade, prestou-lhe, segunda-feira ultima, expressivas e excepcionaes homenagens. Pela manhã, foi rezada missa em acção de graças, na igreja da Candelaria, ficando o vasto e bello templo literalmente cheio. A' tarde, na Prefeitura Municipal, inaugurou-se, solennemente, o busto em bronze do dr. Pedro Ernesto, fazendo-se ouvir, nessa occasião, o dr. Raphael Pinheiro. As gravuras desta pagina focalizam aspectos das homenagens tributadas na parte do dia ao interventor Pedro Ernesto.

Nos sumptuosos salões do Automovel Club do Brasil, caprichosamente decorados e illuminados, realizou-se, á noite, em continuação ás brilhantes demonstrações de apreço tributadas ao interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, o grande banquete, de mais de 600 talheres, no qual se fizeram representar todas as classes da sociedade carioca, tomando parte no mesmo altas autoridades civis e militares, entre outras os drs. Oswaldo Aranha, Antunes Maciel, Salgado Filho, general Espirito Santo Cardoso, almirante Protogenes Guimarães, drs. Afranio de Mello Franco e Washington Pires, respectivamente ministros da Fazenda, da Justiça, do Trabalho, da Guerra, da Marinha, das Relações Exteriores e da Educação; banqueiros, commerciantes, jornalistas, etc. O illustre homenageado foi ahi saudado pelo dr. Oswaldo Aranha, tendo respondido, agradecendo. O dr. Pedro Ernesto foi, tambem, saudado pelo representante do embaixador Martinho Nobre de Mello, que falou em nome da colonia portugueza.

FILIGRANAS

Villegaignon foi o verdadeiro creador do Rio de Janeiro. Desde Gonçalo Coelho, os lusos conheciam a bahia maravilhosa, mas nella não haviam tentado fundar nenhum estabelecimento. A creação da França Antarctica despertou-lhes a attenção. A fortificação calvinista na ilha de Serigipe, que hoje tem o nome do aventureiro francez, forçou-os á luta. Vencedores, os portuguezes fundaram S. Sebastião, afim de tomarem posse do logar. E duas das mais antigas paginas de nossa historia foram escriptas graças á vinda dos francezes: o livro de Jean de Léry e o livro de Thevet.

A ilha de Serigipe, dos Tamoyos ou das Palmeiras, que fica ao meio das aguas da Guanabara, relembra sob o nome de Villegaignon a grande tentativa calvinista.

A CARTA DA TRAIÇÃO

NUM impeto, Roxane arrebatou das mãos nervosas de Carlos Alberto a carta traidora que elle procurava, disfarçadamente, esconder.

Leu-lhe o endereço. E constatou que o noivo leviano a destinava a uma das suas amigas mais intimas.

A missiva era simples. Mas, revelava uma traição imperdoavel. Dizia:

•

"Gilda — E' triste uma missiva de adeus. Aliás, todas as despedidas são tristes. Ora, para os que vão, ora, para os que ficam. E outras vezes para ambos...

Não sei si esta é triste ou alegre, para o teu modo de sentir. O que sei é que, á maneira daquelle homem apaixonado, que só ia visitar o tumulo da noiva, vestido de branco, assobiando feliz — para attenuar a dôr da sua saudade, — eu te escrevo com um ramo de rosas deante do tinteiro de bronze e um sorriso nos labios amargurados. As rosas servem para perfumar e embellezar o ambiente. O sorriso é para tornar menos grave a minha melancolia.

Sim. Quero frisar que o que sinto, neste momento, é, apenas, uma melancolia muito suave.

Não é odio. Não é revolta. Não é ciume. Não é despeito. E' a melancolia de perder-te, de saber que tudo vae findar entre nós.

Géraldy procura fazer crêr que se ama, primeiramente "par hasard"; depois, porque se começou... Quer dizer, o amor, passado certo tempo, é mais uma questão de habito. A gente ama porque está habituada a querer bem, a pensar em uma creatura que enche a nossa vida e que é todo o nosso bello sonho e a nossa felicidade de amor.

Ha horas que são consagradas a essa creatura. Ha palavras, gestos, sorrisos, cuidados, pensamentos, pequenas coisas que são apenas para essa pessôa. Ella é a razão de ser dos actos mais communs, mais vulgares, mais quotidianos da nossa vida.

Si sentimos o seu perfume, ella nos surge á memoria, como um raio lunar, entrando, subitamente, numa alcova escura e deserta, que se abriu com a passagem do vento... Si vemos uma flor delicada, pensamos: "Linda para ella!"... Si ouvimos uma phrase, que lhe é habitual, logo dizemos: "Ella gosta tanto dessa expressão!..."

Até os nossos sustos, os nossos pesares, os nossos desgostos são motivos para que pensemos na mulher a quem amamos...

Por tudo isso, Gilda, é que, ao defrontar o irremediavel, — que é este adeus forçado — adeus porque julgas ser impossivel o nosso affécto — eu sorrio para suavizar a saudade que esse inevitavel adeus me vae deixar...

Desculpa, si não chóro..."

•

Roxane interrompeu a leitura. Sorriu, despeitada.

— Basta! — exclamou, com frieza. Basta de ridiculo! E acceite tambem o meu adeus... — accentuou, entregando a carta a Carlos Alberto.

* * *

Roxane abriu a porta do quarto, que se fechou, depois, com estrondo.

E cahiu, de bruços, a soluçar, sobre a largura da sua cama de solteira...

Yves

O professor Oscar Clark, fundador da Clinica Escolar do 8.º Districto, reorganizador dos serviços de inspecção medico-escolar do Districto Federal, lente de clinica medica da Faculdade de Medicina e actual chefe da 2.ª Enfermaria da Santa Casa de Misericordia, é um dos mais operosos e illustres homens de sciencia do nosso paiz, já tendo dado a lume cerca de 200 monographias sobre os mais difficeis e sensacionaes problemas da pathologia humana. O dr. Oscar Clark acaba de dirigir a organização de um verdadeiro tratado de Hematologia, confeccionando, para isso, com o auxilio de outras grandes figuras da nossa medicina, um numero especial de «A Folha Medica». Esse trabalho, dos mais exhaustivos que se têm realizado entre nós, representa mais uma preciosa collaboração do illustre medico e professor para a obra grandiosa do combate aos males de que enfermam e padecem os homens, e é um indice do progresso da sciencia de Hyppocrates em nosso paiz.

GOVERNO DE MINAS

FIGURA de marcante relevo e accentuada projecção no scenario da vida publica brasileira contemporanea, o dr. Gustavo Capanema, illustre interventor, interino, do Estado de Minas, é, tambem, uma das mais authenticas expressões da nossa mentalidade e da nossa cultura. Espirito dynamico, servido por uma cultura geral, solida e moderna, e especializada em Direito e technica administrativa, esse eminente patricio, desde a Revolução de outubro de 1930, vem prestando ao Brasil e a Minas os mais assignalados serviços. Secretario do Interior no Governo do saudoso verão mineiro, que foi Olegario Maciel, o dr. Gustavo Capanema realizou, nesse importante departamento do Estado, relevantes reformas de natureza administrativa, imprimindo nova e moderna feição áquelle apparelho burocratico. A Secretaria do Interior do governo de Minas é, hoje, realmente, um apparelho administrativo efficiente, productivo, com a sua organização modernissima, modelar. E foi na sua direcção que o dr. Gustavo Capanema se revelou o administrador esclarecido e notavel que é, levando, assim, aos serviços publicos mineiros, a mais valiosa e fecunda contribuição.

Dirigindo, agora, ainda em caracter interino, os destinos do seu grande Estado, como successor natural do dr. Olegario Maciel, o illustre e joven estadista patricio, cercado da sympathia publica e prestigiado pela confiança dos seus conterraneos, saberá corresponder amplamente ao que delle esperam Minas e o Brasil.

Dr. Gustavo Capanema, interventor federal, interino, do Estado de Minas Geraes.

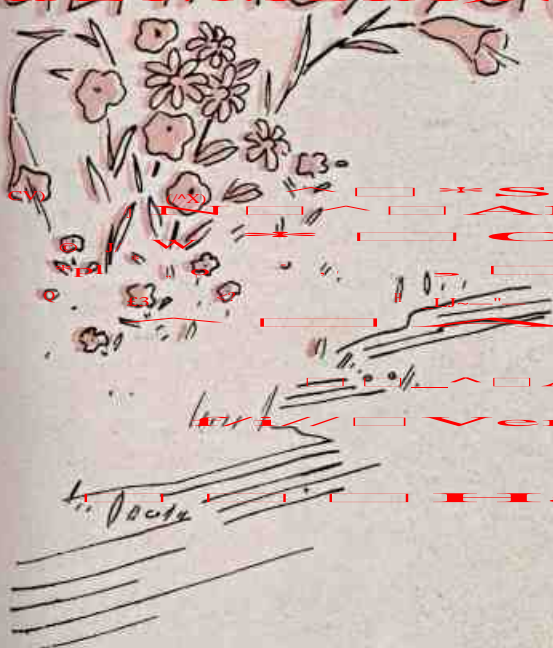
O «Dia do Funccionario Municipal» foi commemorado na penultima quarta-feira com uma sessão civica realizada no theatro Municipal e com uma festa promovida por um grupo de socios do Club Municipal, na séde desse novo gremio social, á avenida Rio Branco. O «cliché» focaliza as duas cerimonias commemorativas do «Dia do Funccionario Municipal».

Os estudantes bahianos que se encontram nesta capital, em visita de cordealidade universitaria, quando eram recebidos pelo capitão Filinto Muller, no gabinete do chefe de policia do Districto Federal.

A distincta cantora sra. Rosetta da Costa Pinto, cuja bella voz tantas vezes tem sido applaudida nos nossos salões e em recitaes publicos, cercada de suas alumnas, antes da audição que se realizou na séde do Curso de Arte que mantêm com as sras. Léa Azeredo da Silveira e Nenê Baroukel Fortes.

A Associação Athletica Banco do Brasil inaugurou a sua séde social com uma festiva cerimonia, que se realizou sabbado ultimo, em presença de elevado numero de associados daquelle gremio bancario.

ULTIMOS SONETOS DE AMOR

I

Si o Bem supremo em ti se me depara,
Si em ti meu Sonho e meu Ideal diviso...
Ah, que precito acaso não trocára
O Inferno escuro pelo Paraiso?

Eu sei que transformaras com teu riso
A minha noite negra em manhã clara;
Eu sei que este sargal do chão que piso
Ao teu influxo em flores rebentára.

Vem! Antevejo em ti a fonte pura
Que esta minha alma, numa séde infinda,
Ha tanto tempo e sempre em vão procura.

Vem, por quem és, e dá-me, ó visão linda,
A ventura do amor — dá-me a ventura
Que todos têm e que eu não tive ainda.

II

Quando divagam os teus olhos pelos
Versos de amor que eu fiz na mocidade,
Isenta de rancores e de zelos,
E's sempre a mesma em tua sã bondade.

Cabellos brancos... Nem siquer saudade
De outros amores. Queres conhecê-los?
Reproduzidos com fidelidade,
Aqui os tens na côr dos meus cabellos.

O coração por ellas transviado
Salvou-o, emfim, teu coração eleito.
Só por ti não maldigo meu passado;

E, só por ti, bemdigo meu presente:
Maior que o mal que todas me têm feito
E o bem que tu me fazes, tu, sómente.

"Poemas da Solidão".

JULIO MACIEL

Alto-Falante

Francisco Karam é um dos poetas mais interessantes da nova geração brasileira. Seus versos, de alto e suave expressionismo mystico, são de uma doçura encantadora. E' assim o poeta de «Leviticas» e de «Palavras de Orgulho» e de «Humildade». Por isso mesmo, quem ler, agora, seu novo livro — «A Hora Espessa», ha pouco publicado, estranhará, a principio, a nova feição com que se apresenta a suave musa do grande poeta mystico. Mas, só a principio, porque, depois, já no final da obra, ao terminar «a hora espessa», o poeta novamente eleva a alma e o coração para o seu sonho de idealidade e perfeição. «A Hora Espessa» é uma bella obra, que, de certo, marcará um grande successo de livraria e mais consagrará o nome do illustre poeta paulista.

CANÇÃO DE SAUDADE

SE você hoje viesse, meu amor, para a festa do meu carinho... Se você hoje viesse para acalentar meu coração nas suas mãos pequeninas, de azas inquietas de borboleta cor de rosa...

* * *

Se você, hoje, viesse, eu a receberia com minha alma pequenina de creança... Essa alma que só você sabe despertar e fazer vibrar dentro de mim e que, cheia do deslumbramento com que você a fascina e encanta, ainda sabe dançar, só para você, a ciranda-cirandinha da felicidade...

* * *

Mas você não vem... Já ha trevas no tempo e tambem dentro de mim... Minha alma pequenina de creança não teve, hoje, o seu dia de festa e de esplendor. E recolhe-se com a sua dor e a sua melancolia ao borralho agasalhador do meu coração, acalentada apenas por esta canção de saudade que eu canto para você...

A SUAVE MENTIRA

— Vocês, as mulheres...

— Que temos nós as mulheres?

— Nunca nos comprehendem. Nunca sabem apreciar devidamente o amor que lhes dedicamos...

— Estupendo! Magnifico! Estes homens têm cada uma!...

Armindo Rangel, depois de uma longa ausencia literaria, apparece agora com os «Outros poemas», que a critica tem festejado brilhantemente. Poeta lyrico e epigrammatico, Armindo Rangel deu ao seu livro um sentido harmonioso e bello. Moderno, sem extravagancia, «Outros poemas» é um volume de poesia sentida, que recommenda o autor, entre os nomes literarios em evidencia. Armindo Rangel, em bôa hora, tornou ao convivio das musas, de que parecia afastado. E desse convivio são fruto delicioso estes encantadores «Outros poemas».

— Explica-te. Até agora não pude comprehender o que queres dizer...

— Não?

— Não.

— Sabes de uma coisa?

— Dize.

— E' melhor ficarmos por ahi... Senão...

— Senão?...

— Não me provoques! Não me irrites mais!

— Está bem. Então, até logo. Vou arejar um pouco a alma e o coração por ahi afóra...

— Hein? Arejar o coração por ahi afóra?! E dizes isso assim com tanto cynismo, com semelhante desplante! Eu logo vi. Logo desconfiei das tuas intenções ao provocar esta scena, bandido!

— Scena? Que scena? Estarás louca? Estava a falar-te calmamente. Sem segundas intenções, procurando apenas fazer-te sentir a indifferença, a frieza com que me recebes de certo tempo para cá... Antes não eras assim... Quando eu me recolhia á casa, á tardinha, sempre me recebias com o teu beijo, alegremente. Agora... Está bem. Até logo...

— Carlos!

— Hein? Que queres?

— Vem cá... Senta-te ahi e senta-me, agora, no teu collo...

— Prompto. Que queres mais?

(Conclúe na pag. seguinte)

«30 dias em aguas do Amazonas» é o titulo de um interessante volume de impressões de viagem do escriptor Pedro Mattos, illustre jornalista cearense, que ha muito reside no Rio, onde tem feito a sua brilhante carreira literaria. Pedro Mattos conta episodios de uma viagem entre Belem do Pará e Rio Branco, no Acre, em estylo attrahente, revelando o espirito curioso e penetrante de um observador intelligente e agudo. Homem de letras, com uma tendencia para ver o lado humano das cousas, Pedro Mattos tem a sahir proximamente do prelo um livro forte, a que elle deu o nome expressivo de «Vida...» São contos humanissimos esses, que irão, certamente, augmentar o prestigio literario do autor de «30 dias em aguas do Amazonas», tão bem recebido pela critica. Pedro Mattos allia ás suas qualidades de observador um estylo agradavel, simples, cheio de belleza.

FILIGRANAS

Uma das faces do folk-lore brasileiro que, á primeira vista, parece mais propria dos nossos sertões é a dos anexins. Entretanto, no fundo pouco tem de verdadeiramente original. Elles com effeito se apresentam vestidos á sertaneja, mas, na essencia, são os antigos brocardos da sabedoria popular, communs a todos os povos e em todos espontaneos — porque a experiencia humana em qualquer parte do mundo onde se manifeste tem de ser sempre infelizmente a mesma.

Desde que o mundo é mundo e rola pelas immensidades os homens e as mulheres se enganam da mesma maneira...

FILIGRANAS

O mysterio do Brasil feito do que lhe trazem as raizes da latinidade, misturadas ás raizes americanas e africanas, nos liga ao Mediterraneo e aos ciclos das suas culturas marginaes, sobretudo ao espirito provençal. E' através deste que nossa alma tão profundamente se harmoniza com a alma franceza.

Essa harmonia, porém, não nos impede de sermos eminentemente e nacionalmente nós mesmos, dentro duma feição mental e moral nossa, que seja aquillo que Renan denominava "o principio espiritual da nacionalidade." Esse devemos cultivar como uma fonte de vida.

O capitão Juracy Magalhães, interventor federal no Estado da Bahia, cercado de parentes e amigos, ao desembarcar nesta capital, na ultima semana.

ALTO-FALANTE — (CONCLUSÃO)

— Dize, agora, é tua mulherzinha, que a amas mesmo, que não vives a enganal-a, que és e sempre foste della, só della...

— Lourinha.

— Sim, sou louca, louca por ti. Porque te quero muito... Beija-me. Acarinha-me... Deixa-me sentir-me pequenina, muito pequenina e fraquinha no abraço amigo dos teus braços fortes...

— Carlos!

— Hein...

— O amor, apesar de tudo, ainda é tudo na vida... Não é?

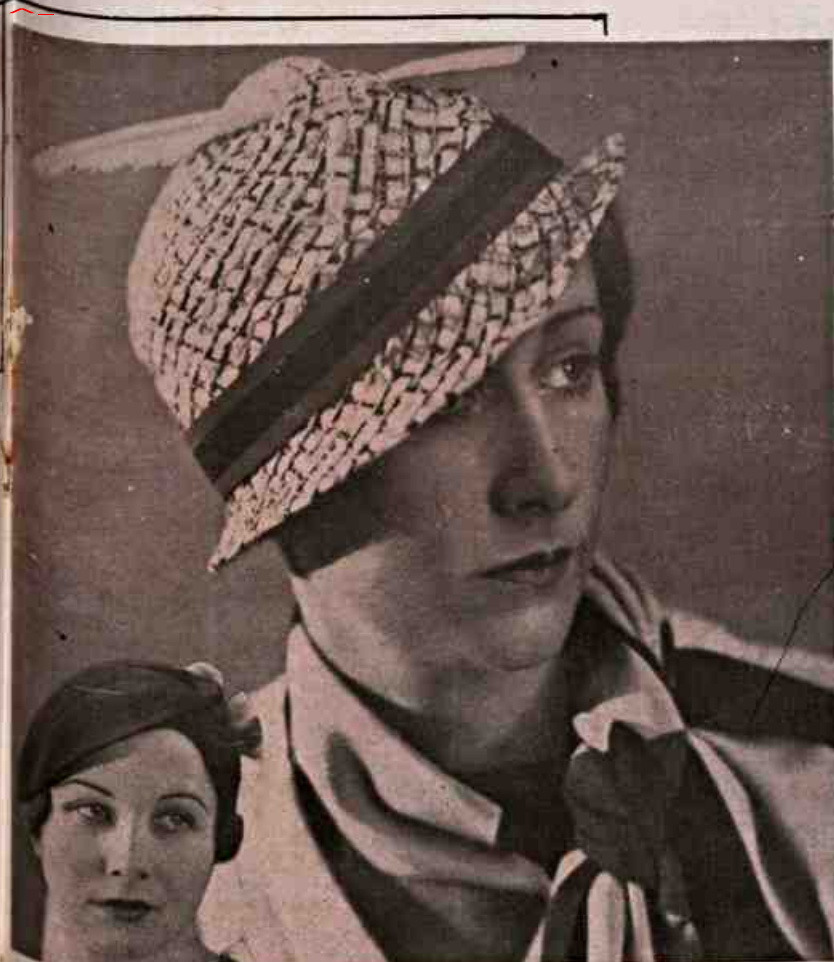
— Sim, queridinha. E tu és todo o grande e immenso amor da minha vida.

— Sim... Sou tão feliz quando sinto, como agora, que és meu, muito meu...

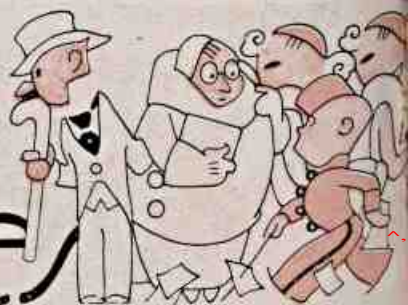
— E eu, tambem, amor, quando te sinto assim, minha, tão minha...

Max Lindeu

Grupo tirado na séde da Acção Integralista Brasileira, em Nictheroy, após a cerimonia da fundação do sub-nucleo Integralista de S. Gonçalo.

CREAÇÕES JEAN PATOU

A MULHER CHIC

1 — Manteau de sport en lainage granité blanc. Echarpe rouge, blanche et bleue. Feutre marine.
2 — Bengale beige garni de feutre marron.
3 — Robe de tissu de soie façonné noir et blan. Garniture de piqué blanc. Béret de feutre garni de plumes.
4 — Paillasson vert, blanc, noir. Fantaisie de plume de paille.
5 — Jupe de lainage blanc. Sweater en tricot marine et blanc. Feutre marine.

(Photos especiaes para FON-FON).

A SEMANA

A entrada da primavera foi chuvosa e triste. A semana transcorreu sem novidades. Os dias longos convidavam ao recolhimento e as ruas molhadas despediam a gente para casa.

Comtudo, as poucas estiadas attrahiam as senhoras elegantes que, a pretexto de compras, não resistiram ao prazer do chá das 5, na cidade.

O fim de estação é desagradavel ao espirito exigente da moda. Em phase de transição entre o frio e o calor, as damas preferem prolongar o inverno até o advento completo do verão, sem meio termo...

* * *

Na rua do Ouvidor, numa dessas tardes, em que o Rio parece ter augmentado sensivelmente a sua população, fiz o que é costume brasileirissimo, ou melhor, eminentemente carioca: plantei-me no passeio, só para ver o desfile das nossas elegantes.

E, já ao escurecer, minha retina guardava a lembrança de algumas dezenas de formosas patricias.

Infelizmente, nem todas conheço. E só por isso a relação dos nomes aqui feita se resente da falta de não apparecer completa.

* * *

Descendo ou subindo a rua do Ouvidor, para a Avenida ou para a Gonçalves Dias, indo ao chá, ou voltando do chá, já tendo feito compras ou ainda por fazêl-as, vi do meu canto de parada bisbilhoteira: A senhora Marques Couto, a senhora Edmundo de Miranda Jordão, a senhora Paulo Gomes de Mattos, a senhora Juvenal Murtinho Nobre, a senhora José de Azurem Furtado, a senhora Eurico Souza Leão, a senhora Gabriel dos Santos Vianna e senhoritas Lourdes e Nenette Santos Vianna, a senhora Leticia de Figueiredo, a senhora Brito Cunha, a senhora e senhorita Aureliano Amaral, a senhora Alfredo Maia, a senhora Octavio Reis, a senhora Milton Weinberger, a senhora Luciano Lordsleem, a senhorita Magdala da Gama Oliveira, as senhoritas Conceição e Maria Adelmar Tavares, etc. etc.

* * *

— Sabe que o baile de anniversario do Automovel Club, no dia 30, vae marcar, com pedra branca, o programma de festas da aristocratica sociedade?

Quem falava assim era a senhorita Edila Costa Lima para uma sua inseparavel amiga, cujo nome ainda não achei quem me quizesse dizer...

CASINO DA URCA

HA poucos dias, os jornaes largamente noticiaram a inauguração de mais um Casino, no Rio. A cidade turistica, por excellencia, resentia-se da falta de estabelecimentos dessa natureza, onde se pode passar uma *soirée*, despreoccupado e feliz.

A reabertura do Casino de Copacabana, com o seu *grill room* sempre cheio e animado, illuminou a physionomia turistica da cidade. Agora, o Casino da Urca veio completar essa alegria da metropole, que parece ter sido feita para seduzir e deleitar a alma dos forasteiros.

* * *

Sabbado, o jantar no *grill room* da Urca esteve animadissimo. A ala direita do edificio, isto é, a parte que dá para a montanha, reuniu em torno

A ROSEIRA

AO longo do caminho florido, só uma roseira existia sem uma rosa. Bonita, viçosa, enfolhada de novo, a roseira não chegou nunca a enfeitar-se com a promessa, ao menos, de um botão. As roseiras irmãs cobriam-se de flores. E ella, *pobrezinha*, parecia condemnada a viver assim, invejosa das outras, defendida pelos espinhos, sem a compensação da alegria e da vaidade das rosas perfumadas.

* * *

Um dia, habil jardineiro parou a contemplál-a. E dias e mezes olhou a vida da roseira. Por que não daria flores, como as outras? Examinou-a. Nada lhe faltava. A terra era bôa. A planta, viçosa e linda.

da pista central illuminada uma selecta sociedade. (Na outra ala, o jogo não teria attrahido menos gente, nem menos distincta...) Danças e numeros de attracção: bailados e canto. E um ar de civilização communicativa. Um ambiente de sensações transatlanticas...

* * *

Lembra-me de ter visto: senhor e senhora Maviael do Prado, senhora Maria Neves de Castro, a illustre escriptora; senhor e senhora Sanelva de Rohan; a poetisa Hyldeth Favilla; senhorita Zenaide Guerreiro; senhor e senhora P. C. Villela; senhorita Elza Pacheco; senhor e senhora Tude Lima Rocha; senhorita Edla Costa Lima; senhor e senhora Negrão de Lima, etc.

CASA DO ESTUDANTE

A cidade, apesar da semana de chuva, assistiu ao movimento em torno da "Quinzena da Primavera", com que todos os annos, desde 1929, se vem celebrando essa festa da juventude brasileira. A mocidade das escolas superiores, reunida sob a bandeira da Casa do Estudante do Brasil, realiza nessa alegre quinzena de setembro um movimento digno de todo apoio.

* * *

Percorri os varios postos de venda de livros offertados á Casa do Estudante, sob a guarda de gentis e dedicadas *patronesses*.

No "Jornal do Brasil", a barraca de livros estava confiada, entre outras vendeuses, á senhora Laura Gonzaga Freire e ás suas filhas, senhoritas Marilia e Lygia.

No Largo da Carioca, a senhora Chrysantho Rocha dirigia um grupo de finos elementos e a senhora Alvaro Moreyra não deixava escapar um conhecido, no posto do Lyceu de Artes e Officios.

Na praia de Botafogo, apesar de uma manhã chuvosa, as operosas *patronesses* multiplicavam-se para augmentar as vendas da sua feira encantadora. Vi a senhora Zila Amaral Nogueira, activissima, em tão nobre mister...

* * *

O *reveillon* da primavera, no Automovel Club, alcançou um exito magnifico. Nem era de esperar outro resultado, pois a Casa do Estudante confiara a elegancia e o brilho dessa festa ao patrocinio das senhoras Getulio Vargas, Oswaldo Aranha, Fernando Magalhães, Nascimento Feitosa, Leitão da Cunha, Affonso Penna, Juvenal Murtinho, Dolabella Portella, Adolpho del Vecchio, Raul Leite, Anisio de Sá, Celso Kelly, Raul Bergallo e das senhoritas Alzira Vargas, Malvina Dolabella Portella, Clotilde Cavalcanti e Jandyra Pamplona.

* * *

Gilda Abreu representou, com o concurso de encantadoras senhoritas da nossa sociedade, o lindo bailado "Entrada da Primavera". Destacaram-se no admiravel conjuncto as senhoritas Maria do Carmo Affonso Penna, Flora Anisio de Sá, Dora Del Vecchio, Maria Picorelly, Carmen Silva, Regina Bergallo, Nilsa Penna, Noemi Russell, Arlinda Moura, Elza Figueira de Mello, Regina Carvalho Motta, Wanda Fernandes Dias, Nicole e Jacqueline La Saigne, Gilda Musset, Alice Isnard, etc.

AUTOMOVEL CLUB

O ultimo chá dançante do mez de anniversario do Automovel Club realizou-se sabbado. Hoje, haverá o annunciado grande baile. Dessa festa elegantissima, a *Feira* se occupará na proxima semana, com detalhes.

Apesar disso, redobrou de cuidados. E ao regál-a, todas as manhãs e ao pôr-do-sol, o jardineiro tratava-a amorosamente. E sacudia das folhas o pó, que o vento depositava. E revolvia-lhe o canteiro e protegia-a dos insectos.

* * *

Foi assim que, um dia, a roseira amanheceu cheia de botões. E os botões abriram em rosas. E a roseira ficou sendo a mais linda de todas...

* * *

Também tu, meu Amor, eras assim uma roseira, que não tinha quem amorosamente te olhasse e protegesse. Fui eu o teu jardineiro. E é por isso que me dás agora, em rosas de ternura e de carinho, o prêmio que os meus cuidados te mereceram.

LUCIANO

O chá dançante de sabbado passado reuniu, entre outros distinctos elementos da fina sociedade do Rio, as seguintes figuras rpresentativas: senhor e senhora De Lamare São Paulo, senhor e senhora Alvaro Neves, senhora Renato Souza Lopes, senhora e senhoritas Costa Lima, senhor, senhora e senhoritas Caldas Barreto, senhorita Aureliano Machado, senhora Souza Araujo, senhora Fontainha, senhora Francisco Medina, senhor e senhora Negrão de Lima, senhor, senhora e senhorita Amaryllio de Noronha, senhor e senhora Armindo Rangel, senhora Amalia Machado, senhor e senhora Cordeiro de Mello, viuva Fridolino Cardoso, senhora Bertha Pinto de Moraes, senhor e senhora Povina Cavalcanti, senhor e senhora Heitor Motta, senhorita Lourdes Nelson Machado, senhorita Edith Cordeiro, senhoritas Elsa e Nelsa Penna, senhorita Conceição Marques, senhorita Odette Godinho, senhoritas Ascot, senhorita Helena Boulitreau senhoritas Anisio de Sá, senhorita Maria de Lourdes Ferreira, senhor, senhora e senhorita Marcos Carneiro de Mendonça, etc.

Compareceu á festa a *estrella* portugueza senhora Dina Thereza.

STUDIO EROS VOLUSIA

O ambiente de fina espiritualidade, que o gosto artistico de Gilka Machado e de Eros Volusia soube crear no lindo studio da rua S. José, continúa a attrahir as pessôas mais representativas do *set* carioca.

Já constitue uma obrigação devocional o comparecimento ás tertulias dos sabbados do Studio Eros Volusia, onde se póde ouvir e ver a nata da intelligencia e da sensibilidade esthetica do Rio.

* * *

Ha bem pouco tempo, costumava-se lamentar a falta de um salão para convivio dos poetas, dos escriptores, dos artistas, em geral. Essa falta já não existe. O Studio Eros Volusia é uma nesga de céo na vida da espiritualidade metropolitana.

PALESTRA-RECITAL

NO proximo dia 2 de outubro, no Instituto Nacional de Musica, a senhora Leticia Gomes Figueiredo e o escriptor Benjamin Lima vão realizar uma festa original, que tomou o nome de "palestra-recital". Benjamin Lima dissertará sobre a canção e a poesia pura, illustrando a palestra a eximia cantora e violonista, que musicou varios poemas de Jorge de Lima e Renato Frota Pessôa.

O exito dessa linda festa está assegurado pelo brilho dos nomes de seus illustres promotores e participes.

O encanto literario do recital caberá ao festejado escriptor patricio, estando reservado o seu triumpho artistico ao talento creador de Leticia Figueiredo.

E' o seguinte o programma: 1ª parte — "*O flirt de Renato Frota Pessôa com a Morte. E a graça dolente da canção, que têm as suas poesias*", por Benjamin Lima. Canções daquelle saudoso poeta, musicadas por Leticia Figueiredo. 2ª parte — *As brincadeiras de Jorge de Lima com a Vida. E a graça estouvada de canção, que têm os seus poemas*", *por B. Lima*. Leticia Figueiredo executará canções desse poeta ao violão.

CHA' DAS 5

HOUVE tempo em que o *five ó clock tea* estava na moda, como a sessão de cinema das 9 horas, no antigo Odeon.

Ninguem do bom tom faltaria ao chá das 5, que era falado em inglez, para dar maior distincção e relevo.

Conta-se, aliás, que uma dama elegante, que não conhecia do idioma de Jorge V nem o alphabeto, era assidua frequentadôra de bonita casa de chá, situada na Avenida Rio Branco. Não faltava um só dia. E dava um londrina accento ao seu *five ó clock tea*, que ella não sabia bem o que era, ao pé da letra. Foi isso razão para uma *gaffe*, ou que outro nome tenha, perpetrada pela gentilissima senhora. Diz-se que a formosa dama marcou insistentemente um *five ó clock tea para as* 5 *horas, sem falta*...

* * *

Lembrei-me do facto, assistindo á resurreição das elegancias do chá das 5. E' bem uma resurreição. E sem o snobismo do nome inglez. Uma verdadeira parada de elegancias póde ser admirada nas casas de chá. Na Colombo, na Lallet, no Ponto Chic, na Americana, áquella hora tradicional não faltam os elementos de maior distincção da sociedade carioca.

E o chá é um simples pretexto para as amigas se visitarem, com o melhor sorriso e os mais bellos vestidos...

DIA DA PRIMAVERA

O casal Martins Capistrano teve o seu lar em festa no dia 21 do corrente. Fazia annos, nesse dia, a senhora do illustre escriptor. Com a entrada da primavera, o distincto casal celebrava, na intimidade, a data genethliaca de dona Léa Martins Capistrano. E os cumprimentos fôram innumeros. Innumeros fôram os votos de felicidades, que os amigos e admiradores da anniversariante e de seu illustre esposa lhes fôram levar.

* * *

O poetico bungalow *da rua Araxá, em Grajahú, foi pequeno para conter as visitas das relações do casal, na alta sociedade carioca.*

A distincta anniversariante multiplicava-se em attenções, dispensando a todos captivantes gentilezas.

Uma sociedade de homens de letras, artistas, industriaes e elegantes damas e senhoritas animou as horas da soirée passada na companhia do illustre casal.

* * *

Formaram-se grupos. Discutiram-se assumptos sociaes. Falou-se, principalmente, no programma das festas, que a chancellaria brasileira está organizando em homenagem ao presidente da Argentina, esperado no Rio, nos primeiros dias de outubro.

E as horas da soirée fôram passando rapidamente.

Lá fóra, apesar da folhinha registrar o dia, como o da entrada da primavera, chovia a cantaros. Ninguem deu por isso. E fôram levantados brindes á saude e á felicidade do illustre e harmonioso casal.

* * *

O escriptor Martins Capistrano deve ter escripto nesse dia um dos seus melhores poemas em prosa.

LUCIANO

Mario Vilalva, o querido poeta de «Poemas de Hontem e de Hoje», por motivo da publicação deste seu livro, foi homenageado festivamente por seus amigos e admiradores, que lhe offereceram um lauto almoço no salão de chá da Confeitaria Colombo, e de que damos aqui um aspecto.

Os delegados da Sociedade Universal de Super-Films, srs. Luiz de Castro Pamplona e Antonio Costa Carvalho, offereceram á imprensa carioca, por motivo do successo alcançado entre nós pelo film portuguez «A Severa», um jantar, que se realizou no casino do Copacabana Palace Hotel, sexta-feira penultima, 22 do corrente. A photographia ao lado fixa um grupo dos jornalistas que tomaram parte nesse jantar em companhia dos delegados da S. U. S. F.

CARTA A MANUEL BANDEIRA

JORNALISTA, "conteur" e poeta, Hercillo Celso é dos intellectuaes mais queridos e admirados na terra de Mauricio de Nassau. Tem sido redactor dos seguintes orgams da imprensa pernambucana: "A Provincia", "Jornal do Commercio", "A Rua", estando, hoje em dia, como redactor do "Diario de Pernambuco". Poeta inspirado, Hercillo Celso tanto faz o poema moderno, de idéas arrojadas, como o soneto classico. Brilhante num e noutro. Seus versos têm sido publicados em varias revistas e jornaes desta cidade e dos Estados, ás vezes, assignados com pseudonymos: Carlos Lucio, Sylvio Silvestre e outros. Seus contos são bem urdidos e agradam sempre. Alem de ser um bello talento, Hercillo Celso é uma figura de irradiante sympathia.

Poeta:
— a tua terra-madrasta
não tem a virtude e a graça
de tua terra-mãe,
de nossa terra mãe.

Faltam-lhe os sorrisos claros da natureza
cantando pela voz sonora
do vento brando nordestino!

Faltam-lhe as campinas extensas,
verdes e harmoniosas,
cheias de agrestes flores e de rósas,
cujo perfume nunca será interpretado
por Houbigant, Coty, ou Gobilla!

As flores cantam e falam
pela voz calada do perfume.

A matta é um theatro lyrico incomparavel,
onde os curiós são tenores
e sopranos as graúnas...

E os xéxéos são os criticos terriveis
das expressões artisticas dos passaros:

A' noite, ao luar, em Tacaruna,
fazem concerto musical as rãs...
E os sapos fazem serenatas,
tocando ao violão: blão, blum, blão...

E cantam a monotona canção
do "Foi! Não foi!"
— Dirige a brincadeira um sapo-boi...

Tudo é graça cantante em nossa terra.
O sol tem luz demais
e tudo aqui é exuberancia...

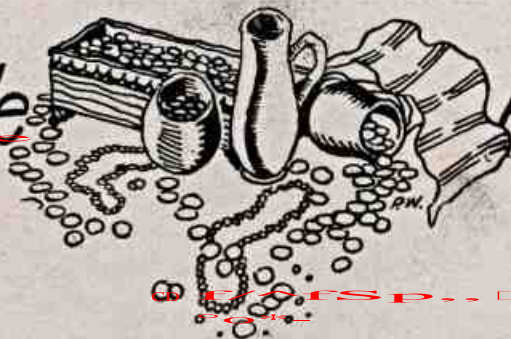
Lindas praias de verdes coqueiraes:
Gaibú, Gameleira, Olinda e outras mais...
Lindas, feiticeiras,
são as nossas morenas brasileiras do Norte!
E tudo é bello aqui!

Terra de artistas!...
Ha pintores, musicos, poetas...
Poetas lyricos, romanticos, passadistas...
E tambem poetas modernistas,
entre os quaes um enorme,
de enormes gestos e de voz sonora,
que canta bem o samba e o maracatú
e sabe interpretar, desde o Toré —
musica barbara do indio Carijó —
até os blums do sapo cururú...

E' muito interessante a nossa terra!

Bôa e amiga é a nossa terra-mãe...
Ella tem, para os filhos prodigos que voltam,
beijos de vento brando nordestino
e banquins de luz deste sol tropical!

HERCILLIO CELSO

Caverna de Ali Babá

O jovem e decidido integralista espirito-santense Mozart Bicalho, violonista notavel, autor do famoso «Tuin-Tuin».

PHYLOSOPHIA

METAPHYSICA é o conhecimento das causas primarias e dos primeiros principios. E' a sciencia do absoluto. Estuda o ser como ser e não como phenomeno. Estuda a essencia e não a manifestação.

* * *

A noção de immortalidade acha-se na origem de todas as tradições, porque ella é um principio interno real do proprio ser humano.

* * *

A immortalidade do homem é um reflexo da immortalidade do universo.

* * *

A crença em Deus pertence ao dominio da intuição. Deus é um axioma. Não se prova. Está provado de ante-mão.

* * *

Quando o mundo chega a epocas de crise e as revoluções se preparam, surgem os prophetas annunciando a vinda de novos tempos. Essas chiméras do futuro destinam-se a consolar os homens das desgraças do presente.

Senhorita Cecilia de Cassia Machado, distincta elemento da sociedade de Valença, no Estado do Rio de Janeiro, que acaba de contractar casamento com o sr. Francisco Copello, negociante e agente de FON-FON naquella cidade fluminense.

* * *

Só o espirito de sacrificio póde resolver os problemas sociaes. Só elle, porque é Fé e é Amôr. O materialismo nada conseguirá de duravel e certo.

A origem da lingua é um mysterio impenetravel. O communistas, entretanto, querem resolvel-o com espantosa simplicidade: ella se originou dos gritos articulados durante o trabalho... As guaribas trabalham, quebrando côco e gritando, desde que ha guaribas, e até hoje ainda não conseguiram falar...

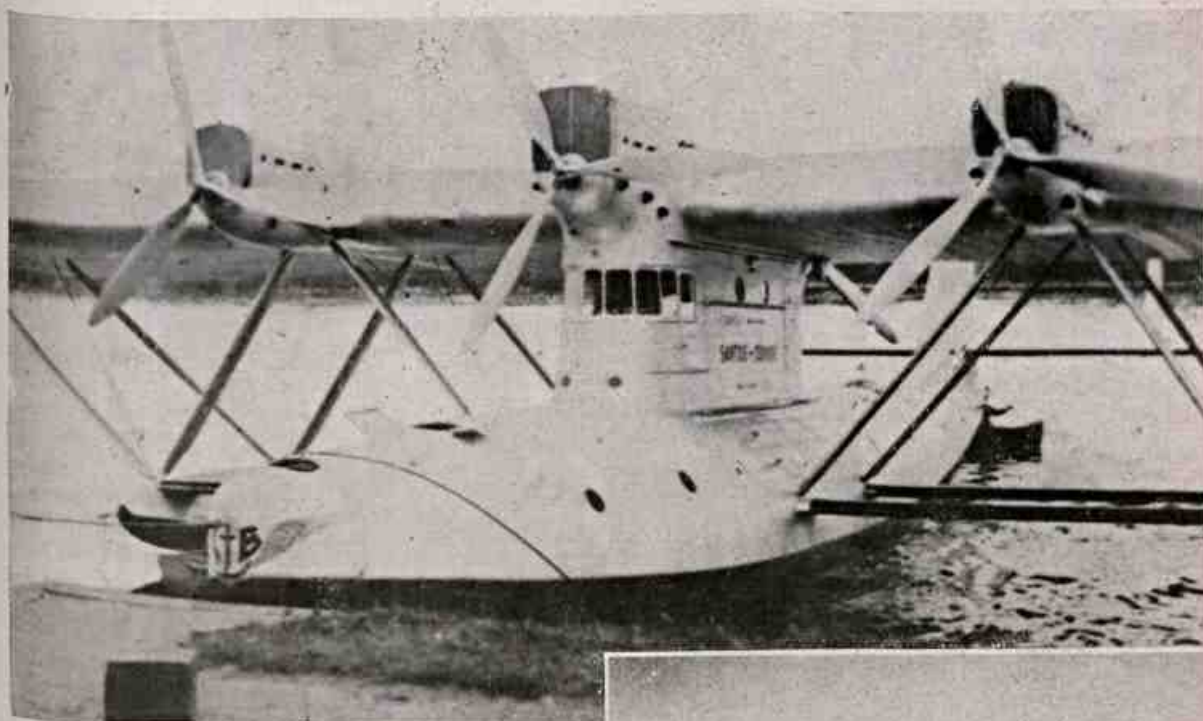
* * *

O estudo dos mythos e dos symbolos póde conduzir ao encontro da Verdade que elles occultam.

* * *

No duelo que hoje se traça no mundo entre a Materia e o Espirito, lamento os homens que se alistam sob a bandeira da Materia!

Sésamo

O jovem pintor Ary Garcia Rosa, que, após brilhante concurso na Escola Nacional de Bellas Artes, conquistou o premio de viagem a Portugal.

Paizagem tropical

A arvore abre os braços no infinito como se esteve soffrendo dores terriveis no alto da montanha tragica.

Em arrancos dolorosos, braços esqueleticos se atiram para o sem fim.

Desespero...

E' a alma afflicta do sertão.

E' o sertanejo sedento e faminto soffrendo estoicamente.

A arvore, no alto da montanha, está declamando os poemas macabros, sob o sol dos tropicos...

* * *

Tudo arido e deserto. Nem uma flor sorrindo. Os passaros lyricos, ruflando as lindas azas, foram em busca de outras regiões.

Somente agora as azas negras se agitam no espaço em sinistros remigios...

* * *

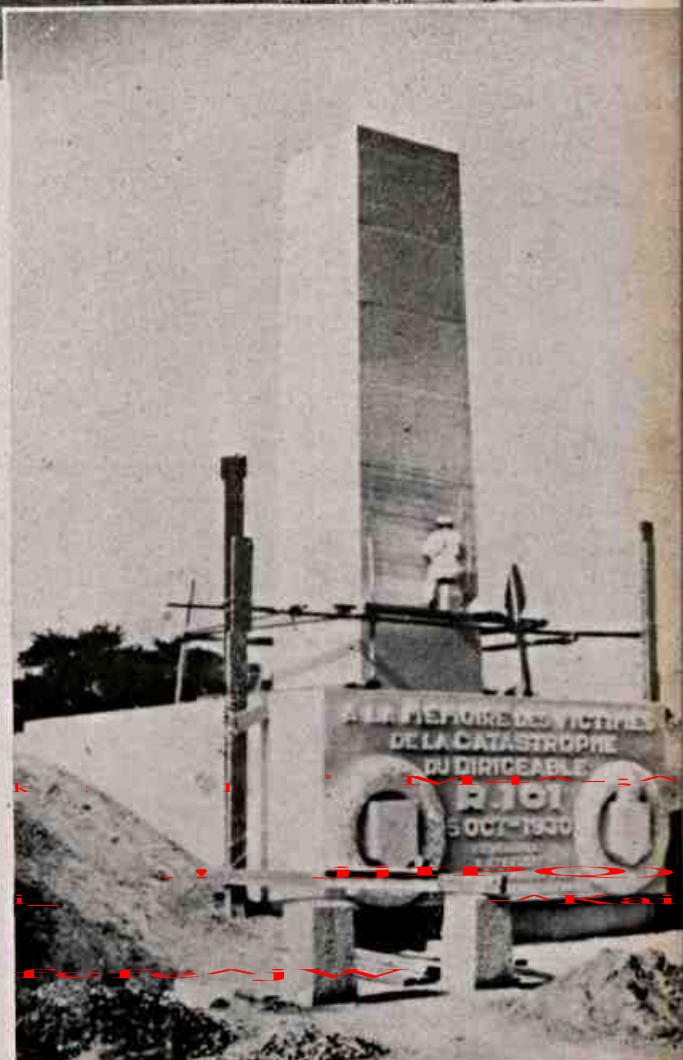
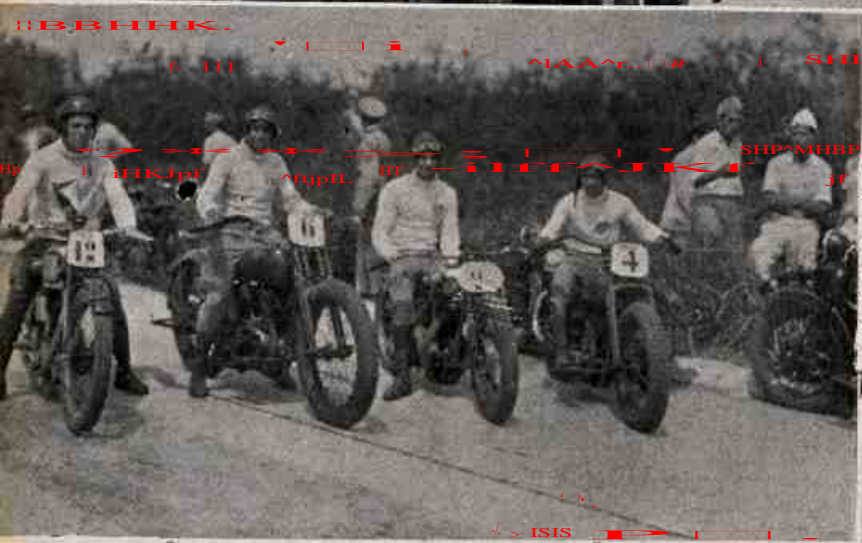
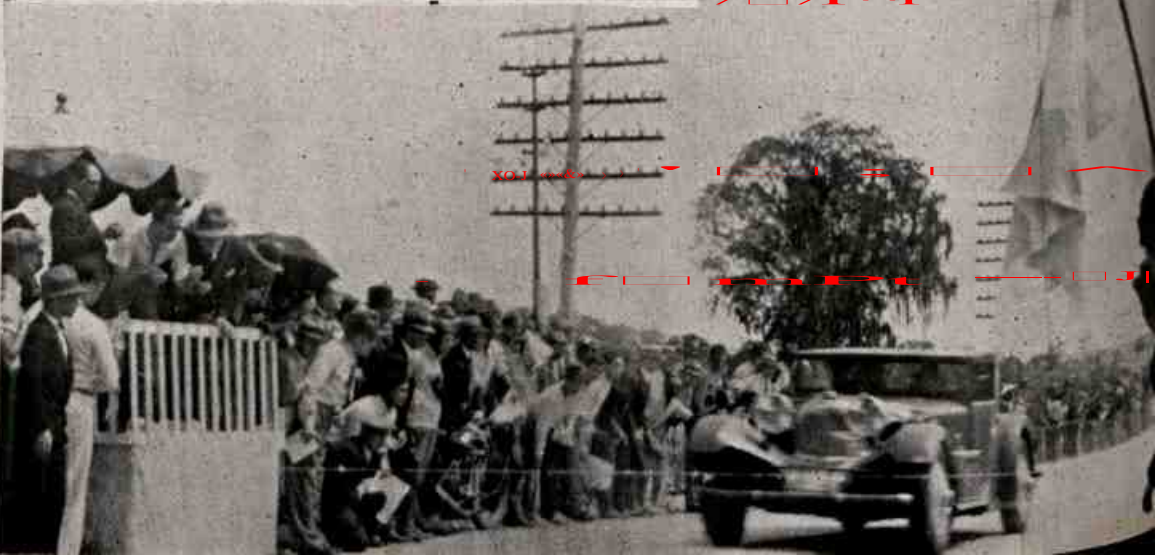
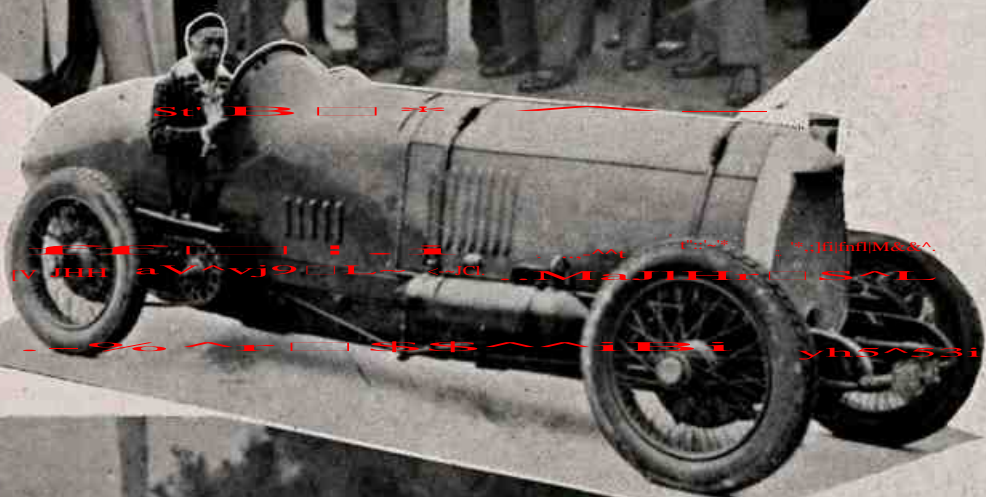
Paizagem tropical... Em desespero, os braços esqueleticos da arvore triste se atiram para o infinito.

O sol, na amplidão, como um passaro de azas de fogo, continua a brilhar.

E o céo, na sua serenidade, nem a gotta de uma lagrima derrama sobre o cadaver da terra sêcca.

PAULO FREITAS

FLAGRANTES INTERNACIONAES

No alto, o gigantesco avião «Santos Dumont», photographado sobre as aguas do Sena, durante um de seus vôos de experiencia, antes de realizar o seu «raid» França-America do Sul. Em baixo: o monumento que acaba de ser erigido, em Allon, proximo de Beauvais, em memoria das victimas do dirigivel «R 101», e cuja inauguração se realizará no proximo mez de outubro com a presença de autoridades francezas e inglezas. O «R 101» foi o dirigivel inglez que, ha cerca de dois annos, se despedaçou contra as montanhas francezas, durante um vôo internacional.

Com as corridas internacionaes que se realizaram no ultimo domingo, na estrada Rio-Petropolis, iniciou-se, brilhantemente, a temporada official de automobilismo, promovida pelo Automovel Club do Brasil sob os auspicios do Conselho Consultivo de Turismo e da Prefeitura do Districto Federal. O presidente da Commissão Sportiva do Automovel Club, dr. Rey-

...io de Aragão, que foi o organizador destas provas e é o grande animador da temporada automobilistica de 1933, não poupou esforços no sentido de dar o maior esplendor ao «meeting» inicial da estação, que, por isso mesmo, despertou vivo interesse nos circulos sportivos e mundanos desta capital.

Offerecemos, nestas duas paginas, vários flagrantes das provas automobilisticas da estrada Rio-Petropolis, onde o sr. Júlio de Moraes, com o seu carro «De Moraes — Fiat», que se vê no recorte, bateu o «record» nacional, ou talvez sul-americano, conquistando, assim, a principal victoria do dia. O presidente do Automovel Club do Brasil, dr. Carlos Guinle, e outros directores dessa instituição, apparecem nos grupos desta pagina em companhia de autoridades e concorrentes ás provas de domingo passado.

O nosso illustre confrade Roberto Marinho, director de «O Globo», que tambem tomou parte nas corridas, dirigindo seu bello carro «Voisin», e depois um «Ford», alcançou duas expressivas victorias, batendo o «record» nacional de turismo e o de carros de sport.

A EXPOSIÇÃO-FEIRA INTER-ESTADUAL DE CURITYBA

Inaugurar-se-á em novembro proximo, na linda capital paranaense, a Exposição Feira Inter-Estadual de Curityba, cujo objectivo é «reunir, ali, para o conhecimento reciproco e maior intensidade de intercambio, os representantes mais expressivos das classes productoras dos Estados concorrentes, proporcionando-lhes o ensejo de apreciar «de visu» os fructos das respectivas actividades, bem como a capacidade e methodos de producção». O «cliché» ao lado focaliza uma vista panoramica de Curityba, destacando-se o local onde será installada a Exposição-Feira e, no medalhão, um outro aspecto da esplendente cidade.

DA INTRIGA

Si a humanidade se dispuzesse a pensar — ao menos nas horas de lazer — nesse turbilhão de acontecimentos que se desenrolam em seu derredor, certamente seria menos egoista.

Que é a vida, sinão aragem fugaz? E' a pergunta que occorre a todos os desalentados. Pessoas ha, entretanto, que se ufanam de possuir thesouros, quer materiaes, quer intellectuaes.... Outras se satisfazem em apregoar os cabedaes alheios, sem esquecer os que procuram embaraçar, — impedir mesmo — os passos dos que ascendem, dos que visam um ideal. Esses têm a seu lado a intriga, auxiliada pela falsidade e pela calumnia.

Quem ha que não fosse victima do poder absoluto da intriga?

Qual o motivo de tantas dissensões entre familias e povos, sinão o poder illimitado da intriga?

Mas, a humanidade é surda; vive illudida porque é fraca e, por conseguinte, soffre o resultado do proprio erro

ALEXANDRE LASSOS

SABEDORIA

Os feitos historicos são filhos de paes desconhecidos. A necessidade, em geral, a mãe de todos elles.

Nunca dizemos "toda" a verdade, porque... a ignoramos...

PAUL VALERY

A BELLA DESCONHECIDA - DA PARAMOUNT

EM resposta a um chamado recebido no seu hospital, o dr. French, que cultiva Galeno e Cupido por igual, interrompe um extase idyllico, para se dirigir a um hotel, onde acaba de haver um tiroteio em que cahiu Spike Manassa, um conhecido desordeiro. O medico, quando alli chega, tem apenas que verificar o obito, mas não se retira sem que tenha observado, á beira de um cinzeiro, um cigarro humido, manchado de carmin, e, sobre o tampo da mesa, um bom numero de entalhes de natureza toda especial. De volta ao hospital, reata o idyllio com Irene, a sua linda enfermeira, no que é interrompido quando dá entrada no estabelecimento uma linda mulher que foi victima de brutal espancamento, um caso que o medico toma desde logo sob seus cuidados pessoaes.

Com grande surpreza de todo o pessoal do hospital, alli apparece William Harrigan, figura saliente da tavolagem, que vae levar flôres a um agente ferido. French procura obter que Harrigan identifique a linda desconhecida hospitalizada na vespera, e Irene enche-se de despeito quando conclúe que o medico tem no caso da bella desconhecida um interesse que transcende os limites profissionaes.

A doente melhora graças a um esforço heroico do medico, mas nada diz sobre a causa da aggressão que soffreu. Declara o seu nome, Mary Donan, e nada mais.

Harrigan vem a saber, com profunda indignação, que Mary está convalescendo e logo despacha um dos seus sequazes, Sammy, para que dê conta della.

Sammy chega ao hospital portador de um revolver, disfarçado entre as flôres de um bouquet que elle diz destinar a Mary. Antes a chegar junto della, intercepta-lhe os passos o dr. Nichols, de quem French é grande amigo. Sammy quer pela força penetrar na enfermaria, mas, deixando cahir a arma, descobre o intuito que o levou ao hospital. Desmascarado, elle alveja Nichols, a quem attinge na mão direita, e ainda outro auxiliar do hospital, que encontra em sua fuga. Mas os tiros fazem acudir a policia, e o proprio Sammy é ferido de morte.

No dia seguinte, French, numa conversa com Nichols, diz-lhe, que interceptados como foram os tendões de sua mão pelo tiro de Sammy, nunca lhe será possivel realizar o seu sonho de vir a ser um grande cirurgião.

Afim de acobertar Mary, French dá um motivo falso para explicar a presença de Sammy no hospital. Manda chamar Harrigan, e este, ao mesmo tempo que conversa com elle, cobre a mesa de picadas de canivete, o que bem trãe o seu nervosismo. Esse acto de Harrigan acorda em French a recordação das marcas iguaes que observou no quarto de hotel em que Spike Manassa foi morto. O dr. Nichols surprehende uma parte da conversa em que Harrigan, julgando não haver outras pessôas presentes, confessa ter sido o assassino do racketr, mas desafia o medico a demonstral-o á Justiça.

French sabe agora tambem que Mary estava presente ao lado de Harrigan, Manassa, e Sammy, quando aquelle foi morto, e que, testemunha do crime como ella foi, a cercam graves perigos. Entretanto, reflecte que em nenhuma outra parte, ella poderá defender-se de Harrigan, que muito receia ser compromettido pelas declarações da moça, a quem French a esse tempo já declarou o seu amôr.

Apparece no hospital um caso de envenenamento. O dr. French, acudindo, verifica que o supposto envenenado é Harrigan, que se valeu desse estratagema para fugir a inimigos que o perseguiam. O dr. French ordena a Nichols que prepare um drank para Harrigan, conforme este pediu. French aconselha Mary a fazer declarações completas á policia, pois ninguem a poderá incriminar só porque ella foi testemunha do crime. Manda que seja chamado um agente para

(Conclúe na pag. 56).

SEDUCÇÃO

(QUICK)

Producção: UFA

com Lilian Harvey, Hans Albers, Willy Steffner e Albert von Kersten

EVA PRÉTORIUS, encantadora joven de 21 annos, em tratamento no sanatorio do dr. Bertram, descobre um dia que está profundamente apaixonada por um dos "numeros" de sensação do Apollo: Quick, o rei dos "clowns", typo perfeito de Lovelace. Todas as noites Eva lá está, no seu camarote, acompanhando, com o olhar fascinado, o vulto ágil do palhaço desde o momento em que elle surge no palco até o derradeiro minuto em que o velario se fecha, definitivamente, sobre as suas farças. E depressa os corações de ambos se comprehendem, apesar de nunca terem tido, os jovens, opportunidade de se encontrar para uma palestra, tremula, amorosa... Quick, com os seus grandes olhos azúes, quando canta a sua canção predilecta, parece dirigir-se, especialmente, á loira que o fita, encantada, daquelle camarote onde parece ter se installado a própria felicidade materializada num vulto encantador de mulher. Eva considera, no emtanto, não passar a inclinação que sente pelo palhaço de méro fogo de palha. Quick não póde ser para ella mais do que o capricho de uma hora, de um instante! Também seu admirador, Dicky tendo descoberto em si uma complicada molestia, para poder seguil-a ao sanatorio, não cessa de prevenil-a contra Quick. Dicky, tendo descoberto em nessa campanha contra o "clown", no professor Bertram, director-geral do sanatorio, que, apaixonado pela vaporosa loira, não perde vasa de procurar afastál-a de Quick, evitando que ella vá, todas as noites, ao Apollo. Apesar de assim alliados, os dois, no fundo, se detestam mutuamente. Dicky considera o professor Bertram o seu peor inimigo, porque, a pretexto de curar-lhe a saúde, lhe impõe dietas rigorosas e massagens dolorosissimas.

Lademann, o empresario de Quick, procura, por todos os meios, assegurar ao seu protegido os melhores contractos do mundo. Elle está em vias de concluir um vantajoso negocio para que Quick possa se exhibir em Madrid, negocio ao qual este ultimo não liga muita importancia, como tambem não lhe fazem muita mossa os ciumes exaggerados da pequena dançarina Marion, que por elle se apaixonára. E' que para o famoso "clown" nada mais existe no mundo além daquella mulherzinha loira que o applaude, todas as noites, de um camarote ao lado.

Que fazer para conquistál-a?

Uma noite, ao sahir do seu camarim, vestido como o commum dos homens, Quick encontra-se, face a face, com a mulher que o perturba. Ella não o reconhece ao natural e lhe pergunta graciosamente si lhe seria possivel falar ao sr. Quick. O homem á paisana finge que vae ver si o artista ainda se encontra no camarim. E volta logo a seguir para dizer á joven que Quick já havia sahido. Uma conversação se estabelece entre os dois. Quick faz-se passar, perante a encantadora Eva, como sendo o director Henkel, do Apollo. Mas Dicky, sempre enciumado pela joven, não tarda em vir encontrál-os naquelle ponto do theatro. E, por intermedio do pseudo-director, vem a saber que Eva scismou de sahir naquella noite mesmo, em companhia do maldito saltimbanco. Henkel, ou por outra, a nova personalidade de Quick, conta então ao rapaz, muito em segredo, saber aonde vae Quick todas as noites, após o espectaculo. E convida-o e á seductora Eva para lá irem com o fito de conhecer, pessoalmente, fóra do palco, o famoso truão.

Eva acceita, encarnada, o convite de Henkel. Embora reconheça ser este um rapaz encantador, não se deixa fascinar por elle, voltados como se encontram todos os seus pensamentos para Quick. Enciumado com o seu "eu", o de rosto empovilhado, que seguira enternecer o coraçãozinho de Eva, Quick, mettido na pelle do director Henkel, tudo faz para conquistál-a sob o aspecto commum de homem como todos os outros.

A joven, porém, permanece insensivel aos seus galanteios. Finalmente, Quick resolve lançar mão de um plano. Transforma um seu ajudante, que vivia eternamente embriagado em um esquisito typo, escreve-lhe na testa Quick e manda que elle vá, com um ramo de flores na mão, apresentar-se a Eva como sendo o verdadeiro Quick. Contava com isso ridicularizar o "palhaço" amado pela joven em beneficio do outro Quick, que era, fóra do palco, um cavalheiro distincto e elegante. Ella, porém, desconfia do embuste e revolta-se contra o pseudo-director do Apollo, attribuindo-lhe aquelle manejo para se ver livre de uma vez para sempre do seu rival "clownesco".

Tudo isso por entre as intrigas de Dicky, cada vez mais apaixonado, e as picardias do professor Bertram, que se

(Conclúe na pag. 56)

O rei dos ciganos

Da FOX

com JOSE MOJICA e ROSITA MORENO

DOS campos do palacio principesco acampam os ciganos com o seu rei Valero. O guarda ordena-lhes que abandonem o palacio, mas elles se recusam, porque têm a protecção da princeza. A creada da princeza, Renné, informa-lhe que os ciganos vão dar uma festa e a princeza resolve assistil-a sob incognito. Para se ver livre do seu pretendente, duque de Schaba, finge-se doente. Vestidas de aldeãs, Renné e a princeza apresentam-se no festival dos ciganos e, ao se encontrarem, a princeza e Valero, o rei dos ciganos, sentem-se desde logo attrahidos um para o outro. Valero, num accesso de enthusiasmo, beija a princeza, que, sentindo-se vexada, pede ao duque, que alli apparecêra, que a leve para palacio.

A caminho do palacio, a princeza dá pela falta duma valiosa joia, que o duque encontra e esconde, procurando convencer a sua dona de que ella fôra roubada pelo cigano. Manda-o prender, mas Valero está convicto de que a sua culpa foi a de haver beijado a princeza. E' condemnado a uma semana de trabalhos forçados. Mas após alguns dias, a princeza sabe da verdade e liberta Valero. Este resolve raptal-a, o que realiza levando-a para o seu acampamento e obrigando-a, por sua vez, a trabalhar na cozinha para fazer o alimento da turba de ciganos.

Dorina resolve fugir do acampamento, mas a presença de Valero, por quem se sente loucamente apaixonada, faz com que alli permaneça de bôa vontade. Entretanto, a princeza é procurada por toda a parte e ao ser encontrada no acampamento, o duque, pretendente á sua mão, desafia o rei dos ciganos para um duello. A valentia de Valero põe o duque em pavor, obrigando-o a fugir. Por fim, dias passados, depois de um doce idyllio, Valero resolve partir com a sua gente pelo mundo em fóra, cumprindo o seu destino. A princeza Dorina, não podendo supportar a dor da separação de Valero, segue-o, abandonando para sempre o seu principado, onde não encontrára a felicidade.

VIDA DE CACHORRO... — Dolores Del Rio acaba de construir, para o seu "bull dog", uma casinhóla que é, architecturalmente, identica á sua propria vivenda...

A PHASE ANTES DO DIVORCIO... — Um famoso productor cinematographico e uma radiosa "estrella" estão no periodo aureo de um romance. Basta dizer que não venceram, ainda, a phase idyllica. Ébrios da propria e infinita ternura, experimentam como que uma volupia na ostentação de toda a felicidade que gozam. Não fazem segredo do amôr em que, por assim dizer, se sublimam. Elle é Messano C. Cooper, um dos geniaes realizadrores de *Kin-Kong*. Ella é a meiga, linda, luminosa Dorothy Jordan.

UMA EXPRESSÃO QUE PESA 500 GRAMMAS... — Num dos intervallos da filmagem de "*Um pouco de amôr — Não é amôr*", (Animal Kingdom). — Ann Harding distrahiu-se a calcular com lapis e papel em mão, os elementos que compõem a sua *maquilage* para cada film. Após os calculos necessarios, ella concluiu que uma caracterização qualquer lhe impõe ao rosto, pelo menos, o peso de 500 grammas, que são, no emtanto, excedidas, nas caracterizações, por exemplo da velhice, as quaes, sendo mais complexas, exigem uma pintura mais espessa, e pesada.

O QUE QUER DIZER "STAND IN". — Hollywood vem acompanhando, com extraordinaria curiosidade, a ascenção dos "extras" que, ultimamente, obtiveram papeis de realce em producções. Entre outros casos, destaca-se o de George Lollier, que, por seis annos, foi o "stand in" de Richard Dix. Só agora elle conseguiu melhorar de situação e vae encarnar um typo de destaque no film *Ace of Aces*, da RKO, de que a maior figura é Richard Dix. Não concluiremos esta nota sem explicar o termo "stand in", que empregamos acima: é uma expressão que deve ser applicada ao artista que toma o logar da "estrella", no "set", emquanto as camaras, os pharóes, as luzes, estão sendo ajustadas para a filmagem.

LUPE CONTINÚA EM PLENO ROMANCE. — Lupe Velez, a interprete de *A verdade semi-nua*, continúa em pleno romance com Johnny Weismuller. Linda como é, vive exposta, naturalmente, aos galanteios masculinos. Mas ella não vê, não sente, não ouve si não um homem: *Tarzan*. Fita Johnny, com uns olhos de adoração e num embevecimento que não cessa. Quando elle ri, ella fica deliciada e com uma vontade louca de morder o proprio som matinal do riso amado. Em todas as "premiéres" de Hollywood é fatal que os dois appareçam juntos, ébrios do proprio amôr. São encantadores: elle, com a sua physionomia luminosa de barbaro, e ella com a nóta aurea do seu sorriso.

LILY DAMITA regressou de Cuba, muito orgulhosa do espectacular escandalo que sua presença produziu no "Casino" de Havana, onde se apresentou acompanhada de Sydney A. Smith, millionario nova-yorquino (pelo menos em apparencia) e Minnie Pearson, ex-*estrella* da Follies. Os jornaes phantasiaram muito a respeito do occorrido, muitos disseram que ella apparecêra quasi nua no "Casino"...

Um boxeador cubano, que presenciou a scena, pretendeu raptál-a!

Uma optima propaganda, emfim, para Lily Damita e para o seu proximo film: *Amigos e amantes*, da RKO, e no qual apparece ao lado de Von Strohein e Adolphe Meujou.

QUANDO Leslie Howard, que vamos vêr em "Um pouco de amôr não é amôr!" ia partir para Londres, numa visita de saudade, os seus amigos e "fans", que eram innumeraveis, entenderam de lhe offerecer "festas de despedidas". Essas festas, entretanto, multipli-

Vera Allen, cujo olhar é a porta do paraiso.

udios

caram-se, impondo que Leslie adiasse indefinidamente o embarque. Todas as noites era obrigado a comparecer a uma festividade em sua honra. Ia com muito prazer, mesmo porque todas as reuniões, sem excepção de uma unica, eram as mais brilhantes possiveis. Como elle tem muitos amigos e "fans", concluíu-se, naturalmente, que as taes homenagens seriam muitas tambem. Foram tantas as "festas de despedidas", que, por ultimo, Leslie commentava: "Si eu ficar mais um pouco em Hollywood, a expressão "bôa viagem" será tão gasta, tão desbotada pelo uso, que acabará evaporando-se"...

FREDRIC MARCH creará o papel do dramaturgo em "Design for Living", a peça de Noel Coward, que a Paramount está filmando, sob a direcção de Ernst Lubitsch.

Na versão cinematographica Gary Cooper, Miriam Hopkins e Fredric March representarão os papeis que foram respectivamente creados no theatro legitimo por Alfred Lunt, Lynn Fontanne e pelo proprio autor da obra, Noel Coward.

A Paramount reuniu um *cast* comico excepcional para "Republicans and Sinners", um transumpto dos contos comicos de Anne Cameron no "Saturday Evening Post"; W. C. Fields, Alison Skipworth, Charlie Ruggles, Mary Boland, George Burns e Gracie Allen.

UM caso raro, sobretudo em Cecil B. De Mille: nem uma só scena das que o grande director filmou para "This Day and the Age" será eliminada da fita, nos *editorial rooms*.

Desta vez, o festejado director, em geral por demais prolixo, deu ao seu trabalho as dimensões exactas que lhe haviam sido prefixadas.

RICHARD WALLACE acaba de ser contractado por Charles R. Rogers para dirigir o film allemão "Oito Raparigas num Bote", um dos grandes successos berlinezes do anno passado.

Parece que para o papel principal será escolhida uma estranha aos elencos de Hollywood.

ESTHER RALSTON, por muito tempo *estrella* da Paramount, mas desde ha tempo apparecendo tão só em producções inglezas, voltou ao seu antigo centro de trabalho em meiados de julho, afim de se reunir a Buster Crabbe e Jack La Rue, no *cast* de "To The Last Man", um dos quatro romances de ar livre que figuram na producção da Paramount para 1933-1934.

"O Cantico dos Canticos", a mais recente creação de Marlene Dietrich, teve a sua *première* no Criterion a 19 de julho, e cinco dias depois annunciava o "Film Daily" que até aquella data não houvéra uma só sessão em que as lotações não fossem esgotadas.

A Paramount, para contentar a todos os *fans* de Marlene, ansiosos de verem o seu ultimo trabalho, teve de prorogar o prazo para a compra immediata de logares até quinze dias, contados da data do pedido.

COMO já foi annunciado, Dorothéa Wieck fará, como seu primeiro film para a Paramount, "Cradle Song", e não "White Woman", como se projectára a principio.

"White Woman", com Char Laughton, será filmado, porém, simultaneamente com "Cradle Song", não estando, no emtanto ainda determinado quem será, neste film, a principal interprete feminina.

CHARLES R. ROGERS contractou Genevieve Tobin, a graciosa artista que vimos ao lado de Chevalier em "Ama-me esta Noite", para assumir o principal papel em "Colheita de Ouro" (*Golden Harvest*), o primeiro de dez films que aquelle productor vae fazer para a Paramount.

Heather Angel, uma das mais formosas «estrellas» da Fox.

SEDUCÇÃO

(Conclusão)

não fartára ainda de cortejar em vão a loira boneca.

Finalmente, Quick, irritado com aquelle amor extravagante que Eva votava ao seu outro "eu", ao Quick que ella ia contemplar, todas as noites, no palco do Apollo, resolve jogar a sua cartada definitiva.

Seu empresario acabára de firmar contracto com um theatro de Madrid. Quick despede-se, naquella noite, do publico que sempre o applaudira enthusiasticamente.

Nunca a sua "verve" arrancou tantas gargalhadas daquella platéa requintada. Eva, como sempre, lá está, no seu camarote, a fitál-o, embevecida.

De repente, o "clown" abandona o palco. Grimpa agilmente pelos camarotes e arrebata, de um salto, á vista do publico estupefacto, a sua adorada.

Ella quer reagir, mas a scena resulta por tal fórma comica, que o publico, julgando ser aquelle um "numero" de surpresa, nem se apercebe de que se trata de um rapto real.

E, por entre os applausos da multidão que o ovaciona, Quick, nos bastidores, consegue, afinal, convencer a linda Eva que elle e o director do Apollo são uma e unica pessôa.

Desta vez, o homem sobrepuja o palhaço e, no trem que partia para Madrid, dois labios se grudam pela centesima vez com grande escandalo dos passageiros puritanos.

A BELLA DESCONHECIDA

(Conclusão)

tomar o depoimento da moça, mas logo dá ordens em contrario quando Nichols apparece annunciando que Harrigan morreu.

— Morreu como? — pergunta French.

— Decerto envenenado. Pois não foi essa a sua declaração quando deu entrada no hospital?

E Nichols esconde a expressão do seu rosto, para que ninguem suspeite que o envenenamento foi obra de alguem prejudicado por Harrigan para o resto dos seus dias...

• • •

O film de Mae West, "Uma Loura para Tres", que entre nós foi exhibido sem que despertasse grandemente a attenção, já foi programmado em *reprise* 6.000 vezes em theatros e cinemas de todos os Estados Unidos da America do Norte.

O unico film americano que até hoje igualou este "record" foi o "Nascimento de Uma Nação", de Griffith.

UM "cast" especial foi escolhido para a versão cinematographica da fantasia musical "Take a Chance", que será produzida em Nova-York mesmo por Lawrence Schwab, de parceria com Rowland-Brice.

Serão interpretes Jimmy Dunn, Buddy Rogers, June Knight, Cliff Edwards, Lilian Bond, Lona Andre e Charles Eichmond.

O film será feito em Astoria, Long Island, nos Eastern Service Studios, sob a direcção de Monty Brice.

ROSITA MORENO ESTEVE NO RIO

Com aquelle seu arzinho de andorinha tonta, saltitante na sua alegria, no seu esvoaçar constante, parecendo não querer pousar um momento os seus olhos travessos, Rosita Moreno surgiu no Rio entre os seus admiradores apaixonados e deixou-os tontos de seducção. Rosita é a propria alegria, a propria graça. Quando falla ou quando ri — aliás ella ri sempre — toma os corações de todos e os arrasta irresistivelmente. A companheira de Roulien em «Ultimo varão sobre a terra» prometteu voltar ao Rio. Quando?... Daqui a seis dias, seis semanas, seis mezes?... Os adoradores do seu formoso perfil estão a contar o tempo com uma impaciencia que toca as raias da loucura. Que Rosita Moreno volte de novo ao esplendor do Rio, que é o escrinio proprio para tão formosa Rosita.

Notas de Arte

ARGENTINA — Entre as celebridades artisticas da actualidade, figura a grande bailarina espanhola Antonia Mercê. Nascida por acaso em Buenos Aires, de paes espanhoes, criada e educada na Espanha, talvez pela sua arte a mais espanhola das espanholas, Antonia Mercê recebeu entretanto um nome popular, tirado do seu paiz natal; é universalmente conhecida pela antonomasia de — *Argentina*.

Depois de uma carreira triumphal pelas principaes cidades do mundo, inclusive a metropole das metropoles, que é Paris, Argentina chegou até nós e apresentou-se em dois espectaculos consecutivos no Theatro Municipal, dançando em as noites de 21 e 22 de setembro estas danças espanholas, onde a choreographia é só sua, e a musica de varios compositores da Espanha: 1º Programma — *Serenata*, de Malats; *Dansa de "La Vida Breve"*, de M. de Falla; *Tango Andaluz* (Popular); *Dansa do fogo*, de "El Amor Brujo", (Dansa ritual para afugentar os espiritos), de M. de Falla; *Puerta de Tierra* (Bolero), de Albeniz; *Lagarterana* (bailado popular da provincia de Toledo), de J. Guerrero; *Córdoba*, de Albeniz; *Seguidillas* (dansa sem musica); *Cuba* (Rumba), de Albeniz; *Castilla* (Epoca de Goya), de Albeniz; *Dansa V*, de E. Granados; *La Corrida*, de J. Valverde; — 2º Programma: a reproducção do primeiro, menos *Dansa de "La Vida Breve"*, *Dansa do Fogo*, *Castilla*, e mais *Dansa de Gitana*, de E. Halffter, *Dansa do Terror*, de "El Amor Brujo", de M. de Falla, *Goyescas*, de E. Granados, e *Dansa Iberica*, de J. Nin (drama em 3 partes sem interrupção, dedicada a Argentina pelo autor).

Cheio de curiosidade e curiosidade sympathica, devida ao renome da artista, penetrámos o Municipal, dispostos a ver e recordar. Ver Argentina e recordar Pavlova. Vimos e recordámos. Comparando-as, concluimos que Argentina não é maior nem menor que a russa genial; é differente. O gosto individual pode preferir uma a outra, mas admirar e applaudir o genio de ambas, cada qual maior na propria esphera da sua arte pessoal. Argentina differe immediatamente de Pavlova pelo emprego systematico do instrumento caracteristico do bailado espanhol — as castanholas. Mas nem por isso se incorpora á theoria commum das bailarinas de Espanha. As castanholas de Argentina não são o rudimentar instrumento que se conhece; têm algo de novo. Parece que além da acção puramente rythmica conseguem produzir effeitos melodicos; parece que não são mais apparelho de percussão, productor de sons indeterminados, mas que se transformam em instrumentos de sopro e de cordas; flauta e violino. Como Liszt foi o Rei do Piano, Argentina é a Rainha das Castanholas. Chamam-lhe assim, e bem merece a nova antonomasia.

Mas se a arte da grande bailarina se caracteriza essencialmente pelo que se pode chamar a *sublimação das castanholas*, de sorte a considerar Argentina verdadeira reformadora do bailado espanhol, como Pavlova o foi do bailado russo, é tambem exacto que ella ascende ás alturas de dansarina universal, quando, como a immortal slava, canta sem castanhetas os mais bellos poemas choreographicos, quando vive, numa plenitude maravilhosa, de esplendor plástico, toda a tragédia da *Dansa do Fogo* e da *Dansa do Terror*. Então surgem á nossa vista deslumbrada as scenas empolgantes de exorcismo e de pavor, exteriorizadas com excepcional poder emotivo por todo o corpo da bailarina genial. As sonoridades musicaes e os movimentos plásticos fundam-se num só poema que enthusiasma e arrebata. Ainda por essa fusão a arte da espanhola recorda a arte da slava. Incontestavelmente Argentina é para as danças espanholas o que foi Pavlova para as danças russas. Ambas são unicas na choreographia universal. E como a morte já levou a russa genial, não se exaggera repetindo o conceito de Anatole France: *Argentina é unica*.

Se da visão dos espectaculos colhemos essas impressões de conjuncto, justo é destacar os números que mais e melhor nos impressionaram, onde se harmonizaram o nosso proprio gosto e a arte excepcional da dançarina; e foram — *Dansa de "La Vida Breve"*, *Dansa do Fogo*, *Dansa V*, *Dansa do Terror*, *La Corrida*, *Dansa Ibérica*.

O publico que enchia a quasi totalidade do T. M. nas duas noites de espectaculos, applaudiu com frequencia e enthusiasmo, pedindo e obtendo bis para os números — *Puerta de Tierra*, *Lagarterana*, *Cuba*, *Dansa V*, *La Corrida*. Pediu-o tambem, mas não foi attendido, para os números — *Dansa do Fogo*, *Dansa do Terror* e *Dansa Ibérica*, os mais bellos, os mais difficeis, os mais empolgantes.

Uma nota original: emquanto todos os artistas recebem e agradecem os applausos como se já tivessem voltado á vida real, apesar da indumentaria do papel, Argentina o faz sempre mantendo a personagem que acaba de interpretar.

O pianista Luis Galve collaborou brilhantemente na obra choreographica de Argentina, acompanhando-a em todos os bailados, salvo o das *Seguidillas*, que foi sem musica, e executando a contento geral, e algumas com especial brilho, as composições de: Granados — Nº. 12 *da Suite Espanhola*; Albeniz — *Rondeña ("Iberica")*, *Sevilla* e *Navarra*; Albeniz-Godowsky — *Tango* M. Infante — *Gitanerias*; J. M. Usandizaga — *Rapsodia Vasca* F. Monpou — *Cancion y Dansa*.

E' de felicitar-se o mº. Piergilli e seus companheiros da Empresa concessionária do T. M.., por terem proporcionado ao publico do Rio de Janeiro mais esses espectaculos de arte, de grande arte, como foram os dois recitaes de Antonia Mercê.

COMPANHIA LYRICA ITALIANA DO THEATRO CARLOS GOMES — Das operas cantadas pela Companhia Lyrica Popular que trabalha no T. C. G. sob a direcção do tenor Abele de Angeli e tendo como principal director da orchestra, o mº. Emilio Capizzano, só nos foi possivel ouvir *O Elixir de Amor* de Donizetti, e *O Trovador*, de Verdi, levados á scena successivamente na tarde e na noite de domingo, 24 de setembro.

Foram ambos os espectaculos confirmativos do valor relativo da Companhia e do valor absoluto de alguns interpretes.

Da opera de Donizetti registramos especialmente duas agradaveis surpresas. Foi a primeira, a naturalidade, iamos dizer a perfeição com que Abigail Parecis representou o papel de Adina. Melhor actriz do que cantora. A segunda a belleza vocal revelada pelo tenor Fernando Santoro, cantando a celebre romança — *Una furtiva lagrima*. Foi e merecia ser bisada.

O Trovador, uma das melhores edições que nos têm dado Companhias Populares.

Applaudimos mais distinctamente Lisandro Sergenti no racconto de Fernando — *Abbietta zingara*; Reis e Silva na famosa aria — *Di quella pira*, onde o notavel tenor brasileiro tira todo o partido do registro agudo da sua voz, sustentando em marcha, durante muitos segundos, nota agudissima, victoriada por applausos ensurdecedores da platéa deslumbrada, que pediu e obteve *bis*; Dolores Frau, que encarnou para melhor palco a figura de Açucena, nos dois números celebres — *Stride la vampa* e *Ai nostri monti ritorneremo*; e finalmente Carmen Gomes, que viveu com muito primor todo o 4º acto, attingindo a cimos de arte, só attingiveis por grandes sopranos, na bellissima romança — *D'amor sull' ali rosee*. Alem de ruidosas palmas, ouviram-se bravos enthusiasticos saudando a notavel cantora brasileira.

Pequena embora, mas bem afinada e bem dirigida pelo mº. Emilio Capizzano muito concorreu a orchestra para o bello exito do espectaculo.

Elixir de Amor e *O Trovador* marcaram duas novas victorias para a Companhia Lyrica do Theatro Carlos Gomes.

OSCAR D'ALVA

A BONECA

DANÇAS, canto, risadas. Os creados, attentos, enchiam as taças vazias e mettiam, sorrateiramente, nos baldes, novas garrafas de champagne. No "cabaret" reinava a alegria de costume. Alegria... Empenho em afugentar com rumores e gargalhadas o espectro do *spleen* que rondava a porta.

Francisca encontrou sua amiga Raymunda.

— Como vaes, querida?

— Bem... Estou com um mexicano...

E tu?...

— Com um negociante de Hamburgo, mais bebado que uma cabra. Si visses!... Tem o vinho triste: lembra-se de sua infancia e chora...

— Ah! ah!... Passe bem!

— Já vaes?

— Sim, o mexicano me espera.

Francisca era uma dançarina daquella casa. Mulher de trinta annos, cabellos louros, penteados para trás, nuca á mostra como a de um ephebo. Isso quanto ao physico...

Mas era, tambem, um grande coração. A vida nocturna não pervertêra ainda sua bondade natural nem sua compaixão pelos males dos outros.

Foi á procura de sua conquista, um rapaz de aspecto herculeo e expressão candida.

— Vamos!...

— Sim.

— Paga a nota. Saiamos quanto antes, pois este barulho me tonteia.

Levantaram-se, atravessaram a sala cheia de dançarinos adormecidos ao lento rythmo de um tango... Sahiram.

Emquanto o mexicano chamava um *taxi*, uma mulher approximou-se de Francisca implorando:

— Senhora... sua boneca...

Francisca olhou a desconhecida. Cabeça descoberta, pallida, de mãos postas, aquella creatura symbolizava a pobreza envergonhada e a humilhação.

— Que diz?!... Minha boneca?...

— Sim, senhora. Vejo outras, naturalmente... Queria levar uma boneca á minha filhinha.

— Tem uma filha!...

— Sim; está doente... A boneca a faria tão feliz...

— Quantos annos tem sua filha?...

— Cinco.

Emocionada, Francisca lhe entrega a preciosa boneca, que o mexicano acabara de comprar.

— Toma...

— Obrigada!... Ah! como gostaria que minha Lolita pudesse agradecer-lhe a sua bondade... Para minha filha seria uma felicidade vêr uma senhora tão bôa e tão bonita...

— Móra longe?

— Perto da Place Clichy... Em uma mansarda... Sou viuva... Só tenho minha filhinha...

— Espera... Dê-me a boneca... Eu mesma vou leval-a a sua filha...

Francisca virou-se para o rapaz que a esperava junto do *taxi*.

— Iremos á Place Clichy... Suba, suba... Dê a direcção ao chauffeur.

O rapaz hesitou... Mas Francisca disse:

— E' um grande favor que lhe peço.

* * *

O vehiculo os conduziu a uma casa desmantelada e suja. Os tres subiram a estreita escada mal illuminada e penetraram no quarto. Pobre morada de viuva que luta braço a braço com a miseria e faz milagres para manter sua filha!

A mulher inclinou-se sobre uma cama de ferro e acordou a creança.

— Lolita!... Lolita!... Sou eu... Trago-te uma surpreza... Olha...

OFFERENDA

Simples mortal, eterno sonhador,
Eu bem sei que não devo e não mereço,
Em troca desse amor que te offereço,
Pedir um pouco de teu grande amor,

Disso tudo, porém, hoje me esqueço.
Perpetuo e impenitente peccador,
Venho trazer-te, pobre e sem valôr,
Tudo o que tenho: o meu amôr sem preço...

Perdôa-me, porem, si te offendi,
Si insano fui quando beijei-te a mão,
Si era tão pouco o que te offereci...

Perdôa-me, eu não sei bem o que fiz...
Mas sei que, em busca desse teu perdão,
Eu hei de ser um pouco mais feliz...

ALCIDES MARINHO REGO

NA CASA DE PIANOS — Vigie esse sujeito: é um cleptomano.

De Maurice Dekobra

A menina levantou-se, esfregando os olhos. Uma creaturinha pállida, de cabellos pretos... Completamente desperta, perguntou:

— Que, mamãesinha?...

— Olha, Lolita... Olha que esta senhora te traz. Porque tens sido boasinha e tomas bem os remedios.

Francisca inclinou-se sobre a cama e sorrindo á creança, extasiada:

— Sim, Lolita... Trouxe esta boneca porque gosto das meninas obedientes.

Lolita estendeu os braços para melhor admirar a boneca russa depositada em sua mãosinha por Francisca. Seus grandes olhos negros dilataram-se ainda mais deante do delicado brinquedo. A boneca era uma princeza vestida de setim azul e com uma tiara de pedras polychromas.

A menina olhou alternativamente para sua mãe e para Francisca.

— Para mim?... Essa boneca é minha?

— Sim, Lolita... Agradeça a esta senhora.

A creança collocou a boneca a seu lado e estendeu os bracinhos para Francisca, que sentada á borda da cama, a apertou enternecida.

De repente, Francisca levantou-se e afastou-se para um canto com seu amigo, que assistia assombrado á scena, e lhe disse:

— Escuta... Queria vinte luizes...

— Para que?

— Dá-m'os e não te preoccupes com o resto...

O rapaz tirou da sua carteira um bilhete de quinhentos francos e entregou-os á sua companheira.

Francisca aproximou-se da mulher.

— Tome... A boneca é para Lolita e isto para a senhora...

— Oh! minha senhora...

— Vamos, tome... Para a convalescencia de sua filha...

— Senhora... é demasiado bôa...

— Não me agradeça... A vida seria impossivel, si de vez em quanto não alliviassemos a alma fazendo um bem... Adeus, Lolita... Queira bem á sua boneca... Bôa noite, senhora... Vamos, meu amigo.

E assim simplesmente, com toda a naturalidade, Francisca sahiu da mansarda.

* * *

Poucos minutos depois, Francisca e o mexicano estavam no auto. Elle murmurou:

— E's uma mulher de bom coração... Mas não comprehendo porque fizeste isso.

Francisca olhava obstinadamente para a rua através das vidraças. Virou-se, afinal, para seu companheiro, e, com os olhos banhados de lagrimas, e com voz emocionada, disse:

— Porque eu tambem tenho uma filha dessa idade... No campo... Aos cuidados de uns lavradores...

O mexicano tomou entre suas mãos o rosto de Francisca como que querendo verificar a authenticidade dessas lagrimas e avaliar a profundidade de seus nobres sentimentos. Depois, bruscamente, a beijou na testa, e concluiu:

— Levar-te-ei até tua casa... Amanhã passarei para te buscar... Iremos ao campo, ver tua filha... Cala, espera... E, em vez de lhe offerecer uma boneca, devolvel-a-ei á sua mãe... Isto é, dar-te-ei os meios para que possas educar dignamente tua filhinha e para que a possas ter sempre a teu lado...

Em troca da boneca russa, Francisca obteve uma boneca de carne e osso.

AQUELLA NOSSA RUA, MEU AMÔR...

A rua da Amizade fica em frente
á casa onde morou a minha amada,
a casinha taful que toda gente
acha linda, gentil, muito engraçada.

E'. Para este arrabalde eu vim doente.
E foi nesta mansão quasi encantada
que eu te vi e fiquei como a serpente
que vê um passarinho, de emboscada.

Mas, depois, ah! depois, tu foste embora.
Foste embora. E' que a rua da Amizade
não é mais a rua que já foi outrora:

é triste e feia de maneiras taes
que agora é a pobre rua da Saudade
da Amizade que não existe mais.

Esdras-Farias

NA IDADE MEDIA — Dentro de poucos minutos irás para a fogueira. Qual é a tua ultima vontade?

— Que chamem o corpo de bombeiros...

O encontro

Conto de Gilberto Peiga

QUANDO Djalma Lopes, acompanhado de Claudio Henrique, entrou no salão de chá, encontrou-o litteralmente cheio. Todo o *grand-monde* ali estava, polychromo e garrido. A's mesinhas de marmore rosa, floridas caprichosamente, mulheres muito bonitas sorriam sorrisos *batonados*. E homens elegantes, *dandies* felizes, displicentemente corriam os olhos pelas vizinhas encantadôras... No alto, a orchestra desferia sons harmoniosos, enchendo o espaço de notas suavissimas, tornando ainda mais agradavel aquelle ambiente de mundanismo e elegancia.

Os dois amigos, de pé, á entrada da sala magnifica, passeavam os olhos perscrutadôres, canto a canto. E viram, de costas, no extremo do salão, junto a uma columna arabescada de ouro e azul, uma dama, sozinha, saboreando calmamente uma *sundae* deliciosa.

— Lá está a famosa e formosa Gabriela — disse Djalma. — Ponhamo-nos em fóco a ver si ella nos convida a fazer-lhe companhia.

Avançaram até o centro do salão de modo a serem notados pela mulher que, meio absorta, saboreava o seu refrigerante. Gabriela, ao avistar Djalma, sem reparar em quem o acompanhava, fez-lhe um leve acêno com a mão fidalgamente enluvada, num convite amavel. Estava soberbamente linda, com o vestido *perlé*, e chapellinho do mesmo tom, de que pendia um pequeno véu a *guillochar-lhe* graciosamente as linhas da face morena.

Os dois amigos atravessaram as mesinhas por onde a alegria estusiava, e, ao se aproximarem da linda mulher, apresentavam-lhe suas homenagens. Ella, na displicencia de dama de alta roda, tinha os olhos baixos, e brincava com a *bola* gelada da bebida, fazendo-a submergir com o auxilio do canudinho de capim sêcco, apropriado á sucção. E, maciamente, ao dar a mão bonita e pequena a beijar, levantou os olhos soberbos, de turca, para os recém-chegados. Nesse instante, Claudio Henrique tinha a côr dos cadaveres. Suas mãos tremiam como as mãos de um fantoche sob a pressão dos cordeis. Não podia dominar-se. Ella, ao fital-o, viu, num relance, a luz diminuir, diminuir, até fazer-se compacta escuridão em derredor. E, apoiando a cabeça formosa nas bordas da mesa, gemeu, numa supplica:

— Perdôem-me. Sinto-me mal. Uma vertigem... Já passou...

Em Djalma, que ignorava o motivo daquella repentina transição, cresciam, cada vez mais, a surpreza e o receio.

A calma, por fim, foi-se restabelecendo aos poucos. E, em breve, os tres, de animos apparentemente serenados, conversavam, ou, usando de melhor termo, mastigavam as palavras. O ambiente era francamente vexatorio. Quasi hostil.

Gabriela acceitou a apresentação que lhe fizéra Djalma, do seu melhor amigo, o dr. Claudio Henrique, chegado havia tres dias do velho mundo, onde andára aperfeiçoando os seus estudos. Esse, do mesmo modo, ouviu, ou fingiu ouvir, o que elle lhe dizia a respeito da linda mulher presente, numa expansão de fina galanteria: "A mais formosa criatura que até então pisára as terras engalanadas desta Sebastianopolis inegualavel. Os pés mais ageis que já brincaram num palco em rodopios e cadencias difficilimas, capazes de fazer inveja á mais perfeita bailarina russa..." Ah! Si elle pudesse mergulhar um segundo naquelles cerebros escaldantes! Como estaria longe de adivinhar que aquella Gabriela festejada e adorada, que ali estava, se chamára, outróra, Dolores Soares, e que, habitando a pacatez de uma villa nos sertões de um Estado longínquo, fôra pura como uma flôr nascida num vale agreste! Ignorava tudo isso e, ainda, que ella fôra noiva do seu amigo Claudio Henrique, que, muita vezes, nos bons tempos de academia, lhe falára, cheio de amôr e de saudade, da sua *rôla triste e chorosa*, lá, longe, nos confins de sua terra mórbida de sol e desprezada dos homens. Mal sabia elle que aquelle encontro casual abaláva as raízes mais profundas de dois corações, fazendo-os volver, doloroamente, a um passado cheio de lyrismo e de ternura. Si elle soubesse o mal tremendo que havia causado ao amigo, agora, que esse amigo sabia quem era a mulher *deliciosa, phantastica, que tinha sangue de fôgo nas veias e hysterismo até na ponta*

das *unhas nacaradas*, por certo não teria sido tão indiscreto e teria evitado aproximál-os.

Entre os tres, que continuavam sentados á mesa, divagava uma palestra embaraçosa, vaga, inexpressiva, banal, quasi ridicula. Gabriela e Claudio não se fitavam nunca. Desviavam o olhar um do outro, como si o mêdo os sacudisse a ambos. Elle tinha vergonha daquelle vexame, daquella fraqueza. Mas, não se abalançava a fitar os dois pequeninos sóes maravilhosos que foram, um dia, a luz carinhosa de sua vida. Dir-se-ia que, naquelle momento, tremia deante da estranha fascinação daquelles olhos fataes. Ella não ousava encarál-o. Viria, talvez, no vinco do seu cênho contrahido, uma repulsa e uma maldição. Inquietadoramente, o remorso feria-lhe o amago da fonte dos seus sentimentos, torturando-a. E rememorava, em tropelia, numa especie de allucinante vertigem: "Elle partindo para a metropole, a chorar como uma criança grande, jurando jamais olvidál-a. Aquella saudade roxa, a flôr symbolica da ausencia, que lhe deixára, e que conservára por muito tempo o cheiro do seu beijo e o gôsto amargo das suas lagrimas... Depois, as cartas. Longas, cheias de esperança e de animo e confiança no futuro por que elle ansiava... Em todas ellas a mesma promessa fagueira de casamento após a formatura... E o desdobrar do tempo, monotono, obsedante, cheio de tédio e lento como o arrastar de uma tortura... matando, nella, o amôr cultivado com tanto carinho, com tanta ternura, com tanto devotamento... Depois o esquecimento integral. O desejo, a obsessão indomavel de conhecer a cidade *maravilhosa*, tão differente do palmo de terra onde nascêra, e tantas vezes tão bem descripta nas missivas enthusiasticas e carinhosas do seu noivo... E a fuga. E a perdição... Agora a realidade implacavel: ao léo da sorte, ao deus dará do destino, hoje aqui, amanhã alli, como uma coisa sem dono, exposta ao fluxo e refluxo da fatalidade, tendo a esperál-a um futuro amargo, triste, talvez, sem um riso ingenuo de criança a encher-lhe os dias vazios, ultimados, quem sabe?..., numa cama branca, de hospital, num contraste doloroso com a vida de sua alma de peccadôra e sem a outra vida, a vida que seria a realização de seus sonhos de moça. Quantos exemplos conhecia de tantas outras que, attingindo o apogêo da gloria, da popularidade, tendo sempre o collo coberto de diamantes fulgentes, no occaso da vida, quando as rugas cavavam, em sinuosidades apavorantes, as linhas do rosto, e o brilho dos olhos embaciava como um bafo num espelho limpido, foram findar num catre humilde, cedido pela caridade publica, sem ter, ao menos, na hora do transporte final, uma palavra de confôrto, ou uma mão piedosa e amiga que lhes cerrasse as palpebras inertes!... Os percalços dolorosos e inquietantes da gloria!..."

Uma lagrima grossa, pesada, dolorida, deslisou pela sua face bonita como uma perola cinza feita de amargura...

Claudio viu a gotta indiscreta descer mansamente pelas linhas

(*Continúa na pag. seguinte*)

daquelle rosto pintado, daquelle rosto que fôra toda a fonte do seu amôr e toda a esperança de um futuro feliz, e sentiu o coração apertar-se-lhe entre as garras aduncas da tortura impiedosa. Teve desejo de sorver aquella gotta linda com os labios amorosos. Noutro tempo daria parte da sua vida para evitar o breve asomo de uma lagrima naquelles olhos bonitos e adorados. Mas, durou um instante, apenas, esta velleidade sentimental. Pelo seu cerebro torturado uma aliavião de idéas passou, em tropel, desenfreiada, incontida, como um tufão devastador, esmagando-lhe a piedade e o perdão que brotavam, aos poucos, na sua alma de bom: "Por que elle, afinal, se deixava sensibilizar por aquella mulher conspurcada, aquella criatura voluptuosa e futil que andava de mão em mão como um simples objecto de mercancia facil?! Por uma semelhança, apenas. Noutro tempo elle conhecêra uma moça com aquelles mesmos traços physionomicos, aquella mesma conformação fascinante e bella, mas, não era, positivamente, aquella flôr de carne e de peccado que alli estava, ostentando "toilettes" caras, ganhas, talvez, despudoradamente, cheia de maneiras e gestos estudados, e que mercadejava vilmente, o amôr.... Aquella criatura, que ali etava, fazia-lhe lembrar, pela sua semelhança typica, uma moça muito terna, muito bôa, muito meiga, de attitudes espontaneas, simples como uma violeta e pura como a corolla de um lyrio antes de ser tocada e beijada pelo raio indiscreto do sol.... E ella assim fôra, outróra, quando elle guardava no peito, como num escrinio sagrado, a flôr de pureza que era sua noiva amada. Mas, fazia lembrar-lhe, apenas, porque a *outra*

O ENCONTRO

(Conclusão)

era bem differente da mulher que ali estava. E tinha outro nome e vivia occulta aos olhares cynicos dos grandes centros. E morrêra. Fanára-se no turbilhão da existencia como uma rosa açoitada por um tufão inclemente. Assim, pois, para que se deixava elle mortificar com o que estava irremediavelmente perdido?! Entre elle e aquella mulher presente, mulher accessivel á maioria dos homens, havia um abysmo de dimensões incalculaveis, um pélago tremendo, uma barreira intransponivel. Qualquer aproximação com aquelle sêr diabolico e tentadoramente formoso, seria para elle, um sacrilegio. Macularia, para sempre, a memoria da noiva morta dentro da sua virgindade intangivel. Era, porém, horrivel aquella estupida realidade! Sim, era ella, ella que estava ali, deante delle, manchada, coberta de lama! Ella que fôra tão pura, e a quem elle tanto adorava!"

Não notava, siquer, que o seu amigo e Gabriela, calados, o fitavam espantados, observando a transformação que se operava na sua physionomia.

O silencio prolongou-se por mais um momento. Depois o desfecho inesperado, rapido, brutal.

Uma contracção angustiante, dolorosa.... Um impulso selvagem, barbaro. E, com a fronte vincada, os olhos raiados de sangue, ergueu-se, aproximando-se de Gabriela, com as mãos tremulas, abertas como tenazes que lhe fossem constringir a garganta... Uma espuma branca aflorava-lhe á bôcca...

Um grito da mulher apavorada ecoou na sala.

— Que queres fazer? Louco! Estás louco! Vem! — gritou-lhe o amigo, segurando-o pelos braços.

Outras pessôas aproximaram-se. Era o escandalo...

— Está louco! E' um louco, coitado! — murmurava-se aqui e alli.

Contiveram-no, por fim. E, levaram-no dali, já desfallecido, fulminado por uma commoção cerebral...

— Dê-me um volume do livro: "Methodo para emagrecer".
— Esgotou-se, minha senhora; mas, poderá levar o "Methodo para engordar" e fazer exactamente o contrario do que está escripto.

Escriptores e livros

Belmiro Braga — TARDE FLORIDA
Comp. Edit.ª Nacional — S. Paulo — 4$

UM unico motivo me leva a tirar uma segunda edição da *Tarde florida*: — o desejo de fixar em livro meia duzia de versos que me falam ao coração e se acham perdidos entre a avalanche de outros muitos que, atulhando-me as gavetas, em dia, não distante, serão queimados. Poeta medíocre e fóra da moda, não tenho mais leitores; — os antigos morreram e os novos não me toleram já". Taes palavras de Belmiro deviam ser riscadas da primeira pagina do volume.

Os seus versos jamais poderão ser queimados, a menos que Minas desconheça dever zelar pela conservação daquillo que constitúe o patrimonio do seu maior poeta vivo.

Nem Belmiro tem o direito de se chamar poeta fóra da moda, quando sabe que não é medíocre, para ser marcado pela etiqueta de uma epoca. Os que nascem poetas, e este é o caso de Belmiro Braga, são immortaes no conceito dos homens de sensibilidade apurada, são sempre novos, atravessam todas as epocas. Não passam; ao contrario, ficam. Ficam no coração do povo, não morrem nunca. Assim, *Tarde florida*, onde quer que esteja, em mãos carinhosas, ou nas estantes das bibliothecas, será lido sempre com emoção e alegria, porque ao lado do lyrico encontramos o humorista, cantando com a mesma ternura e philosophia.

Sempre na terra o Amor me foi bandido,
sempre no mar o Amor me foi pirata;
quantas nãos carregadas de ouro e prata
de meus sonhos, nas mãos lhe têm cahido!...

A esse Amor, cujo beijo afaga e mata,
depois de tel-o muito perseguido,
hoje o encontro, afinal, adormecido,
numa olhos negros de mulher ingrata.

Ladrão do meu socego! As mãos lhe deito
e preso, ha de pagar, como inimigo,
todo mal que na vida me tem feito.

Para castigo delle e meu castigo,
encarcero-o na torre de meu peito
e dentro della ha de morrer commigo!...

Ahi está o soneto *O amor*, bastando para consagrar Belmiro, si a sua musa não fosse um milagre de belleza no capitulo do livro que o poeta singularmente denominou *Cinzas frias*.

E, para fazer a gente meditar, estas quadras soltas...

As almas de muita gente
são como o rio profundo:
— A face tão transparente,
e quanto lodo no fundo!...

Quem mesmo nas alegrias
de lastimar não se furta
de ser tão longos os dias,
para uma vida tão curta?...

A mulher, quando quer, acho
que nem Deus a desanima:
— E' agua de morro abaixo
ou fogo de morro acima.

Que grande triste verdade
me sussurra o coração:
— A dôr é uma realidade,
a alegria — uma illusão...

Tarde florida é um livro delicioso de Belmiro, o poeta que toda a gente tem no coração.

Wanderley Pinho — CARTAS DO IMPERADOR D. PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 7$

"NESTE volume são dadas á estampa as cartas que D. Pedro II escreveu ao Barão de Cotegipe, quando ministro da fazenda e da marinha no gabinete de conciliação, em 1855-1856; da marinha e de estrangeiros no gabinete Itaborahy, em 1868-1870, da fazenda no gabinete Caxias-Cotegipe, em 1875-1876; de estrangeiros e presidente do conselho, em 1885-1886.

"Falta ás cartas do Imperador qualquer deleite literario. O estylo é burocratico, desataviado, descuidado.

"Carecem de tudo: do meneio de redacção á pontuação. Bilhetes redigidos sobre o joelho, na linguagem telegraphica de um chefe occupado, não apresentam o menor lavor esthetico. E' até notavel que, escrevendo tanto e tão a miude a seus ministros, certo de que suas cartas viriam a ser documentação para a historia, não désse a seus pensamentos uma fórma menos terra a terra... menos confusa. Valem muito, porém, estas epistolas pelo seu quilate historico e auto-biographico. Se o Imperador tinha algum recato e admittia e respeitava restricções á sua acção em materia politica, era um collaborador insistente, constante, exigente, da administração, a reclamar a cada momento, a perguntar a cada instante, a aconselhar a toda hora. De facto era elle o ministro mais attento; ministro de todas as pastas e chefe dos demais, no que era o exercicio normal do governo; — informar, não esquecer, solicitar, providenciar, ordenar. Nesses sectores era desbragado o seu imperialismo de dirigente e censor."

Neste trecho inicial da introducção escripta pelo sr. Wanderley Pinho está esboçada a utilidade do volume. Aos poucos, vae D. Pedro II perdendo a aureola de homem de letras, mas, talvez resista ao tempo a sua fama de governante. Emfim, as cartas são uma fonte magnifica de observação. Assim, veri-

fica-se que o imperador não queria conformar-se com o papel de automato ou espectador, e reagia, contornando a ambição dos politicos em constantes lutas subterraneas.

O seu espirito de catholico não o impede de iniciar a reacção anticlerical, promovendo a secularização dos conventos, a extincção dos noviciados, o casamento civil, a separação da Igreja e do Estado, meios coercitivos ás exorbitancias do clero. As suas tendencias ao ensino leigo; sua irritação contra os bispos, causadores da questão religiosa; sua acção infiltrante pela abolição demonstram a perfeita visão de um novo Estado que não era o seu. E pensar a gente que, meio seculo após, o Brasil ainda se debate nas teias dos mesmos interesses mesquinhos e da mesma ignorancia que lhe será fatal, si a mocidade não souber comprehender o *sentido* da revolução social que avassala os povos!

Fez bem o sr. Wanderley Pinho em publicar este punhado de cartas do Imperador. E' realmente um livro já agora indispensavel a quantos se interessam pela nossa historia.

Luis da Camara Cascudo — O CONDE D'EU — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

O autor, que é um dos grandes estudiosos da nossa Historia, reuniu neste volume os mais completos dados acerca da vida e da personalidade do conde d'Eu, traçando-lhe a serena biographia. Muitas coisas curiosas, ignoradas umas, esquecidas outras, são focalizadas nos diversos capitulos do livro, para gaudio do leitor.

Aquelles que proclamam a excellencia do Imperio, em contraste com as extravagancias da Republica, encontram no volume alguns motivos interessantes para meditação. Aqui está um pedaço que vale ouro:

"Como se deram a negociação e escolha para o casamento do conde d'Eu? Por que foi elle o indicado? E por que a escolha imperial recahiu sobre um principe exilado e não num membro da familia reinante? Não sei. Sabemos, apenas, que o imperador na *Falla do Throno* de 3 de maio de 1864 informa aos augustos e dignissimos representantes da Nação Brasileira: *Annuncio-vos com prazer que trato do casamento das princezas minhas muito amadas e queridas filhas, o qual espero se effectue no corrente anno*. Effectivamente, nesse mesmo 1864 casaram as duas princezas. D. Izabel recebia 150:000$ annualmente. Havia uma verba de 300:000$ para compra dum palacio. No caso de retirar-se do Brasil, teria, duma só vez, 1.200:000$ de dote. A verba para as despezas do enxoval foi creditada em 200:000$. Nada mais. Ha, ainda, outra despeza. Cincoenta contos que o ministro do Imperio pede aos deputados na sessão de 26 de agosto de 1864. Esta quantia fôra gasta *com as negociações relativas ao casamento, e com o transporte dos augustos consortes*. Tudo na fórma da lei n. 166 de 29 de setembro de 1840. Na Camara discutiu-se amiudadamente as parcelas da dotação e o valor dotal. Lopes Netto, deputado sergipano, explicou que a princeza Izabel tinha dote demais. Cento e cincoenta contos annuaes e mil e duzentos se sahisse do Brasil!... Na França Luis Felipe déra 400:000$ a cada filha casada. Na Inglaterra deram menos. Em Portugal com as filhas da rainha D. Maria II iam apenas a 200:000$ cada uma. Por que tres milhões de cruzados á herdeira do throno?... Deram-lhe varias respostas e, como a princeza Izabel só sahiu do Brasil expulsa por um movimento republicano, ficaram os tres milhões em paz e á disposição. Se recordo, tantos annos depois, taes factos é para lembrar a velha emoção que elles produziram nalma dos tribunos de outrára. O conde d'Eu, estrangeiro e soldado, vindo fixar-se no Brasil, tendo posto de commando no Exercito, abria pela primeira vez no espirito politico da época aprehensões e desconfianças."

O autor, entretanto, assignala que o conde d'Eu se portou com grande dignidade, conseguindo as sympathias publicas. Afinal, a biographia tem o seu sabor... E nós ficamos a pensar no Thesouro Nacional, com a sua admiravel capacidade de resistencia, custeando guerras, dótes, dignatarios estrangeiros e outras coisas mais!

Elóra Possólo Mulheim Chamil — QUANDO O SOL SURGIU DO ORIENTE — Edição Pongetti — Rio

VERSOS de amôr. Versos que definem o temperamento lyrico da autora. Primeiras manifestações poeticas de um espirito em phase de transição. E, por isso mesmo, capaz de produzir, futuramente, coisa melhor.

Hugo Wast — DOM BOSCO E SEU TEMPO — Liv. Globo P. Alegre — 10$

TRATA-SE de original argentino traduzido pelo sr. Almachio Cirne.

São cerca de quinhentas paginas traçadas com o vivo desejo de focalizar a vida e as virtudes de Dom Bosco, que o autor considera uma das glorias mais puras da Italia e uma das maiores bemfeitorias da humanidade.

Ao contrario do que occorre com quasi todos os grandes homens, para os quaes o esquecimento começa no dia seguinte ao da morte, para elle foi o principio de uma celebridade que cobre o mundo e penetra todas as classes sociaes e durará tanto como a humanidade, escreve Wast. Um trabalho de largo folego, estimavel pelo cunho de sinceridade do autor.

O volume foi incluido na denominada *Collecção Nobel*.

Paulo Porto — FEIRA DE AMOSTRAS — Nictheroy — 1933

PEQUENINO folheto contendo 37 paginas, especie de cartão de visitas do autor, ao illustrado publico. Encontramos no "Preludio": *Os mettidiços, arvorados em criticos á outrance, poderão escalpellar o trabalho. Não os receio. Pois, realmente, os D. Quixotes da penna estão acostumados a destruir tudo. Acceitarei comtudo a opinião dos sinceros, dos criticos de facto.* (sic) Como pensa o autor a nosso respeito? Estamos entre os primeiros ou entre os segundos? Pelo garbo da apresentação, está parecendo é que o autor dispensa a critica. Satisfazemo-lhe a vontade, registrando, apenas, o apparecimento do folheto.

Sax Rohmer — O ESCORPIÃO DE OURO — Liv. Globo — P. Alegre — 5$

THE *golden scorpion* foi traduzido por Pedro Nunes para a conhecida *Collecção Amarella*. Trata-se de uma novella emocionante, como todas as que sahem da penna de Sax Rohmer.

Um homem sincero

JOÃO MARQUEZ DE SOUZA era completamente louco, ou, pelo menos, adquirira a certeza de ter enlouquecido. Foi com esta idéa bem aferrolhada ao cerebro que elle sahiu, na manhã de 24 de julho, do seu palacete no alto da Tijuca, com o chapéu de banda, tapando a orelha esquerda, a bengala e as luvas côr de canario bolga nas mãos. Sua convicção criára raizes tão fundas, que não seria bom contradizêl-o.

Andava quasi aos saltos, fitando os transeuntes com ar insolente e provocador.

Estava evidentemente disposto a insultar e abater quem achasse anormal aquelle seu modo de circular pela cidade.

Aonde ia elle? Aonde póde ir um louco?... Não ha por ventura, em todo o Districto Federal, um sem numero de abrigos reservados aos doentes dessa ordem?

João Marquez de Souza tinha ouvido falar em diversos casos desse genero: Asylo de tal... ou de tal... assim como a Santa Casa de Misericordia e o Hospicio dos Alienados. O seu cerebro desequilibrado indicou-lhe, immediatamente, que deveria ir até o Hospicio.

Mas onde ficaria mesmo esse asylo abençoado?

A *limousine* o esperava na rua em frente ao palacete, mas, como tivesse idealizado fazer uma longa caminhada, decidiu percorrer toda a distancia a pé. Desceu, cantarolando, pela rua Haddock Lobo; entrou pelo Mangue até o jardim da praça da Republica, onde se demorou uma hora observando com minucia o arvoredo e as alamedas sombrias, passo a passo. Tomou a rua da Carioca até o largo, e lá ficou meditando, vendo o movimento dos *taxis*, sem conta de tempo. Emfim, resolveu continuar a sua marcha e seguiu sempre em frente pelos trilhos do bonde.

Andou... andou..., sem dar signal de fadiga, e achou-se na Avenida Beira-Mar... Sem parar, olhava, sorrindo embevecido, o maravilhoso panorama que se lhe desenrolava deante dos olhos. A sua era antes uma mania contemplativa. Não tinha perdido a faculdade que desperta a emoção perante as cousas bellas. A um dado momento, julgou ter chegado e perguntou a um grupo de pessôas que esperavam conducção:

— Por favor, onde é o Hospicio de Alienados?

Compadecidos, pensando que elle fosse em busca de um parente, ou de um amigo, internado naquella casa de saúde, respondiam, soffregamente:

— Ainda é lá no fim da praia de Botafogo. Todos os *auto-omnibus* vão quasi até a esquina do edificio; mas depois de certa hora não se póde mais visitar os doentes.

Isto, todavia, lhe era absolutamente indifferente. E continuava caminhando a pé.

Afinal, chegou! Apertou o botão e a campainha resoou pelo casarão a dentro.

Abriu-se a porta, mas não appareceu ninguem! João Marques de Souza, todo teso, subiu alguns degraus. A' direita estava uma porta com uma taboleta onde se lia a palavra *Porteiro* escripta com hieroglyphos negros sobre esmalte branco. Nosso homem bateu de leve.

— Que deseja? resnou de dentro a voz rouquenha de um individuo vestido de farda e bonnet kaki.

— Perdão, senhor guarda! Eu sou louco e desejo recolher-me a esta casa!

— O senhor está louco?!

— Sim, ... Tudo o que ha de mais louco!

— Deixe de pilherias... Olhe que não tenho tempo a perder!

— Garanto-lhe que não tenho nenhuma vontade de brincar... Peço-lhe que me diga sem demora o que devo fazer para obter um logar neste asylo.

— Por favor, cavalheiro, confesse que vem visitar um doente... e eu lhe responderei que já é tarde... A hora das visitas passou... Volte amanhã; mas deixe de insistir com sua brincadeira de mau gosto, porque posso acabar acreditando que está realmente louco!

— Mas é justamente o que me estou esforçando a lhe dizer.

— Bem! Vejo que não podemos nos entender. Venha fallar com o director do Hospicio, que se occupará do seu caso muito melhor do que eu... Ah, perdão!... Quem sabe si o senhor não é o louco que fugiu daqui a 20 de janeiro?

— Eu?!... Eu?!... Não!

— Então... o pensionista que nos deixou a 24 de dezembro...

(*Continúa na pag. seguinte*)

— Não comprehendo o que está a me dizer!

— Será, talvez o louco furioso que desappareceu a 12 de novembro?

— Não! Já lhe disse! — Explique-me por favor!

— Basta-Basta! Venha commigo!

Abalaram os dois pelos corredores da casa, percorreram galerias e atravessaram jardins até chegarem ao gabinete do director.

João Marquez de Souza ficou um momento sozinho na saleta de espera, emquanto o porteiro prevenia o chefe. Alguns minutos depois, entrou.

Achou-se em frente de um velho senhor carrancudo e condecorado, que o interpellou, com rudeza.

— Que historia é essa que o porteiro acaba de me contar? O senhor pretende estar louco e vem ter commigo? E' engraçado! Primeiramente o senhor não está louco e em segundo logar deveria saber que eu só recebo doentes enviados pela Prefeitura e munidos dos papeis e documentos necessarios! Não me compete saber si as pessôas que vêm para cá estão realmente doentes ou não. Ha os especialistas para isso. Mas é preciso que estejam regularmente inscriptas. Comprehendeu? A menos que o senhor seja um dos doentes evadidos ultimamente. E' talvez o que fugiu em 20 de janeiro?

Um homem sincero

(Conclusão)

— Ah! Mas isto vae recomeçar? Eu sou um homem sincero! Sou incapaz de mentir! Desde que lhe affirmo ser um louco, é porque estou realmente doido! Que fazer para convencêl-o? Devo quebrar alguma cousa, jogar pela janella os livros e os papeis que estão sobre a sua mesa?

O director levantou-se, furioso.

— Não faltava mais nada! Nunca se viu disto!... O senhor está maluco?

— Ah! Mas foi justamente o que me disse o porteiro e desde o momento que o senhor tambem o reconhece, principio a esperar que acabarei por convencêl-o da veracidade de minhas asserções!

— O senhor não me convence absolutamente de nada!... Não me aborreça mais!

E tocou a campainha.

Appareceu o porteiro.

— Leve este homem daqui para fóra! Elle nada tem a ver commigo!

João Marquez de Souza, resignado, deixou-se conduzir docilmente até a grade da rua.

Comprimentou, e voltou para a cidade, sempre a pé! Foi até a Santa Casa de Misericordia, onde nem o deixaram entrar.

Infatigavel, foi bater no portão da Beneficencia Portugueza, mas ninguem quiz prestar fé ao que elle dizia e, afinal, já alta noite, com as pernas bambas de tanto andar, voltou tranquillamente para a Tijuca, feliz e satisfeito, com a sua consciencia de louco em perfeita paz, desde que havia cumprido com o seu dever de homem integralmente sincero...

ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

AO HOMEM PODEROSO

Tú, de olhar duro e autoritario porte,
Que desfrutas um posto de commando
Entre os teus semelhantes, até quando
Pretendes ter o orgulho de ser forte?

No insensato delirio do teu mando,
Tu te esqueces da tua propria sorte:
Tú não te lembras que a velhice e a morte
Vão de ti, devagar, se aproximando...

Tú, que te crês mais forte que o granito,
Que te julgas senhor do mundo inteiro,
E que te achas maior do que o infinito,

— Saberás, ao chegar o teu inverno,
Que tu foste, em poder, tão passageiro,
Quanto em vermes e em pó serás eterno...

ROBERTO LOBO

(Do livro, em preparo, "Cerebro e Coração")

A CARTA PERFUMADA

De Mihail Zoshchenko

APESAR de seu marido ser um activo, enthusiasta operario sovietico, Pelageya não sabia ler nem escrever, sendo mesmo incapaz de garatujar o proprio nome. Muito embora fosse um simples aldeão, o marido havia aprendido alguma coisa durante os cinco annos que vivêra na cidade. Não só aprendêra a assignar o nome, mas outras coisas, muito peores...

E tinha muita vergonha de que a sua cara-metade não soubesse escrever.

— Pelageyushka, você precisa aprender ao menos assignar o sobrenome! — aconselhava o marido — Eu tenho um sobrenome tão pequeno... tão curto!... Só duas syllabas — Kuchkin... E nem isso você sabe rabiscar! E' triste!...

Mas Pelagyea dava apenas de hombros, num gesto de enfado:

— Não ha necessidade, Ivan Nicolaich. Estou envelhecendo... A minha mão já não se póde acostumar a escrever. Para que iria eu aprender a escrever cartas agora? Deixe isso para as crianças. O resto da vida a gente passará de qualquer fórma.

O marido de Pelageya era um homem cheio de preoccupações e não podia dispôr de muito tempo em discutir com ella. Apenas sacudia a cabeça, num gesto de lastima:

— Ahn, Pelageya... Pelageya! E nada mais dizia.

Mas uma vez Ivan Nicolaich chegou em casa com um livro pequeno.

— Isso, Polia, é o mais novo syllabario, organizado de accordo com os methodos mais modernos. Eu proprio vou ensinar as letras a você.

Pelageya sorriu tranquillamente, apanhou o syllabario, olhou-o e botou-o numa gaveta:

— Deixe-o ahi; talvez os nossos descendentes venham utilizar-se delle...

Mas um dia Pelageya sentou-se para trabalhar. Precisava remendar uma parte do paletó de Ivan Nicolaich; havia um pequeno buraco numa manga. Puxou a cadeira para perto da mesa, apanhou a agulha e poz a mão por dentro do paletó.

Qualquer coisa fez barulho no bolso.

— Será dinheiro?

Encarou admirada. Era uma carta. Uma bonita carta com um enveloppe limpo rabiscado com uma letra fina e delicada. Não era só. A carta rescendia um perfume subtil e delicioso de agua de colonia.

Pelageya sentiu algo de estranho no coração. Uma carta perfumada... para o marido...

— Será possivel que Ivan Nicolaich me engane? Será possivel que elle permute correspondencia com mulheres bonitas e caçõe de mim?

(*Continúa na pag. seguinte*)

Olhou o enveloppe, tirou a carta, abriu-a, nervosa. Mas não podia decifral-a. Pela primeira vez na vida sentiu um grande pesar por não saber ler.

— Apesar de não ser para mim preciso saber o que está escripto aqui. Talvez toda a minha vida se tenha de modificar por causa dessa carta e eu tenha de voltar para a minha aldeia, indo trabalhar como uma camponeza.

Pelageya começou a reflectir si Ivan Nicolaich não estava mudando; ultimamente prestava demasiada attenção aos bigodes, lavava as mãos mais do que costumava. Não reparára bem nisso. Não se recordava de nada que o accusasse.... Talvez fosse por não ter tido prevenção!

Ficou sentada muito tempo, olhando inutilmente a carta, resmungando... Mostrál-a a outra pessôa e pedir que a lesse seria vergonhoso. Escondeu a carta em uma gavata, terminou a costura e esperou Ivan Nicolaich. Mas, quando elle chegou, não contou nada. Pelo contrario, mostrou-se tranquilla, falou-lhe como sempre, mas exprimiu habilmente o desejo de aprender a lêr. Estava realmente convencida, dizia, de que era muito triste ser uma mulher illetrada...

Ivan Nicolaich rejubilou-se:

A CARTA PERFUMADA

(Conclusão)

— Ah... Isso é que serve! Eu proprio vou ensinar a você.

— Está bem, ensine-me! — falou Pelageya, olhando o bigode recentemente aparado do marido, um bigodinho quasi artistico, em que o barbeiro se requintára em desvelos.

Dois mezes estudou ella dia por dia, incansavelmente. Aprendeu as letras, depois as syllabas e, por fim, já lia e escrevia com alguma difficuldade palavras e phrases. E cada dia tirava da gaveta e tentava em vão decifrar a intrigante missiva perfumada. A significação comtudo, permanecia impenetravel e mysteriosa.

Um dia, depois de tres mezes Pelageya sentiu que já estava bastante forte para, num tremendo esforço intellectual, devassar o mysterio daquellas garatujas. E, no dia seguinte, quando Nicolaich partiu para o trabalho, Pelageya poz mão á tarefa, que não era das mais faceis, devido á letra caprichosa da missivista e á pouca pratica da leitora. Era uma tarefa que exigia um esforço sobrehumano, mas o suave perfume que exhalava do papel encheu Pelageya de coragem.

E a carta dizia:

"Caro camarada Kuchkin

Mando junto a esta o syllabario que lhe prometti. Estou convencida de que a sua mulher aprenderá a ler dentro de tres mezes. Mas prometta-me, meu amigo, esforçar-se para que ella o faça. Procure persuadil-a, explicar-lhe o quanto são depprimentes as condições em que vivem as pessoas analphabetas. Neste momento em que nos empenhamos em eliminar de todo o territorio da Republica o analphabetismo por todos os meios ao nosso alcance, não será logico, nem coherente, permanecer-mos indifferentes ao estado de ignorancia dos que commosco convivem.

Faça isso por todos os meios.

Ivan Nicolaich.

Com os calorosos applausos da camarada

Maria Blokina"

Pelageya leu duas vezes a carta, com os labios repuxados, sentindo-se algo offendida. Chegou a chorar, mas conformou-se, porque, diabo!, podia ser muito peor.

Tinha sido ludibriada porque não haveria decreto que a obrigasse a aprender a ler e, no entanto, em tres mezes, como predizia a carta, havia aprendido exactamente.

Que desafôra!

Sorrindo...

A PASSAGEM

Os poetas, quasi sempre, não têm espirito. Sabem muito bem fazer declarações amorosas, cantando o cabello ou os olhos de uma linda mulher. Tambem sabem chorar, lyricamente, as suas mágoas, ou exaltar as suas doces horas de alegrias. Raro, porém, é o poeta que diz... graça com espirito sufficiente para fazer rir.

Oswaldo Santiago, meu amigo, é um poeta de brilhante talento. Mestre da rima, tem sensibilidade e conhece a téchnica do verso como poucos. Mas devo, com justiça, declarar que o cantor de "Gritos do meu silencio" é, tambem, um delicioso humorista, digno de ser referido nesta chronica alegre, a proposito de um caso de legitimo espirito.

Ha poucos dias, viajavamos, eu e o Oswaldo Santiago, num trem de Petropolis. Iamos á cidade serrana ouvir um collega do poeta, que no Tennis Club devia falar sobre letras. Compráramos juntos as duas passagens na estação de Barão de Mauá e juntos tomáramos o comboio. Santiago guardára os bilhetes, para apresentál-os ao conductor. Mas, quando este se approximou de nós, e reclamou as passagens, o joven autor de "Formigas com azas" verificou, com desapontamento, que um dos bilhetes havia desapparecido, mysteriosamente, de seu bolso. Revistou calças, paletó e collete. Nada. Só poude encontrar um bilhete, que entregou ao conductor. Voltou-se, então, para mim, que tambem me inquietára deante do succedido, e, serenamente, risonhamente, me disse:

— Vês que amolação!... Perdi tua passagem...

M. C.

PALESTRA durante um concerto.

Ella. — Que estão tocando? Ha muito que começaram?

Elle. — A nona symphonia de Beethoven.

Ella. — Oh, que raiva! Perdemos a oitava!

•

A senhora perguntou ao criado:

— Você vem agora da casa de saúde, José? Como vae o patrão?

Respondeu o criado:

— Vae passando bem. Mas creio que elle ainda ficará algum tempo lá.

— Viste, então, o medico?

— Não, senhora. Mas vi a enfermeira...

•

O *advogado.* — Pois bem: si o senhor quer conhecer minha opinião leal e honesta...

O *cliente.* — Não, não, doutor... Nada disso. Apenas preciso de seus conselhos, como profissional.

•

DE Mirabeau: "Somos nós, os homens, que fazemos com que as mulheres valham o que valem. Eis por que ellas não valem nada."

•

— MEU dentista era um homem excellente: toda vez que me extrahia um dente, me convidava para tomar um whisky.

— E não foste mais ao seu consultorio?...

— Não. Já não tenho um dente siquer!...

•

UM grande vendedor de automoveis usados lançou de repente, no mercado, para liquidál-os a qualquer preço, todos os vehiculos de que dispunha, sem siquer concertál-os, pois acabava de receber a noticia de que, dentro de poucos dias, a praça seria inundada por um novo typo de carro barato.

Vendeu tudo facilmente. Mas alguns dos incautos compradores de pechinchas voltaram sem demora a reclamar contra o que haviam adquirido.

— Esta almanjarra velha que o senhor me vendeu... — começou dizendo um delles.

— Mas, que tem seu carro?

— Que tem? Todas as partes fazem ruido... menos a buzina!

•

DIÓGENES, vendo um bastardo que atirava pedras aos transeuntes que passavam na rua, disse-lhe:

— Cuidado! Pódes ferir teu pae.

•

TERRIVEL duvida: um centauro, sentindo-se gravemente enfermo, monologou:

— E agora, que vou fazer? Devo chamar um médico, ou um veterinario?

•

DE Henrique Méndez Calzada: "Um homem póde viver na cidade tanto mais folgadamente quanto maior fôr sua aptidão para explorar os vicios e fraquezas do proximo".

•

— GARÇON! Aqui ha um erro: minha despesa é de treze mil réis e a somma é de quatorze...

— Desculpe, cavalheiro! Pensei que o senhor fosse supersticioso.

•

— PARA mim — falou Esteves — não representa nenhum esforço pronunciar um discurso. Quando eu era menino, falava em voz alta emquanto dormia...

— Sim — respondeu o Amancio: — e agora você fala emquanto os outros dormem...

•

ERNESTO entrou num máo barbeiro de suburbio.

— Quer que lhe deixe costelletas?

— Não.

— E bigode?

— Tambem não.

— Tiro-lhe, então, tudo?

— Tudo, não.

— Que quer que lhe deixe, então?

— A vida.

•

— PATRÔA! Está ahi o afinador de pianos.

— Mas eu não o chamei.

— Elle diz que foi o vizinho da esquerda que lhe telephonou mandando-o vir aqui.

•

DE Etienne Rey: "O coração nasce aventureiro e morre burguez."

•

UM ladrão, accusado de haver roubado o relogio de um amigo, é interrogado na delegacia:

— Você não experimentou nenhum temor quando roubava o relogio de seu pobre amigo? — perguntou-lhe o delegado.

— Sim, seu delegado — respondeu o meliante. — Temia que não fosse de oiro.

O CASTELLO

NÃO te esqueças, Germana, que tens que ir ao castello — disse a mãe.

E a joven respondeu:

— Sim, mamãe, eu não me esqueço. Irei sem falta. Dize-me, porém, o que devo fazer lá.

Mãe e filha se achavam em uma saleta modestamente mobiliada, que dava para o jardim. O dia começava a declinar e a noite se approximava. O relogio da igreja da aldeia bate as quatro da tarde.

Germana accendeu um lampeão e o collocou sobre uma pequena mesa, junto á qual um joven escrevia. Este levantou a cabeça, e os dois trocaram um affectuoso sorriso.

— Então não sabes? — disse a mãe. Esta manhã recebi uma carta da condessa, que, como sabes, partiu para Nice. Ella me pede que lhe envie immediatamente seu despertador de viagem, que esqueceu sobre a chaminé de seu "boudoir".

— E o guarda do castllo?

— Está ausente. Foi a Paris assistir ao casamento do filho, e deixou as chaves commigo. Mas tu conheces tudo. Em que estás, pois, pensando?

— Nesto — respondeu Germana, acariciando suavemente o cabello do joven que estava perto della.

André Darvin voltou a contemplar, com ternura infinita, aquella que, no mez seguinte, ia ser sua esposa, e lhe disse:

— Queres que te acompanhe, Germana?

— Não, não!... Acaba de escrever as tuas cartas, que devem seguir hoje.

— Não tens medo?

— Medo de que?

— De ir sozinha por ahi a fóra. Os roubos e os assaltos se repetem desde ha algum tempo na aldeia.

Ella se poz a rir. E respondeu:

— Os ladrões operam de noite, e eu dentro de meia hora estarei de volta. Voltarei, portanto, ainda com dia.

André consultou o relogio.

— Pois, si dentro de meia hora, isto é, ás cinco menos um quarto, não estiveres aqui, irei ao teu encontro até o castello.

— Então vou correndo. Si pudesse, iria voando.

Entretanto, ella não correu. Foi tranquillamente, com a calma e a coragem que a caracterizavam. Germana era uma dessas mulheres decididas, donas de si mesmas, que a tudo enfrentam com serenidade. Adorava seu noivo, para quem se voltavam todos os seus pensamentos.

O portão do castello se erguia a quinhentos metros da aldeia, no extremo de uma quadrupla avenida de pinheiros. Germana abriu-o e foi caminhando até o edificio. Ao se approximar, pareceu-lhe ouvir rumor. Não fez caso, attribuindo-o ao barulho do vento ou a outra coisa qualquer. Abriu a porta do terraço. O caminho era-lhe bastante familiar, pois frequentemente visitava a condessa. Atravessou o vestibulo e foi andando por um corredor que passava por traz das salas de recepção, em cujas paredes ecoavam, devido ao silencio, os seus passos seguros.

— E' tempo — disse Germana, comsigo. — Não demorarei.

Abriu uma porta e entrou.

Viu-se, então, bruscamente atacada. Duas mãos a agarraram pela garganta e a sujeitaram. Ella soltou um grito, suffocado pela oppressão. E cahiu. E, ao cahir, viu, atraz do homem que a segurava, outros homens de caras sinistras e expressão inquieta e má, que a olhavam inclinados sobre ella.

— Não a solte — disse um delles. — E tu, rapariga, si te moveres, te liquidaremos agora mesmo. Ouves?

— E' bom liquidal-a de uma vez! — rugiu um outro.

Germana foi amarrada, amordaçada. Sentia no pescoço as mãos terriveis que a estrangulavam.

Desfallecendo, abandonou-se, resignada, á sorte inevitavel. Mas, uma voz rude, imperiosa ordenou:

— Alto lá! Esperemos ainda um pouco, até ver de que se trata.

E, para Germana:

— De onde vens, menina?... que fazes por aqui?... Falava com tal autoridade, que os outros deceram. Tirou a morçada, desatou as cordas que amarravam a moça e exclamou:

— Eu a conheço!

Germana tambem o reconhecera: era um antigo criado do castello que fôra despedido por causa do estranho desapparecimento de uma joia. A condessa suspeitára delle e o mandára embora.

O typo continuou:

— Sim, conheço-a muito bem. Ia á missa com minha patrôa... Uma beatona... Ainda esta manhã, emquanto eu rondava, a vi sahir da igreja em companhia de um typo da cidade, seu noivo, conforme me disseram.

Germana estremeceu dos pés á cabeça. André Darvin iria ao castello! Não tinha pensado nisso emquanto os homens á sujeitavam. Agora se lembrava. Seu noivo dissera-lhe que, si ella tardasse, iria ao se uncontro, iria buscál-a ao castello! Santo Deus!

O bandido que tinha ares de chefe inclinou-se mais, e lhe disse:

— Dize-me, pequena: vaes denunciar-me?

— Não.

Elle soltou uma gargalhada.

— Estás com mêdo e, por isso, te promette tudo o que a gente te peça. Mas, fica tranquilla: não te faremos mal. Teremos uma hora ou duas para agir, e nesse tempo poderemos levar tudo o que nos pareça. Até que te venham buscar...

Germana declarou com firmeza:

— Não virão dentro de duas horas, nem tampouco de uma; virão dentro de dez minutos, no maximo.

— Que dizes?

Todos os bandidos se sobresaltaram, e se prepararam para fugir. Um delles gritou:

— Salve-se quem puder! Fujamos!

— Deixa de ser estupido! — disse o chefe. — E's um covarde. Não vês que não podemos sahir agora?

— E se nos agarrarem?

— Imbecil! Então, querias desperdiçar uma optima occasião como esta?... Um castello que está á nossa disposição com todas as suas riquezas, que apenas teremos

De Maurice Leblanc

...trabalho de metter num automovel e partir?... Queres disperdiçar isso?...

— Mas, é que...

— Faze o que te mando, idiota, ou, então, me deixa fazer...

Inclinou-se de novo sobre Germana e, com voz sinistra, lhe perguntou:

— Quem vem buscar-te?

— Meu noivo e dois amigos delle.

— Mentira! Teu noivo sozinho... não é assim?

— Elle está armado, e chamará por alguém — replicou ella.

— Olha, basta de palavras inuteis. Tu o amas?

— Sim... e muito!

— Pois bem. Estás livre. Agora, vae correndo. Mas...

— Que?

— Si o encontrares no caminho, toma-lhe do braço e volta prudentemente a tua casa juntamente com elle. E até amanhã nem uma palavra a nosso respeito. Está combinado? Silencio absoluto... Parece-me que isso vale bem a vida que te deixamos e a vida de teu noivo...

— Está combinado.

— Então, jura-o.

— Juro-o.

— Mas, jura-o por teu noivo, por sua salvação eterna e pela tua.

Germana repetiu:

— Juro-o por aquelle a quem amo, por sua salvação eterna e pela minha.

— Muito bem.

E soltaram-na. Germana sahiu a correr.

— E' uma loucura — disse um dos cumplices. — Ella falará.

— Não falará — contestou o chefe. — Conheço-a bem. Garanto como não falará.

E da porta do castello ainda gritou para Germana, que se afastava:

— Não te esqueças que qualquer um que venha ao castello antes de duas horas será assassinado! Sabes? Fico aqui atraz da porta, de guarda. E qualquer pessôa que entre, levará uma machadada. Adeus, formosa, e reza por mim!

Germana voava quasi. Corria espavorida, procurando, com olhos anciosos, lobrigar a silhueta de seu noivo. Mas, não o viu.

De repente, se deteve. Passavam dois gendarmes, e ella, instinctivamente, quiz se lhes dirigir. Mas, não o podia: as palavras sagradas de seu juramento, gravadas em sua austera consciencia, impunham-lhe silencio. E ella jurára pela salvação de seu noivo. Faltar, pois, a esse juramento era attrahir a degraça para o seu amor. Não. Ella não tinha, absolutamente, o direito de falar.

Continuou seu caminho. Além disso, o relogio da aldeia batia tres quartos: faltavam apenas quinze minutos para que se escoasse o prazo fatal das duas horas. Já não havia perigo. Graças a Deus! Não havia mais perigo: os dois ladrões abandonariam o castello.

Chegou, afinal, á sua casa, e se deixou exhausta cahir numa cadeira da sala de espera. Ouviu duas vozes que conversavam na sala vizinha. Sua mãe e seu noivo não se tinham movido. Aguardavam, palestrando, o seu regresso.

Ali permaneceu durante algum tempo, as mãos juntas, tremendo de felicidade, bemdizendo a Deus, agradecendo-lhe com toda a sua alma religiosa. E chorava de alegria, pensando que a vida é coisa adoravel e que não ha nada no mundo mais doce do que o amor.

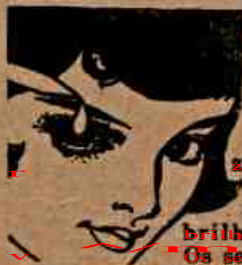
Sua mãe foi encontral-a sentada naquella sala quasi em penumbra, que estava apenas illuminada pela luz mortiça de uma vela.

— Que estás fazendo ahi? — perguntou-lhe.

— Estou cansada... Andei com um pouco de pressa...

— E o relogio da condessa?

Germana não se lembrava delle. No emtanto, disse ao acaso:

Dei-o á creada para fazer embrulho.

A mãe proseguiu:

— Mas — não vás ficar ahi. Tenho que falar-te. Vem. Trata-se de um assumpto importante.

— A respeito de que?

— A cerca dos preparativos para o casamento de vocês. O senhor cura desejava fazer os proclamas no proximo domingo...

— Amanhã, irei vêl-o — respondeu a joven.

— Não precisa incommodar-te. Aqui está tudo prompto.

— Aqui?

— Conversaremos, eu e elle, a esse respeito, emquanto te esperavamos.

— Ah! — murmurou Germana, presa de uma vaga inquietude. Pois, então, é falares com André...

— Com teu noivo?

— De certo. Elle póde responder tão bem quanto eu...

— Mas André sahiu.

— Que?!

— Sim. Foi ao teu encontro. Não o viste?

— Que?! Que estás dizendo?! — exclamou Germana, com voz suffocada pela angustia.

E poz-se de pé, agitada, louca de dôr.

— Não é possivel, mãe!... Não póde ser!... Vamos ver... Como é que elle sahiu, si eu não o vi pelo caminho?!

— Por que essa agitação? — perguntou a mãe. Nada mais natural. André terminou sua correspondencia e foi leval-a ao correio. Dali, então, ter-se-á dirigido ao castello, pelo caminho mais curto...

Germana vacillou, espantada. Evocou o homem que deixára atraz da porta do castello, com um machado na mão, á espera de quem ali entrasse.

E, de repente, sahiu a correr como louca, pensando em André. Si elle houvesse errado o caminho do castello! Si lá não tivesse chegado!

E, emquanto corria, gritava. Gritava de modo lastimosamente angustioso:

— Soccorro! Soccorro! Por aqui! Ao castello! Soccorro!

Varios camponezes a seguiram. Depois de alguns minutos, chegou ao portão, atravessou o jardim, subiu...

A porta estava aberta. Mas, seus pés tropeçaram com alguma coisa que jazia no chão...

Inclinou-se, e tocou um corpo inerte... Chegaram os camponezes... A' luz de um phosphoro, a joven reconheceu seu noivo, livido, com um punhal cravado na garganta. Estava morto.

A HONRA DOS MALCOLM

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— E que fazia ella quando estava só até tarde?

— Umas vezes cantava, outras lia, ou escrevia cartas. Quasi sempre, estava triste e não fazia nada.

Sherlock approvou com a cabeça. Sabia que lady Mary, apesar das brilhantes condições da sua existencia, soffria muito de ataques de melancolia.

Continuou o interrogatorio:

— Onde guardava a senhora a chave da sua secretária?

— Quasi sempre a trazia comsigo. Muitas vezes deixava-a todo o dia em cima da mesa em que escrevia. Mylady não tinha segredos.

— Do que não podem duvidar é que tinha inimigos: sem isso, qual seria o movel do crime? Tinha as suas joias comsigo e não lhe roubaram nenhuma.

— O senhor encontrou, por ventura, o dinheiro que a minha senhora foi hontem receber ao banco?

— Onde estava elle? Na algibeira?

— Não, senhor: numa caixinha mettida na parede do "boudoir".

Sherlock levou Betsy para lhe mostrar o sitio da caixa.

Por traz de um antigo Gobelin, trabalho admiravel, havia um armariosinho escondido na parede.

A chave estava na porta.

— Ah! lá está a chave! exclamou Betsy. Nunca Milady a deixou na porta. Houve roubo, com toda a certeza!

Sherlock mordeu os labios. O roubo fora o movel do crime, isto era evidente. Era necessario, pois, procurar conhecer, quanto antes, os numeros dos titulos roubados, para os competentes avisos aos estabelecimentos de credito.

Tudo parecia indicar que a causa do assassinato fôra o dinheiro. Ainda assim, esta voz interior, a não cessava de dizer a Sherlock que o verdadeiro movel não era o roubo; e elle promettia a si mesmo que os seus admiradores chamavam o seu instincto, desvendar o mysterio.

— Eu aprofundarei o negocio, dizia elle entre dentes. E, sem dizer mais nada, foi para a porta da rua.

Harry não podia tardar.

Dahi a momentos avistou-o ao entrar na praça.

— Não sei se trago coisa que preste, disse o rapaz ao mestre. Aqui está a lista dos hospedes actuaes do Hotel Globo. Entre elles ha um que foi chamado ao telephone por lady Mary Malcolm.

— Quem te disse isso?

— O guarda-portão. Foi elle mesmo que recebeu a communicação. Era uma voz de homem, que disse ao snhor Lovell que devia ir á noite a casa de lady Mary.

— E tu disseste ao porteiro que lady Mary Malcolm tinha sido assassinada algumas horas depois?

— Oh! nessa não cahia eu. Limitei-me a perguntar quem era esse senhor Lovell. Responderam-me que era um senhor muito elegante, que viajava em companhia de uma creatura muito formosa de cabellos negros — o porteiro não falou em dama. Esses dois individuos pareciam ser artistas, ou coisa semelhante. Viviam á grande e faziam todos os dias muitas e custosas despesas extraordinarias que pagavam á vista. Lovell partiu hontem á noite, ás onze horas.

— Muito bem, meu Harry, graças aos teus bons serviços, vamos avançar um pouco. Sabemos, então, que esse tal Lovell foi chamado hontem á noite por um homem talvez o excellente Pedro. E esse appello seria fingido ou realidade? O Lovell será, ou não, o assassino? Hei de saber isso no dia que começa. Tu vaes ficar aqui. Não convém abandonar esta casa á vigilancia unica dos nossos bons amigos da policia regular. Tomem muito cuidado, que não percas de vista as duas criadas, e, se souberes alguma novidade, participa-me logo por um destes caros policias.

— E onde devo mandal-os?

— Eu daqui vou direito ao Hotel do Globo. Depois irei á casa tomar um banho para estar fresco e bem disposto. Fumarei em seguida uma cachimbada e, ahi pelas nove horas, estarei de volta.

Shrlock, dirigindo um amistoso adeus ao seu discipulo, pegou no chapéo e no sobretudo, e deixou a casa, a passo tranquillo.

Harry viu-o affastar-se, espantado.

Esta tranquillidade apparente, seria um subterfugio? Ou a febre profissional teria invadido este mestre, que elle tanto estimava, a ponto de apagar de si todo e qualquer sentimento pessoal, para se tornar só e puramente um beleguim, um sabujo, lançado na pista, no rastro?

CAPITULO III

UM MARIDO INDIFFERENTE

Um homem de alta estatura e elegante de porte e maneiras, desembarcou á tarde em Londres, vindo de França. De physionomia descorada e impenetravel, chegou ao pé do palacio Malcolm.

Era lord Henry em pessoa, que pedira de Paris um comboio especial para poder apanhar o transporte maritimo em Douvres.

Com o passo egual, a cabeça de cabello negro um pouco deitada para traz, segundo costumava, penetrou em casa.

Que coisa iria elle conhecer?

Que significava o terrivel telegramma, apesar de muito vago, do celebre policia, que elle sabia relacionado com sua mulher?

O silencio profundo que o recebeu, o aroma das flores e de pinheiro verde, fizeram-lhe arrepios.

O primeiro homem com qum deparou nessa casa, tão estranhamente transformada, foi Sherlock que lhe sahiu ao encontro, de mão estendida.

— Desculpe-me, mylord, disse-lhe elle a meia voz, de não ter-lhe telegraphado de modo mais explicito. Não quiz annunciar-lhe muito bruscamente a tragica noticia.

— A tragica noticia? Que quer dizer?

escrupulo de não empregar mal o seu dinheiro, acho que não haverá inconveniente em satisfazer este meu pedido.

Tenciono partir um destes dias para a Escossia, e á ultima hora lhe pedirei algum dinheiro.

Agora, passo menos mal de saude.

Divirta-se o mais que puder.

— O senhor não comprehende, mylord é que sua esposa foi victima de um aleivoso assassinato!

Malcolm deixou-se cahir pesadamente sobre um banco do pateo.

— Morta! murmurou elle com voz que mal se ouvia. Diz-me que minha mulher está morta?

Sherlock fez um gesto de cabeça affirmativo.

Por alguns segundo, o lord ficou como que petrificado. Parecia ter perdido os sentidos.

Palpitavam-lhe as narinas. Procurava recuperar a respiração. Uma pallidez mortal lhe cobriu as feições regulares.

Mas este estado não se prolongou muito.

Cerrou os labios, endireitou-se no banco, e disse, por entre dentes cerrados:

— Conte-me tudo! não me occulte nada.

O policia fez a sua narração.

O mais breve possivel, Sherlock contou as peripecias do drama, como si se tratasse de um caso indifferente. E elle, com semblante sereno e calmo, escutava, como se lhe estivessem a falar de uma desconhecida.

Quando Sherlock terminou, o lord passou a mão pelos olhos e perguntou com voz surda:

— Não sabe mais nada? Quem é o assassino?

— Ao certo, não sei. Pelo que diz respeito a presumpções, não direi nada senão depois de se tornarem certas.

— Mas o senhor Holmes comprehende perfeitamente o que eu quero, desejo saber em que sentido encaminha as suas supposições. Julga que o crime se funda no roubo?

— E v. ex., mylord, não pensa assim?

— Tenho medo que haja no facto uma outra coisa. Não quero dar-lhe uma indicação que o induza em erro, mas supponho que ha ciumes neste drama.

— Ciumes? Então julga que lady Mary tivesse um... admirador?

— Oh! tinha até de mais! Admira-se? Minha mulher era muito formosa, bem sabe, e todos os homens que chegavam a conhecel-a por ella se apaixonavam. Tambem não deve esquecer, que ella mantinha relações com certas personalidades da sua antiga existencia theatral, personalidades cujas concepções, no ponto de vista dos costumes e da honra, differem essencialmente das que se formam no mundo em que vivo. Não pensava num admirador — não nos entendemos. Existe alguem com immensos ciumes de lady Mary por minha causa.

— Mylord, disse friamente Sherlock, eu é que não tenho que decifrar semelhantes enigmas. Queira falar claro e precisamente. Quer dizer que teve, ou ainda tem relações com uma mulher que tinha ciumes da legitima esposa de v. ex.?

O lord approvou com a cabeça.

— Penso que tenho responsabilidade na occorrencia. Tem ouvido falar da bella Ellen Brewer?

— A Amazona?

— Essa mesma. Era minha amante antes de me casar. Emquanto que eu não sentia por ella senão uma passageira paixão, a má sorte quiz que Ellen experimentasse por mim um profundo e violento amor. Não poude esquecer-me, e appareceu-me um anno depois do meu casamento.

— Ora vejam! V. ex. poude oppor sua verdadeira esposa a essa amazona de circo. Isso não se admitte "no mundo que v. ex. frequenta", onde ha uma tão elevada concepção dos costumes e da honra!...

O lord encarou com altivez o policia, que sorria amargamente:

— Ellen Brewer é o amigo com quem fui agora a Paris.

— Ah, desse modo essa mulher não pode ser suspeita de cumplice no crime?

— Ellen? não, decerto. Mas tem parentes e amigos muito dedicados aos seus interesses. Assassinaram talvez minha mulher, porque toda essa sucia esperava que eu a desposasse, quando estivesse livre.

— E v. x., tinha dado alguma esperança a miss Ellen, nesse sentido?

O lord endireitou-se.

— Toma-me, então, por instigador do crime? Nunca prometti semelhante coisa a Ellen. Eu amava minha mulher; accedi a esta viagem só e simplesmente por fraqueza da minha parte, sem coragem para me oppôr á imperiosa paixão della.

— E miss Ellen estava presente, quando v. ex. recebeu o meu telegramma?

— Não: estava dormindo, e eu parti sem acordal-a. Ella tinha tenção de voltar a Londres amanhã, por ter cá negocios a tratar.

— Está bem, Mylord. Far-me-á favor de dar-me a morada dos paes de miss Ellen Brewer?

— Sinto muito, mas nunca tive relações com essa gente. Minha mulher é que frequentava ainda algumas pessoas desse jaez. Ella é que poderia responder-lhe melhor do que eu.

Sherlock Holmes tomou algumas notas rapidas na sua carteira, despedindo-se logo do lord.

— Não quero perturbar por mais tempo o... luto de v. ex., disse elle ironicamente. Posso, então, proseguir nas diligencias da descoberta do crime, Mylord?

— Boa pergunta! se eu o não tivesse encontrado aqui, o meu primeiro cuidado seria chamal-o. Parece-lhe que esta morte terrivel me não afflige sufficientemente?

— Oh! peço perdão, observou o policia: desempenho aqui o papel de policia e guardo para mim quaesquer sentimentos que o crime me possa suggerir.

— O caso não é esse, senhor Holmes. Sei que era um bom e grande amigo de Mary; é por isso que desejo dar-lhe mais um pormenor, que, de certo, o vae surprehender. Tom lá isto, queira ler.

E Malcolm deu-lhe uma carta, escripta por Mary alguns dias antes.

A carta dizia assim:

"Meu caro Henry,

Peço-lhe que me mande um cheque de dez mil libras.

Se a quantia lhe parecer um pouco exaggerada, lembro-lhe que devo á costureira uma elevada somma, assim como á modista, com quem desejo saldar contas

Como agora se encontra em Paris com o seu amigo, e as despesas ahi não serão grandes, pelo natural

(*Continúa na pag. seguinte*)

Recommende-me ao seu amigo de collegio, se bem que não tenha o gosto de o conhecer, e receba affectuosas lembranças e beijos da

"Sua Mary"

— E então? perguntou Sherlock Holmes. E depois?

— Naturalmente, mandei-lhe o cheque, e, como ha pouco me disse, minha mulher recebeu-o. O que é extraordinario é que esse dinheiro não era para a costureira, nem para a modista! Telegraphei a ambas para fazer uma surpresa a Mary: queria pagar as facturas e deixar o dinheiro para ella. Mas as duas responderam-me que Mary "infelizmente" nada lhes devia, por ter pago tudo, á vista das contas...

— Ah! de modo que o dinheiro teve outro destino?

— Effectivamente. E um destino que ella me occultou. Até então nunca minha mulher tivera segredos para mim. Era a primeira vez que me mentia. Assim perguntarei eu: para que queria ella tanto dinheiro?

Sherlock Holmes estava como que abstracto, a olhar na sua frente, com ares de quem não está satisfeito.

Lady Mary era pura como um anjo. Não teria duvida nenhuma em jural-o.

O dinheiro não apparecia e não tinha sido roubado, mas, verdadeiramente, dado á visita, que se lhe apresentou em casa nessa noite nefasta.

O detective decidiu continuar o inquerito encetado. Quiz despedir-se do lord, mas este reteve-o:

— Disse-lhe, meu amigo, que eu amava minha esposa. Acredite-me se quizer. Sei que os meus actos discordam do que digo. Mas tome bem nota disto:

"Esta morte deve ser vingada, e ha de sel-o.

"Não se poupe a despesas, por grandes que sejam. Espalhe á roda de si ouro ás mancheias.

"Quer seja a familia de Ellen Brewer, quer seja ella propria que o tenha commettido, não quero que o assassino escape ao rigor das leis...

"Será excusado accrescentar que os seus proprios honorarios serão calculados com a generosidade de um principe.

Sherlock Holmes fez-se vermelho até á raiz dos cabellos.

— Desculpe, respondeu elle com grande aprumo. Metti-me neste negocio porque a desventurada lady Mary me chamou em seu soccorro. Jamais consentirei que esta intervenção, inutil ou não, me seja paga. Si tiver a fortuna de conduzir as minhas investigações a ponto de conhecer a verdade, a satisfação do bom exito dos meus esforços em indemnizará larga e sufficientemente dos incommodos que tiver.

E, fazendo uma grande mesura, sahiu. Mas não deixou a casa.

— E' necessario que eu observe um pouco este marido extraordinario, murmurou elle; e metteu-se pela escada, que dava para um terraço, mesmo defronte das janellas do quarto de lady Mary.

Avançou com a maxima precaução e olhou para dentro.

O que viu emocionou-o bastante.

Lady Mary jazia estendida no seu caixão, no centro do compartimento, com as admiraveis mãos em cruz sobre o peito... Reflectia-lhe o rosto uma expressão de paz e repouso, que ella nunca em vida tinha tido.

Abriu-se a porta e appareceu lord Henry.

Tinha os punho fechados e collou-os nas fontes como se receasse que a cabeça se lhe abrisse.

Pintava-se-lhe nas feições, até ali tão impassiveis, uma dor extraordinaria. Cahiu junto do feretro, como a arvore arrancada pelo tufão.

E assim ficou por muito tempo.

Sherlock Holmes viu um immenso suspiro inchar-lhe o peito, e correrem-lhe dos olhos magoados abundantes lagrimas, cada vez que se fixavam no rosto da morta.

Por fim, ergueu-se, e foi direito á caixinha em que Sherlock Holmes tinha procurado o dinheiro desapparecido.

As mãos tremulas do lord palparam a parede por um instante.

Fez um esforço, uma parte da parede entrou na sua grossura, e o lord tirou um masso de cartas.

Aproximou-se da lampada, e examinou-as uma por uma. Do sitio em que estava, Sherlock Holmes, com a sua agudissima vista, poude ver que não eram da letra do lord, rasgada e espessa, mas de uma calligraphia fina e acanhada.

A janella não estava completamente fechada, e o policia ouviu estas palavras:

— Até que emfim... são minhas! dizia o lord, com uma voz aspera, quasi cruel.

"Oh! Mary! Ninguem no mundo saberá o que fizeste. Prefiro passar por um devasso, por um marido infiel. Melhor é isso do que se, á perda cruel que experimentei, viesse juntar-se o chasco de toda a gente.

Depois, fechou a caixinha, cuja existencia elle agora cuidava só conhecer, tirou a chave da fechadura e metteu-a na sua carteira.

— Ninguem irá procural-as ali dentro, murmurou o lord. E, emquanto eu viver, ninguem lerá as cartas que fariam luz imprevista sobre esta morte mysteriosa.

E o lord, puxando uma cadeira para o pé do caixão mortuario, ali se quedou, abysmado na contemplação daquelle bello rosto, tão descorado, que parecia sorrir, com um sorriso de paz mas tambem profundamente mysterioso!

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.)	46$000
Semestre	(26 »)	25$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.)	70$000
Semestre	(26 »)	36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.)	78$000
Semestre	(26 »)	40$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.)	115$000
Semestre	(26 »)	60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey Rue Tronchet, 9 — Paris — France VIII Ludgate Hill. — Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$000

MOLESTIAS DOS RINS

As dôres agudas, como punhaladas, nas cadeiras, podem revelar desordens nos rins!

Pontadas agudas e penetrantes nas cadeiras ao levantar-se. Dôr ao voltar o corpo á posição vertical. Não acha V. S. que estes symptomas podem ser provocados por desordens renaes? As dôres nas cadeiras, ao curvar e mover o corpo, revelam que existe algum mal no organismo. Provavelmente o começo de lumbago, rheumatismo ou affecções da bexiga.

Esses males têm frequentemente sua origem no excesso de bacterias e venenos accumulados no sangue. Os rins não desempenham a contento a sua missão de fórma que, estas toxinas, ao serem expulsas do organismo, são levadas pela torrente sanguinea a todas as partes do corpo, excitando os nervos sensitivos.

E' necessario pois, que os rins cumpram a sua missão de eliminar do organismo as impurezas que possam ser causa de seus soffrimentos. Temos que os activar assegurando seu bom funccionamento. Para este fim aconselhamos um tratamento com as Pilulas De Witt. Este medicamento fortalece os rins, limpa as vias urinarias, livrando por este meio o organismo de certas impurezas.

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Moléstias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd.
(Dept. R166), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

QUEIRA ESCREVER COM CLAREZA.

Mande em envelope aberto... sello 20 Reis

Casa de Saude Dr. Francisco Guimarães

RUA ARISTIDES LOBO, 115

PHONE 2-1266

Secção de Maternidade

PARTO COM INTERNAÇÃO EM ENFERMARIA COM 4 LEITOS.... 300$000

QUARTO PARTICULAR... 450$000

Dôres de cabeça

● SeV. Sa. soffre de dôres de cabeça, não ha duvida de que são provocadas por excesso de acidez em seu organismo. Combata o mal pela raiz, tomando Leite de Magnesia de Phillips, o anti-acido-laxante ideal, que eliminará a causa. Mas assegure-se de que é o legitimo—isto é, o que leva o nome Phillips. Recuse as imitações.

LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS

o antiacido-laxante ideal

Ouvidor, 98
Rio

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

S. Bento, 35
S. Paulo